Porto Alegre, Ano II, Nº 11, Cr$ 5,00 Dezembro de 1976

coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

CORTESIA DO EDITOR

foto Jacqueline Joner

Em quatro eleições, ele foi de São Borja à Presidência e só voltou morto

JANGO
A MORTE NO EXÍLIO

"SEM O REVÓLVER NA CINTURA, ME SINTO NÚ"

Conheça Ludovico Meneghelo, o escritor que conta a história de Artur Arão, o *Lampião de Santo Ângelo*

Porque a medicina é cada vez mais cara

Grêmio: um milhão de dólares pelo vice-campeonato

cooJORNAL

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1974, pertence à primeira cooperativa de jornalistas do Brasil, a COOJORNAL, que foi fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 299 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital ou trabalho, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e qualidade de suas publicações próprias e de 16 outras publicações que faz para terceiros.

Editor
Elmar Bones da Costa

Redação
José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Guaraci Fraga **(editores)**. André Pereira, **Ricardo Schmit, Elaine Lerner, Jorge Freitas, Najar Tubino,** Adélia Porto da Silva, Euclides Torres, Pedro Maciel, Marina Wodtke, Maria da Graça Silva, Lenora Vargas, Marco Antônio Schüster, Paulo Antônio Fogaça, Valdoar Teixeira, Luís Fonseca **(repórteres e redatores)**, Luiz Grassi **(Brasília)**, Gilberto Pauletti, Roberto Manera, Paulo Totti, **Belisa Contino (Rio)**, Hélio Teixeira, Amilton Vieira, Pedro Franco Cruz **(Curitiba)**, Jorge Escosteguy, Caco Barcellos, Geraldo Hasse **(São Paulo)**, Jacqueline Joner, Guto Cruz, Eneida Serrano, Ricardo Chaves, Assis Hoffmann, J. B. Scalco **(fotografia)**, Luiz Carlos Ferré, Lilian Bem David, Dirceu Zaremsky **(arte)**, Nilson Figueiredo **(coordenação técnica)**, Dejair Boeira, Maria Isabel Timm **(revisão)**, Carlos Milton de Goz Rios **(produção técnica)**, Paulo Sá, Olmiro Lempek, Atil Vineton **(montagem)**, Hélio Pinho, Ivan Carlos Franco **(composição)**.

Gerência
Eládio Vieira da Cunha

Comercial
Gabriel Mathias

Circulação e Assinaturas
Carlos Alberto Wagner

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372 — Fones 24-0951 e 21-8984 — Telex (0512) 1605- CEP 90.000, Porto Alegre, RS.

Impressão : Oficinas do Diário de Notícias

Fotolitos: SMITH

ASSOCIADOS: José Antônio Vieira da Cunha **(Presidente)**, Osmar Trindade **(Vice-Presidente)**, Maria da Graça Seligman **(Secretária)**, Luís Cláudio Cunha, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Guaraci Fraga, Carlos Karnas, Antonio Oliveira, Marcelo Oscar Lopes, Assis Hoffmann, Emanuel Gomes de Mattos, Carlos Henrique Bastos, Edgar Vasques **(Conselheiros de Administração)**, João Borges de Souza, Tomás Irineo Pereira, Alberto André, Agnese Schiffino, Sérgio Becker, Antônio Gonzales, Carlos Mosmann, Luiz Carlos Felizardo, Euclides Torres, Leo Tavejnhanski **(Conselheiros Fiscais)**, Jorge Polydoro **(Diretor-Superintendente)**, Adélia Yates Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Affonso Ritter, Angela Riccordi, Antônio Britto Filho, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace da Silva, Caco Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Elmar Bones da Costa, Érico Valduga, Erni Quaresma, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imara Stallbaum, Jandira Maria César, José Antônio Ribeiro, Félix Valente, Julieta Nunes Pereira, Licínio de Azevedo, Luiz Carlos Merten, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke Abu-Jamra, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam Borges da Cunha, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson A. de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Ricardo Chaves, Rosvita Sauressig Laux, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis de Olivera Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliaev, Divino Fonseca, J. B. Scalco,. Eva Maria Caparelli, Maristela Bairros, Luiz Rache Vitello Fº, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Martins Freitas, Renan Antunes de Oliveira, Mário Eugênio da Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Paulo Burd, Gomercindo Coitinho, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Luiz Paulo da Pilla Vares, Paulo Roberto Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch da Silva, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro José de Quadros, Maria Inês Burger Marques, José Antônio Pinheiro Machado, Olívio Lamas, Silvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, José Abu-Jamra, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Rômulo Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Valdir Barbosa Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Luiz Augusto Rebés de Abreu, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Maria Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Rosa Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Jamardo Failace, Santa Irene Rosa, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Tellini Figueredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Alberto Arteche, Neuza Maria Ribeiro, Edgar Planella, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cíntia Maria Nahra Leal, Leonardo Berlese Dourado, Edson Gomes Chaves Fº, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaine Maria Silveira, Adroaldo Bauer Spíndola Correa, Vera D. Barcellos, Sibyla Loureiro, Humberto Andreatta, Christia Berger Kuschick, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladymir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Mathias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Chagas de Moura, Paulo Antônio Fogaça, Severino de Araújo Goes, Fernando Guedes, Neltair Rebés Abreu, Maria da Graça da Silva, Walmaro Paz, Ana Elusa Sperb Rech, Milton Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luísa Paim Teixeira, Júlio Tadeu Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Koziminski, Najar Tubino, Marise de Martini Fetter , Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Roberto Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmem Maria Laviaguerra, Nelson Baibich, Francisco Daniel L. da Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Teresa Costa, Juarez Fonseca, Carlos Gilberto X. da Rocha, Jorge Gallina, Maria Eloir da Silveira, Renato Kern, Vera Suzana Kern, Valmório Oliveiro Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higino Cosme Barros, José Enedir Francisco, José Roberto Garcez, Luiz Telmo Emerim, Valdir da Silva, Norberto Hoffmann, Sérgio Batsow, Cândido Augusto Cruz, Francisco Juska Filho, Carlos Rafael Guimarães, Gilberto Ribas dos Santos, Carlos Frederico Menz, Eduardo Serrano San Martin, Ilza Maria Tourinho Girardi, Eugenio de Faria Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar de Oliveira Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Souza Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Wilson Silveira de Moura, Ênio Roberto Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Magno Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling Pereira, Fernando Fuentes Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luís Carlos Ferreira, Anibal Bendati, Arthur Xavier de Oliveira Filho, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch da Silva, Olides Canton. Roberto Augusto Thomé, Rogério Raupp Ruschel, Luiz Fernando Veríssimo, José Luiz Goulart Prévidi, Maria Elaine Alves Borges, Eduardo Rômulo Bueno, Guaracy de Souza Cunha, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Pacheco Toralles, Luiz Ricardo Lanzetta, Alice Inês de Verney Lorenzi, Ana Maria Barros Pinto, Lotário Neuberger e Ubirajara Silva Prates.

Coojornal na sala

Amigo Editor,

A imprensa brasileira sofreu com o vazio criado depois de 1968. Abaixo de chuvas e trovoadas surgiu o Pasquim e depois os jornais Opinião, Ex-, Informação, Movimento, Versus, e o *Coojornal*. Variando na tática, mas com uma visível uniformidade de estratégia, estes jornais tentam se manter e informar o público das andanças de nossa economia, política e cultura.

O sofrimento das equipes de jornalistas em manter de pé seus movimentos é sentido nos quartos das casas dos estudantes do Brasil, onde muitas vezes os jornais não entram por deficiência de informação dos universitários ou pelo seu baixo poder aquisitivo. Quando o jornal consegue vencer estas duas barreiras, os universitários se **transformaram e gradativamente** deixam a alienação em troca de um novo posicionamento diante "das misteriosas coisas que os cercam".

Aqui na Universidade Federal de Santa Maria, nossa luta para introduzir a "imprensa nanica" é constante. Sempre que possível estamos com os cupons de assinaturas para oferecer aos colegas. Os resultados às vezes são bons, outras não. Agora, assumimos a presidência da Casa do Estudante Universitário - Centro da UFSM. Nossa itenção é de divulgar a imprensa nanica entre os 224 universitários aqui residentes. Como nossa verba é resumida e os estudantes que moram na Casa têm comprovada carência, resolvemos enviar esta carta para pedir uma assinatura do *Coojornal*.

Sabemos que vocês tambêm lutam com dificuldades, mas infelizmente não estamos em condições de ajudá-los financeiramente com o pagamento de uma assinatura anual. Caso não seja possível atender nossa solicitação, pedimos que acusem o recebimento deste, para que fique registrada nossa tentativa. — *Luís Sérgio Metz, presidente, Santa Maria.*

Tentativa vitoriosa: vocês ganharam uma assinatura anual de cortesia.

Recado do Fred

Amigos

Cumprimentos entusiasmados pelo número 10 do *Coojornal*. Ainda estou lamentando não ter tido tempo de visitar a Cooperativa, quando estive em Porto Alegre. Fica para a próxima, quando, espero, os compromissos não impedirão o prolongamento dos bons papos aí com o pessoal. Abraços. — *Frederico Vasconcelos, editor da Gazeta Mercantil, São Paulo.*

Saiu a grana

Pessoal,

Outubro foi um mês duro. Viajei como pouca gente já fez pela literatura deste País. Desembestei em outubro. Por menos que tenha feito, fiz uma conferência no MAM aqui do Rio, fui a Vitória, estiquei até Manaus e na volta participei dos debates e conferências do Projeto Cultur-Literatura em Porto Alegre. Mas mal cheguei, me raspei para Juiz de Fora, indo a convite de estudantes de Filosofia, Letras e Comunicação.

Gente, uma correia. Acabei estrompado, como diria minha avó.

Além de cansado, andava de grilo aceso, meio cabreiro, encalistrado, encabulado com uns boatos que ouvia e fazia não ouvir sobre uma verba, uma grana, um avanço, que me diziam ter saído de Embrafilme para a filmagem do meu *Malagueta, Perus e Bacanaço.* Ora, já se viu! Como sempre, o autor, como os maridos, estava sendo o último a saber.

Especulando novidades, me procurou **uma repórter** de uma grande revista (Veja) acompanhada de um fotógrafo que é meu amigo velho do peito, Walter Firmo. Queriam saber das novidades. Eu só lhes garanti o seguinte: ninguém vai filmar meu Malagueta, meu Perus e meu Bacanaço, sem antes me molhar a mão — e bem molhada, que já ando cansado de sofrer — com o que me é de direito. Afinal, sou o autor da coisa, participei ativamente da elaboração do roteiro e os diálogos são meus.

Cabreiro, pois, eu andei tocando aí pra baixo e pra cima nas andanças, falando de letras, abrindo para debates e suando o corpo. Não me viessem com inglesias.

Hoje, inda agorinha à noite, andava lendo uma antologia do humor brasileiro, publicada por uns macanudos lá do Sul, quando o telefone me tocou e era Maurice Capovilla, diretor do filme.

Saiu finalmente a grana. Tudo certo e arrematado.

Urubu pra cantar demora, diz o samba.

Estamos aí, Capovilla. Vamos lá.

No dias 11 de novembro assino a papelada e começamos as filmagens. Com a grana que me é devida no bolso, é claro.

(Cá entre nós que ninguém nos ouve: com esse tutu, me meto em cima do papel, mando todos os patrões lamberem sabão e enfio no papel outro trem aí nas alturas de Malagueta, de Perus e de Bacanaço).

É muito arrepiado de alegria, pois, "catito", como se diz lá no Sul, que escrevo e comunico a quem deva saber. Como um abraço do *João Antônio. Copacabana, 8 de novembro de 1976.*

Sócio e cartum

Amigos,

Gostaria de chamar a atenção para uma falha, muito grave, cometida pelo CooJornal, em sua décima edição: nas primeiras sete páginas, foi publicada três vezes a mesma informação (sobre o número de associados da Cooperativa dos Jornalistas). Infelizmente, e cometendo um erro muito criticado por este jornal (ao se referir a outras publicações), em nenhuma delas o número é o mesmo. Vejamos: na página 2, no expediente, o número de sócios apontado é de 295; na matéria ao lado, na mesma página, com o título "Diretoria presta contas", o número de sócios citado é de 280; e, na página 7, como *Nota do Editor*, o número citado (vê-se a idéia do *arredondamento*) é de 300. Meio chato isto, principalmente para um jornal preocupado em criticar os erros de informação dos outros.

Outra coisa: qual a finalidade de tanto cartum? Não seria o caso de aproveitar esse potencial imenso dos chargistas aí de Porto Alegre e concentrar seu trabalho em outra publicação, mais específica?

Gilberto Pauletti, Rio de Janeiro.

Afora o arredondamento da Nota do Editor, as informações estão corretas. No dia em que a Diretoria prestou contas, a Cooperativa tinha 280 associados. No dia em que a décima edição fechou, mais 15 ***sócios tinham sido admitidos.*** *E agora, no momento em que esta edição está fechando, somos exatamente 299 associados. Quanto aos cartuns: na verdade, eles apenas estão aproveitando o CooJornal para hibernar. Logo, logo o Quadrão salta fora e caminha sozinho.*

Bomba no Opinião

Senhor Editor,

Estamos encaminhando o comunicado à Associação Brasileira de Imprensa para que dêem divulgação a seus leitores.

Contamos com o apoio e solidariedade de vocês nesta luta contra estes atentados terroristas que visam aqueles que defendem a imprensa livre no país. — *Redação do Opinião, Rio de Janeiro.*

Este é o comunicado à ABI:

Ilmo. Sr.
Prudente de Moraes, neto
DD Presidente da
Associação Brasileira de Imprensa
Prezado Sr.

Comunicamos a V. Sa. que na madrugada do dia 15 de novembro, uma bomba de alto teor explosivo danificou as dependências do jornal Opinião, à Rua Abade Ramos, 78. O teor da explosão pode ser avaliado pelos estragos que causou nas paredes, portas de ferro e vidros do prédio do jornal bem como nas residências vizinhas, inclusive uma escola onde crianças internadas dormiam na ocasião da explosão, sendo atingidas pelos vidros partidos. Toda a vizinhança do local foi acordada pelo barulho ouvido a uma distância de três quilômetros. Felizmente o atentado não causou danos de maior gravidade a pessoas, uma vez que no momento da explosão o vigia se encontrava no andar superior do prédio. Panfletos deixados no local, e cuja cópia anexamos, demonstram a premeditação e a confiança na impunidade dos autores do atentado, reivindicado pela AAB — Aliança Anticomunista Brasileira.

É mais um elo na cadeia de violência que já atingiu a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio, a sede do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), em São Paulo, dom Adriano Hipólito, o bispo de Nova Iguaçu seqüestrado e seviciado, a residência do diretor da Rede Globo, sr. Roberto Marinho, além de ameaças a presos **políticos por todo o país.** É mais um crime que permanecerá com seus autores nebulosamente encobertos numa suspeita impunidade?

Primeira redação de jornal diretamente atingida, embora outras já tenham sido ameaçadas de atentados, na verdade a explosão da madrugada do dia 15 de novembro visou a opinião democrática do país quando escolheu o dia das eleições municipais.

A organização clandestina que reivindica a autoria de mais esse atentado ameaça em seus panfletos "outras publicações", por isso concitamos os que fazem imprensa no Brasil a pressionarem no sentido da apuração desses crimes e ameaças e a tornarem claro que a impunidade que até agora beneficiou seus autores vem comprometendo a segurança interna do país, além de estimular uma escalada desses crimes com efeitos imprevisíveis. — *Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1976. Fernando Gasparian, diretor.*

Num tapa

Gente,

Poucos conheciam o *Coojornal* aqui em Florianópolis, **quando Renan me entregou**, uma pilha do número 9. Eu mesma me assustei com a qualidade do jornal e, num tapa, vendi 10 sem sair do prédio da redação d'O Estado. Não precise. chorar muito, era só chegar e dizer "olha, este aqui é um jornal dos jornalistas lá de Porto Alegre, aqueles que fundaram uma cooperativa. **Dá uma olhadinha** e vê que matérias boas".

O pessoal comprava, lia e elogiava, pedia detalhes sobre o funcionamento da cooperativa. Quando o Renan me entregou o número 10 para vender — mui espertamente a pilha passou para 15 exemplares — numa só tarde não tinha mais nenhum para contar história. Os felizes compradores — jornalistas que transitavam pela **Felipe Schmidt** e meus colegas de redação — de carinha gostaram da capa, adoraram a matéria do André sobre o Caso Kliemann (que historinha, hein?) e alguns, discretamente, chegaram a discutir a idéia de se criar, em Florianópolis, uma cooperativa de jornalistas e um jornal.

Agora o *Coojornal* já esta nas bancas, ou melhor, na Banca Espírita (vai dar sorte) da Praça **Fernando Machado, junto à Praça** Xv de Novembro, graças aos esforços do companheiro Itaeli Pereira (editor responsável do Correio de Itajaí, o único jornal catarinense que passa todas as quintafeiras pela mesa da Censura). Está faltando só badalar isso. E a culpa é toda minha, porque é so fazer uma notinha e entregar para o Saint Clair, aqui no jornal, que ele publica. Vou fazer isso agora. E, por favor, desbundem no número 11 que é para o pessoal daqui fica cada vez mais entusiasmado. Um imenso abraço para todos. — *Imara Stallbaum, Florianópolis.*

Mais cartas na página 6

Uma ação entre amigos

Um acordo feito em sigilo pôs fim à açao popular movida contra a Borregaard. As nove pessoas que exigiam indenizações (que já somavam 14 milhões) desistiram. A empresa pagou as despesas (28 mil cruzeiros) e o processo foi retirado da Justiça.

As nove pessoas, que, lideradas pelo advogado Talaia O'Donnel haviam entrado, em 1973, com uma ação na justiça contra a Indústria de Celulose Borregaard — atual **Riocell** — desistiram da questão no mês passado, depois de um acordo com a direção da empresa. **Na ação, proposta** por Talaia O'Donnel e depois acompanhada pelos outros, cada um pedia uma indenização de Cr$ 1 mil **diários**, como indenização pelos danos que o fedor das chaminés da empresa causavam em Porto Alegre.

No processo consta que a desistência foi feita em virtude de o controle acionário da empresa ter passado para um grupo nacional (o Montepio da Família Militar, que adquiriu da Borregaard norueguesa) e porque os interessados reconheciam que a instalação de equipamentos anti-poluição melhorou a situação da fábrica. No entanto, o advogado Talaia O'Donnel, numa entrevista ao *Coojornal*, afirmou que desistiu porque deixou de confiar na justiça. A contradição entre o que consta no encerramento do processo e o que diz Talaia O'Donnel pode ser explicada pelo fato de que, na desistência, o autor da ação esteve representado por seu genro, o também advogado Enio Galarça Lima.

E o acordo feito com a Borregaard (ou **Riocell) não** pôde ser suficientemente explicado, porque **Galarça** Lima evitou reiteradamente de receber o repórter. O que se pôde saber é que a **Riocell** concordou em pagar os Cr$ 28 mil devidos ao perito desempatador Francisco Martins Franco, que concluiu pela condenação da empresa, considerando os gases da empresa como prejudiciais à saúde. Aos autores da ação, coube Cr$ 2 mil de custas judiciais. Apenas isto serve para evidenciar que houve negociações entre o advogado que propôs a desistência e a direção da empresa.

A AÇÃO

No dia 28 de julho de 1972, Francisco Talaia O'Donnel redigiu a "ação cominatória" (termo jurídico que quer dizer ameaçar com pena) contra a Indústria de Celulose Borregaard e entrou na Justiça no dia seguinte. O'Donnel manifestava confiança na época:

— Sabemos que até bancos têm interesse e ações em jogo, mas a Justiça jamais se deixou levar por tais situações. No momento oportuno o juiz designado julgará o caso como deve, tendo em vista os supremos interesses da comunidade .

Além disso, o advogado advertia que qualquer cidadão atingido poderia entrar como *litisconsorte* (companheiro de litígio). Foi assim que entraram mais oito pessoas .

Da 2ª Vara Cível e Comércio de Porto Alegre, onde foi apresentada, a ação foi remetida para Guaíba, porque a justiça da capital julgou-se incompetente para julgá-la. Juntando depoimentos e laudos de peritos, o processo foi crescendo em volume.

Dos oito companheiros de litígio de Talaia O'Donnel, três (1) foram ouvidos por este jornal. Os três afirmaram que concordaram em retirar a ação, mas não conhecem nenhum detalhe do acordo feito entre o advogado Enio Galarça Lima e a direção da **Riocell** assim como alguns deles, quando entraram na ação, não tinham muita noção do que estavam fazendo.

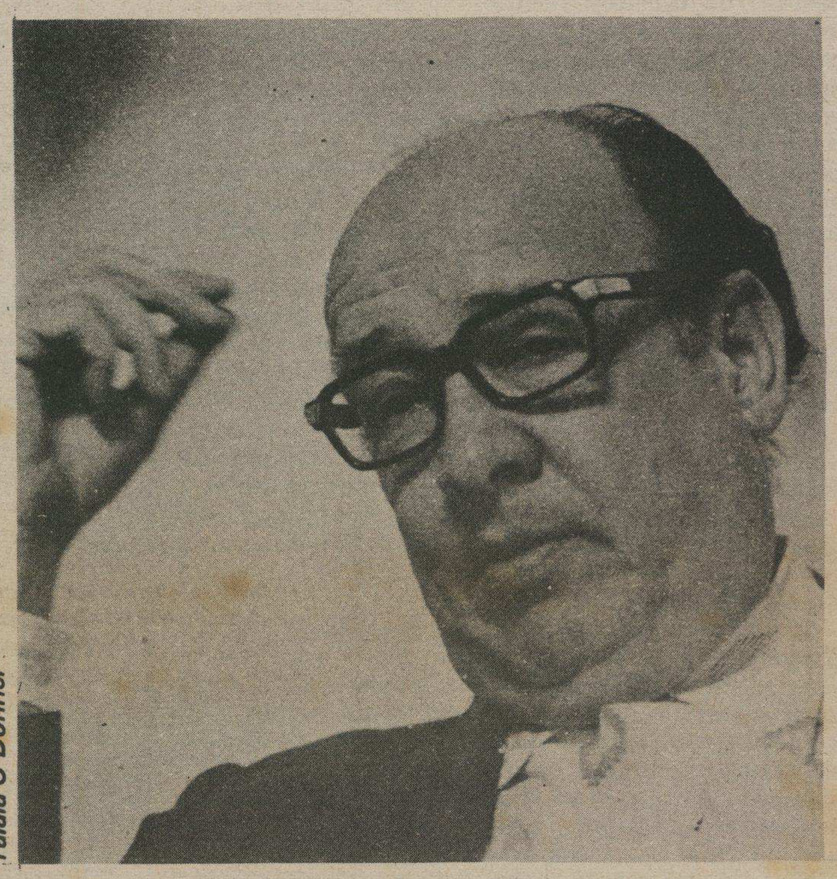
AS RAZÕES DE O'DONNEL

Há mais ou menos três anos Francisco Talaia O'Donnel está morando no Rio de Janeiro, por motivos de saúde e clima. No dia 24 de novembro ele veio a Porto Alegre para participar de uma série de conferências sobre a vida e a obra de Oswaldo Aranha, promovidas pelo Círculo Social Israelita. Naquela noite, numa entrevista ao repórter Walmaro Paz, ele falou sobre o processo e mostrou que mudou o conceito sobre a justiça:

Coojornal — *Não fazem quatro anos que o senhor, apesar de ter sido criticado por muitas pessoas, entrou na justiça com uma ação* ***contra a Borregaard. Por que o senhor*** *retirou o processo no dia 16 de novembro?*
O'Donnel — *Meu filho, o principal motivo que me levou a isto é que eu não acredito mais na justiça brasileira, nenhum juiz julgava-se competente para tomar uma decisão.*

Coojornal — *Mas em 31 de julho de 1972 o senhor declarava que apesar de saber de todos os interesses econômicos em jogo, a justiça tomaria uma posição independente e julgaria o caso a seu favor. Não é certo?*
O'Donnel — *De fato, eu disse isso e nós, como advogados, devemos sempre defender a causa da justiça. Mas, a situação atual, num governo que não oferece garantias, a justiça fica ao sabor da força, da prepotência, e eu não espero heroísmo de parte de nenhum juiz. Se eles julgassem o caso como deveriam, provavelmente haveria represálias. Não estou, com isto, julgando a posição pessoal de ninguém.*

Coojornal — *Apesar disso, esse processo envolvia cerca de Cr$ 14 milhões e a perícia era favorável à sua causa. Não houve nenhum outro motivo?*
O'Donnel — *Houve, meu filho, o meu prejuízo* ***pessoal.*** *Apareceu um perito que pediu Cr$ 300 mil para depor a favor da Borregaard e seu laudo daria elementos para que o juiz despachasse a favor da empresa. Perdendo, eu e os meus companheiros, teríamos que arcar com as custas do processo e, provavelmente, perderíamos quase Cr$ 1 milhão. Quase todo o meu patrimônio pessoal estava em jogo. Além disso, eu já havia encarregado meu genro de levar adiante este assunto e ele achou a melhor forma. Afinal, nós conseguimos os nossos objetivos: sacudimos a opinião pública e, pelo menos, eles colocaram os filtros* ***antipoluidores:***



Talaia O'Donnel

(1) — Os três são o coronel reformado da Brigada Militar e advogado Rui Fagundes Loureiro, seu vizinho Arthur Wondraceck (que assinou a pedido daquele) e Joubert Mota Pereira, administrador da Churrascaria Mosqueteiro e, na época, colega de aula de Rui Loureiro.

Neste Natal, desperte o seu amor com um diamante M. Rosenmann.

Um diamante M. Rosenmann faz bater mais forte o coração de uma mulher.
Faça esse elogio a ela.
Ela espera de você um gesto de carinho.

M. ROSENMANN

Rua Marechal Floriano, 146 - fone (0512) 25-9088 Avenida Alberto Bins, 355 - fone (0512) 21-0551
Rua Vigário José Inácio, 440 - fone (0512) 21-7506 Rua Marechal Floriano, 145 - fone (0512) 25-0899
Centro Comercial Porto Alegre - loja 246 - fone (0512) 21-0551
Centro Comercial Canoas - loja 206 - fone (0512) 72-1844

Perdão, leitores

Luiz Cláudio Cunha

Caminhos de um documento

"Também fui jovem e sei bem o quanto é capaz junto ao jovem um esperto e velhaco professor, intelectual, jornalista ou até mesmo um mau padre do tipo progressista" (Tenente-brigadeiro Carlos Alberto Huet, presidente do STM)

Novembro, mês de eleições, o grande *furo* da imprensa brasileira acontece no próprio dia 15 — e não fala em voto. Menos de três horas depois do fechamento das urnas, o apresentador da parte local do *Jornal Nacional,* na TV Imembuí, de Santa Maria, lê pela primeira vez no país algumas linhas de um inédito documento de 19 laudas preparado pela Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), intitulado *Comunicação ao Povo de Deus,* concluído vinte dias antes mas não divulgado antes das eleições para não ser "instrumentalizado por forças políticas de quaisquer orientações".

A constituição em vigor afirma que todo o poder vem do povo e em seu nome é exercido. A afirmação em contrário — de que é o Estado que outorga a liberdade, os direitos humanos, aos cidadãos, ao povo — não deve nos surpreender se tivermos em mente o pensamento que inspira o pensamento da segurança nacional, que desde 1964 tem inspirado o governo brasileiro, dando origem a um sistema político cada vez mais centralizado e em igual proporção cada vez contando menos com a participação do povo (Comunicação ao Povo de Deus).

Antes de viajar para o Rio, na tarde do dia 15, após ter votado, Dom Ivo Lorscheister, bispo de Santa Maria e secretário-geral da CNBB, encarrega alguns de seus assessores no bispado de distribuir o documento à imprensa local — cinco emissoras de rádio, uma de tv, jornal A Razão e sucursal da Caldas Júnior (Correio do Povo, Folha da Tarde, Folha da Manhã e Rádio Guaíba). Com exceção da TV Imembuí, porém, todos preferem aguardar o lançamento oficial do documento, no dia seguinte. A sucursal de O Globo, em Porto Alegre, chega a oferecer Cr$ 30 mil por uma cópia, que só consegue graças a um repórter do jornal A Razão: durante mais de meia hora ele lê o documento que, do outro lado da linha, vai sendo registrado num gravador.

Outra grande tentação dos detentores do poder é confundir o dever de lealdade do povo para com a nação com a lealdade ao Estado, isto é, ao governo. Colocar o Estado, o governo, acima da nação, significa supervalorizar a segurança estatal e desprezar a segurança individual. Isto significa reduzir o povo ao silêncio e a um clima de medo. Sem a consulta e a participação popular, os programas, projetos, planos oficiais, por melhores que possam ser, e mesmo se tiverem êxito material e econômico, mais facilmente levam à corrupção, e não se justificam quando não correspondem às necessidades e aspirações do povo (...) Nela inspirados, os regimes de força, em nome da luta contra o comunismo, em favor do desenvolvimento econômico, declaram a guerra anti-subversiva contra todos aqueles que não concordam com a visão autoritária da organização da sociedade (Comunicação ao Povo de Deus).

No início da tarde do dia 15, o jornal Zero Hora recebe a cópia da palestra que o cardeal Vicente Scherer apresentou naquela noite em seu programa A Voz do Pastor. Nela, o cardeal faz ressalvas à Comunicação ao Povo de Deus, até aquela hora um documento ainda inédito. Imediatamente, o jornal entra em contato com sua sucursal de Santa Maria e já no final da tarde o longo documento começa a entrar no telex de Zero Hora — merecendo cuidados especiais. A cabine do telex é fechada e tão logo a transmissão chega ao final as duas cópias do telex somem mistériosamente. A sucursal do Jornal do Brasil manifesta interesse numa cópia da Comunicação — o que só consegue depois da promessa de que o documento não será distribuído pela agência JB.

No dia seguinte, terça-feira, 16, Zero Hora publica um resumo do documento explicando que "estão nele apresentados fatos já divulgados e outros não divulgados". E ao lado, publica uma pequena notícia com o título "Cardeal faz ressalvas ao documento da CNBB". Segundo Scherer, "mais vale um esforço positivo para melhorar as situações insustentáveis da violação dos direitos que recorrer a incessantes incriminações verbais (...)".

A polícia semeou terror na área (Mato Grosso), **prendendo, espancando, torturando. Dona Margarida Barbosa, irmã de Jovino, foi presa nos dias 5 a 11 deste mês e torturada pela polícia, que a fez se ajoelhar de braços abertos em cima de tampas de garrafas. Enfiaram-lhe agulhas debaixo das unhas de suas mãos e dos seios, espancaram-na. O interrogatório foi feito sob a mira do fuzil e com dois revólveres aos ouvidos. Durante este tempo não recebeu comida nem água. No dia 11, às 5 horas da tarde, ouviu-se da rua seus gritos — "Não me batam". Dona Santana, esposa de Paulo, filho do senhor Jovino, de resguardo de duas semanas, foi presa nas mesmas datas e violentada por vários soldados, que também queimaram a roça e a casa do marido com todo o arroz na tulha** (Comunicação ao Povo de Deus).

O Jornal do Brasil do dia 16 preferiu abrir sua matéria sobre o documento da CNBB com as críticas feitas pelo Cardeal Vicente Scherer, também endossadas pelo Jornal da Tarde do mesmo dia 16. No dia 24, o Estado de S. Paulo voltava a publicar uma outra parte do documento da CNBB e explicava: "O documento publicado com exclusividade pelo Estado no dia 16 saiu incompleto. Isso aconteceu em razão das dificuldades para se obter o texto no dia das eleições. (...). Em Santa Maria, houve problemas com a Censura. O diretor e o chefe de redação da Televisão Imembuí foram chamados à Censura local e advertidos por terem publicado um resumo do documento. O jornal A Razão, dos Associados, foi impedido de publicar a íntegra do documento no dia 17".

A Igreja tem procurado tomar a defesa dos direitos do fraco, do pobre, do índio, da criança que vai nascer. Mas hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens. Por que só alguns podem comer do bom e do melhor, e a maioria tem que dormir com fome? Por que alguns — até estrangeiros — podem adquirir, por dinheiro, milhares de hectares de terra para criar gado e exportar carne e nossa pobre gente não pode continuar cultivando o pedaço de terra onde nasceu e se criou ou já vive e trabalha há dezenas de anos? Por que somente alguns têm o poder de decisão? Por que uns ganham 30, 50, 100 mil cruzeiros por mês, e tantos não fazem mais do que o salário mínimo? Há países em que a diferença entre os salários mínimo e máximo não excede a 12 vezes, enquanto no Brasil passa de 200 vezes (...). Eis porque ninguém deve admirar-se de que muitos dos que seguem o Evangelho sejam tão criticados e até acusados de comunistas ou subversivos (Comunicação ao Povo de Deus).

O relacionamento da Igreja com o governo, no entanto, é bom. Pelo menos é o que afirma o cardeal Dom Eugênio Salles, do Rio de Janeiro, após um encontro de uma hora com o presidente Ernesto Geisel, no Palácio do Planalto, no dia 23 de novembro. "Os episódios de violência que atingiram religiosos não prejudicaram as relações entre a Igreja e o Estado, pois o governo tomou providências para apurar as responsabilidades e, em breve serão anunciados os nomes dos culpados". Sem dúvida um progresso. Uma semana antes, ao visitar o brigadeiro Eduardo Gomes, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, havia detectado apenas sinais positivos. "O relacionamento da Igreja com o Exército, a Marinha e a Aeronáutica melhorou, não?", perguntou o brigadeiro. "Está melhorando, brigadeiro", respondeu o cardeal paulista. "Em São Paulo anda perfeito, mas foi difícil nos primeiros tempos". É certo, no entanto, que as dúvidas estão longe de serem erradicadas. Em carta escrita do próprio punho a um jovem estudante, o tenente-brigadeiro Carlos Alberto Huet de Oliveira Sampaio, presidente do Superior Tribunal Militar, aconselhou: "Também fui jovem, e bem sei o quanto é capaz junto ao jovem um esperto e velhaco professor, intelectual, jornalista ou até mesmo um mau padre, do tipo "progressista".

A ação da violência tem se manifestado, ainda, contra outras instituições: os recentes atentados terroristas cometidos contra a Ordem dos Advogados do Brasil, Associação Brasileira de Imprensa, ambas do Rio de Janeiro; contra a sede da auditoria militar em Porto Alegre e o Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa, em São Paulo. Na mesma noite do seqüestro de D. Adriano Hypólito, além da explosão do carro na frente da sede da CNBB, uma bomba explodiu, também no Rio de Janeiro, na residência do jornalista Roberto Marinho, diretor do jornal O Globo, ferindo um de seus empregados. A estes e outros fatos de maior repercussão não podemos deixar de relembrar que nos últimos anos ocorreram prisões políticas arbitrárias, que incluíram seqüestros, maus tratos, torturas, desaparecimento e mortes (Comunicação ao Povo de Deus).

Procurado pelo *Coojornal,* Dom Ivo Lorscheister esquivou-se de comentários diretos às declarações feitas por D. Vicente Scherer. Mas não hesitou em reafirmar as características democráticas do documento elaborado pela CNBB. "A Comunicação Pastoral ao Povo de Deus foi elaborada e votada minuciosamente pela Comissão Representativa da CNBB, alcançando aprovação por expressiva maioria, num clima de absoluta liberdade. Convém lembrar que a Comissão Representativa é composta de 39 bispos, eleitos por seus pares nas 13 regiões do Brasil. Têm, pois, uma legítima função representativa e, de acordo com o Estatuto da CNBB, se reveste da própria Assembléia Geral". Ainda segundo Dom Ivo, o documento "não se destina propriamente aos meios de comunicação social — para isso ele seria longo demais — nem aos poderes constituídos. Destina-se diretamente ao povo de Deus e às comunidades cristãs, que são convidadas a lê-lo, meditá-lo e discuti-lo".

Violência gera violência. A violência instigada contra presos políticos alastrou-se entre militares e policiais. Parece evidente a constatação da deformação de elementos das forças policiais. Os mais recentes atentados têm caracterizado a atuação de organizações terroristas no continente latino-americano (...) São os pobres, os indefesos que enchem as cadeias, onde as torturas são freqüentes. Essas vítimas são presas sob acusação de não portarem documento de identidade ou durante o arrastão das batidas policiais. Somente pobres são acusados e presos por vadiagem. Para os poderosos a situação é bem diferente. Há criminosos que não são punidos, porque protegidos pelo poder do dinheiro, pelo prestígio, e pela influência da sociedade que o acoberta e, portanto é cúmplice neste tipo de injustiça (Comunicação ao Povo de Deus).

Distribuído através de milhares de cópias, que segundo Dom Ivo "continuam a se multiplicar", o documento não demoraria a ter uma repercussão que o próprio secretário da CNBB admite ser muito grande. "Tenho assim a certeza de que os objetivos visados estão sendo ou serão atingidos bem satisfatoriamente (...). Leiam todos o documento com serenidade imparcial; vejam nele não a intenção de atacar ou denegrir; busquem nele o desejo de contribuir para uma Pátria sempre mais feliz e justa". Segundo o Estado de São Paulo do dia 17 de novembro, os meios militares recebem com cautela o documento: "A ala mais radical entende que o presidente Geisel não pode ceder quando um acervo de mazelas que remontam a um passado distante, e outros problemas conjunturais típicos do atual estágio de desenvolvimento são colocados num mesmo 'pacote' e atirados sobre o governo. Alegam os partidários dessa corrente que a CNBB não soma esforços à ação governamental, limitando-se à crítica, sem oferecer soluções. Esta ala entende curiosamente que os bispos interpretam a seu bel-prazer bulas papais e Concílios, 'extraindo deles ilações que mais se coadunem com a ideologia de esquerda". O documento, definido como "extremamente grave" no principal editorial do Estado do dia 17 de novembro seria obra de "bispos empenhados em provocar um sério conflito entre a Igreja e o Estado", segundo o jornal.

Mas não é só: "A CNBB dá a nítida impressão, com sua linguagem de fanatismo nada religioso, mas eminentemente político, de querer caracterizar como perseguição religiosa a discordância polida do governo em relação a seus métodos", afirma O Estado de S. Paulo — para quem o documento só pode ser caracterizado "como uma autêntica declaração de guerra da Igreja ao Estado". Mas, ainda conforme o Estado de S. Paulo, a corrente mais liberal dos militares teria visto o documento como uma espécie de sinal: "Diante da crise econômica, de resultados eleitorais possivelmente aquém da expectativa e das críticas da Igreja, o governo deveria ampliar sua margem de risco, mesmo desagradando aos radicais, e evoluir para um projeto nacional cuja idéia-síntese seria a crescente participação popular no processo de desenvolvimento".

Para os defensores dessas teses o argumento é bastante claro: "Essa seria uma das últimas oportunidades para uma 'saída' democrática para a Revolução, que precisaria reencontrar sua origem eminentemente democrática e conseqüentemente esvaziar os radicalismos que se cristalizam em épocas de crise". Na ordem do dia 27 de novembro, quando era reverenciada a memória dos mortos na Intentona Comunista de 1935, o ministro Sylvio Frota, do Exército, afirmou: "O comunismo nega-nos tudo, atéa faculdade de professar uma religião — bálsamo infalível nos nossos momentos aflitivos — porque Deus já não existe, foi derrubado do céu a golpes da foice e do martelo". "Escondem-se (os inimigos) sob as mais diferentes vestes, muitas das quais secularmanete respeitadas, para inocular, principalmente na juventude, o vírus da descrença, a luta de classes e a desmoralização dos líderes democráticos", assinalou Frota.

Não seriam diferentes as preocupações expostas no dia seguinte pelo general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército. "Quem se diz comunista não é brasileiro. Nossa religião, nossa formação militar é o brasileirismo".

Thomé grita. Ninguém ouve?

"Será que a imprensa que se diz livre é cheia de corruptos ou é cheia de gente de má vontade?"

As dúvidas são do vereador Rubem Thomé, da bancada do MDB na **Câmara de** Porto Alegre, ao estranhar "o destaque mínimo dado pela imprensa de Porto Alegre" à sua vitória no Tribunal Regional Eleitoral, dia 11 de outubro, quando os **juízes rejeitaram, por seis votos a zero,** um recurso da Arena que queria a impugnação de sua candidatura sob a acusação de corrupção de eleitores.

Na verdáde, "destaque mínimo" foi até um força de expressão, pois os jornais do dia seguinte não deram nem uma linha sobre o assunto. Apesar de, no dia em que a Arena entrou com o recurso, terem destacado o fato com "manchetes enormes, de página inteira", segundo Thomé. Assim, indignado, o vereador exclamou na tribuna da Câmara:

— Para tristeza minha, nenhum órgão de imprensa deu a notícia do julgamento! Há de **dizer alguém que a imprensa não está** bem informada porque não acompanhou o julgamento. Por isso estou usando a tribuna que o povo de minha cidade me deu: para fazer um apelo, e apelo de um candidato que foi vilipendiado pela imprensa, para que esta mesma imprensa, que deu a impugnação do candidato Rubem Thomé em manchete, também dê o resultado do julgamento do candidato Rubem Thomé.

Um dos vereadores mais votados em 72 ("aí estão sentados nove vereadores da Arena, todos eles com menos votos do que eu"), Thomé estava preocupado com sua imagem junto aos eleitores, pois o fato acontecera um mês antes do 15 de novembro. Isto talvez justifique a dureza de seu desabafo que também não mereceu atenção dos jornais. Mas é por causa de afirmações como esta que suas palavras estão sendo examinadas pela Comissão de **Ética** e Legislação da Associação Riograndense de Imprensa:

— Por que não dão o resultado do julgamento? É porque eu me chamo Rubem Thomé? É só por isso? É porque não bajulo jornalista, não ando agarrado em jornalista, porque não levo nenhum para compadre?

— Ganhei da Arena por **6 a** zero. Por que os jornalistas não publicam isto? Será que estão comprados? Será que a imprensa **que se diz livre é cheia de corruptos,** ou é cheia de gente de má vontade? Perguntas que eu faço e jogo no ar. Por que brincar com a honra alheia? Isso é próprio de irresponsáveis. (...) E enfatizo , porque nunca tive medo de ninguém quando estou com a verdade: se não publicarem o resultado nos mesmo moldes da acusação anterior, todos os jornais de Porto Alegre, sem exceção, são compostos por jornalistas corruptos e comprados e inimigos da verdade, **sobretudo** inimigos da verdade.

NOTA DO EDITOR

Em menos de dez anos, Jango Goulart percorreu o longo trajeto que separa um obscuro deputado pelo PTB da vice-presidência da República. Em mais seis anos, recebeu a faixa de presidente e 31 meses depois deixava o país rumo ao exílio, numa carreira comparável à de Jânio Quadros, inclusive pelo seu final desastrado.
Talvez pela surpreendente rapidez com que a estrela de Goulart cruzou os céus da política brasileira (rapidez mais surpreendente ainda quando se percebe que ninguém ousa atribuir-lhe virtudes excepcionais como político), Jango era um homem desconhecido do Brasil. Ou melhor o Brasil conhecia (ou fazia) dele apenas a imagem aparente e algumas lendas, dados que provavelmente são insuficientes para avaliá-lo de maneira correta como líder político e como homem. De qualquer forma uma imagem diferente do Jango que os samborjenses conheceram e enterraram no último dia 6. (veja a página 27).

• • •

Em 1980, pouco mais de 300 empresas multinacionais estarão controlando 75 por cento do setor de manufaturados da América Latina, segundo uma estimativa da Federação Nacional das Cooperativas da Espanha, apresentada por um de seus técnicos, Rafael Carbonnel em recente seminário em Curitiba.
O avanço dessas grandes empresas, resultado de um processo de concentração considerado necessário e até benéfico, não há dúvida, se fará as custas das empresas pequenas e médias dos países latinoamericanos. Mas isso é encarado como decorrência natural do sistema da livre iniciativa. O que é pernicioso, segundo os pronunciamentos mais recentes de Associações Comerciais do país, é o crescimento das cooperativas que estão ampliando a sua atuação para a comercialização e industrialização com o objetivo de dar melhores ganhos ao produtor e instalando departamentos de consumo para vender mais barato aos seus associados. A maioria pequenos agricultores com baixa renda.

• • •

Grandes são as desvantagens de um jornal mensal: não tem a agilidade do jornal diário ou semanal, nem a sofisticação e a qualidade gráfica da revista. Nós escolhemos o caminho da reportagem, mas sem ortodoxia. Nesta edição, por exemplo, preferimos a atualidade, o impacto do fato novo, no caso a morte de Jango, à elaboração, à precisão. E temos até um furo, o acordo assinado entre os advogados e a Borregaard que vai na página 3.

Melhor é rir (para não chorar)

Para quem quer se divertir um pouco logo depois do almoço a melhor indicação é ligar seu aparelho de televisão. É verdade que os humoristas oficiais — Carlos Nobre no 12 e Renato Pereira no 10 — não são lá tão engraçados assim. Mas, em compensação, o resto do horário é recheado com boas cenas de humor.

Ligue o 10, por exemplo, ali perto da meia hora. Você vai ver o Lauro Quadros desaparecendo do vídeo, sumindo em baixo de sua mesa, para logo depois voltar sorrindo com uma pilha na mão e exclamar: "Taqui a pinha sem-vergonha que atiraram no juiz lá no Beira-Rio".

Se o Lauro inventa de falar alguma coisa séria, gire para o 12. Veja o Santana com seus horrorosos óculos escuros ("hoje estou usando **este raiban** porque deu um bode no meu olho. E foi logo no esquerdo!") . Como seu Grêmio está por baixo, ele não está falando de futebol. Prefere denunciar os dramas das senhoritas que andam "prensadas como um sanduíche" dentro de nossos ônibus. E faz uma revelação surpreendente: a de uma senhorita esbelta que, de tanta prensa, ficou grávida em 15 minutos.

Antes disso, no entanto, Santana faz o que todos os comentaristas de tevê fazem — dar uma colher de chá para os amigos. Santana tem um canecão na mão e convida todos para o baile do chope num clube de Porto Alegre.

Agora o 10, de novo. é o Renato Pereira, que não perde a oportunidade de badalar a peça de teatro que está encenando **na cidade, o** *Se*, que de tanta propaganda deve ser seguramente a melhor peça do muuunnndo. Feito o comercial, vamos ao humor. Humor? Hoje o quadro é sobre **mosquitos, deixa pra lá.**

No 12, Carlos Nobre. Primeiro, um comercialzinho: "Meu amigo X, lá do bar Y..." Depois o humor do Nobre. Epa, pensando bem, até que o Pereira tava melhor.

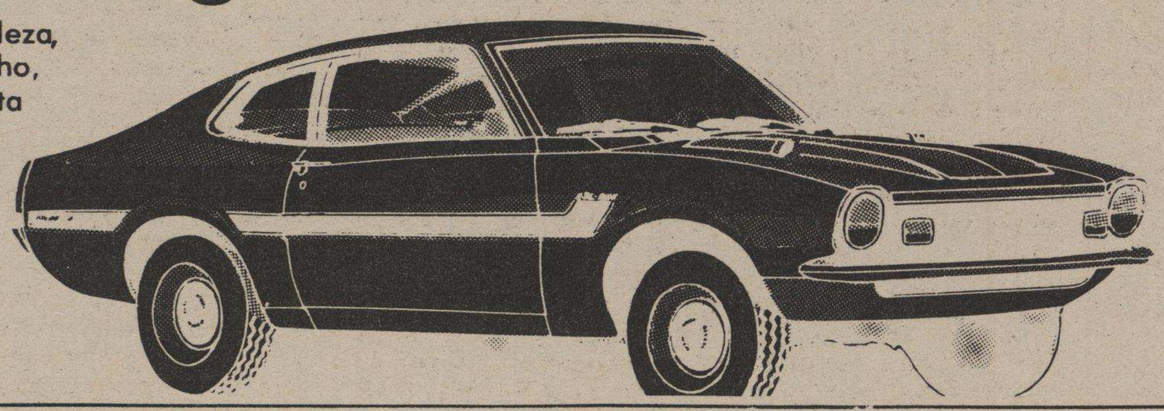
Ao 10, então. Mas já é o Daudt falando. Ou melhor, denunciando, que ele é mestre nisto. Aliás, é um aluno que tenta superar seu mestre, Paulo Brossard, senador, de quem Daudt é um papel carbono.

Para o 12, rápido. Eis Sérgio Jockymann. Assuntos: primeiro, um comercial do *Se*, **de novo.** Afinal, ele é o autor!

Segue na página 6

Ribeiro Jung coloca o Maverick 77 em seu caminho.

Aos que preferem beleza, conforto e desempenho, Ribeiro Jung apresenta o seu Maverick 77.



RIBEIRO JUNG S.A. 1926 - 1976 50 Ford 50 ANOS À FRENTE!

Ford Ribeiro, Jung S.A.

O PRIMEIRO REVENDEDOR FORD DO SUL DO PAÍS
Farrapos, 746 — Fone: 21-8855
Brasiliano de Moraes, 772 — Fone: 41-5111

Martins & Andrade

UM RETRATO DO BRASIL

Como Di Cavalcanti o via entre 1966 e 1969, em pinceladas rápidas e raivosas. (Publicado na Revista de Domingo, do Jornal do Brasil)

O Brasil é um país formidável! Sua população, que aumenta dia a dia, não tem similar no mundo. É o país que deseja: desejamos ser alimentados dignamente, desejamos ser letrados ou pelo menos alfabetizados, desejamos ser os melhores esportitas, desejamos fabricar cientistas, artistas, foguetes espaciais, automóveis, aviões, vestidos de última moda e café solúvel... mas tudo virá com o tempo porque nossos desejos são líricos e povoam nossos sonhos à beira-mar.

O verdadeiro estabelecimento entre nós é o mundo profuso da desordem: invertemos convertemos, dispersamos, reafirmamos e depois papo para o ar, bate-papo e imaginação desmoronada.

Quem tem vez é o povo de fora. Cada imigrante que chega abre uma birosca ou uma fábrica. Tomam conta de tudo. Nas grandes cidades do mundo. Nova Iorque, Londres, Paris, Chicago, Buenos Aires, Pequim, Toúquio, há os bairros dos judeus, dos estrangeiros imigrados naqueles centros internacionais. No Rio e em São Paulo, nossas grandes cidades, é o contrário: gente de fora são os donos e assim já começam a se organizar os guetos de brasileiros.

Não faz mal, porque somos nacionalistas e somos ciosos de nossa miséria e meticulosamente aumentamos nosso paupérismo com uma alegria frugal de estômago vazio e a orelha aberta para os inúmeros festivais que animam a vida de 150 turistas que de ano em ano visitam nosso país.

Eu, aliás, não posso queixar-me. Ao contrário, minha gente querida sabe honrar-me com o máximo de compreensão e carinho. Amam minha arte e ao homem Di Cavalcanti, este velho que aqui está resistindo às tempestades com a fleuma de um capitão de longo curso furando (?) as Caraíbas, o estreito de Magalhães e os mares de coral, lá na beira do Índico. Sou um nacional valorizado e, assim como existe um Instituto de Café para regular a venda de nossa preciosa rubiácea, deveria se criar o Di Institut (ilegível) para cuidar da venda de meus quadros.

E muita gente pergunta os motivos de minha réussite *(vitória em francês grã-fino) na vida. Por mais incrível que pareça, não venci na vida, a vida é que me venceu. Nasci para gozar a vida, ser da preguiça, do repouso obrigatório; empreguemos o termo exato: nasci para ser um sibarita. Um dia, faz muito tempo, em que ele, o autor que vou citar, não andava nem na boca do bispo, nem nas reuniões do Banco de Desenvolvimento Econômico, faz muito tempo, repito, li Carlos Marx e tomei conhecimento do Capital e do Trabalho. Tinha que andar com um desses monstros pela vida; o Capital virou-me as costas e o Trabalho empurrou-me para a frente e foi logo dizendo: "Deixa de besteira e engole o sapo". Engoli. E é o sapo do trabalho que vai me empanturrando. Uma concepção realista e humana da vida construiu-me dos pés à cabeça, e essa volúpia de realizar a vida como ela é deu-me a estabilidade pacata destes dias que vou vivendo à sombra dos oitis da Rua do Catete.*

Os estetas, os críticos dizem uma porção de asneiras a respeito de minha arte, classificam-me e desclassificam-me num desperdício físico intelectual desnecessário. Sou um artista que trabalha com o que tenho e executo nas minhas telas o que sinto na minha vida; desta forma construí meu próprio classicismo. Li outro dia, num literatura de bula farmacêutica, assinada por incipiente provinciano, que minha arte é fácil, alegre e decorativa. *O rapaz quis criar uma proporção inferior para o que produzo. Doce engano! Se minha arte é* fácil *é porque ela nasce, apesar de minha visitação constante aos museus, sadia como bezerro de vaca sadia e nada é mais belo do que um pasto verde com uma linda vaca e um bezerro. É o belo ao alcance de todos! Dessa facilidade nascem minha alegria e meu decorativismo. Não sabe o insosso esteta que dentro da facilidade que existe na minha arte há sobretudo a coragem de não fingir tormentos, com bossa de gênio.*

Eu não sei se o crítico conhece Boticelli, que floresceu no meio da Renascença, e depois Ticiano, Veronese e depois Watteau, no século XVIII, e outros pintores deste mundo que naturalmente são, em certos instantes, fáceis, alegres e decorativos.

Não é fácil, alegre e decorativo quando eu pinto minhas lindas mulatas brasileiras, é ser lírico, natural e sensível diante da realidade desse nosso Brasil. O esteticismo atual repudia toda a verdade que a natureza nos oferece e esconde-se num formalismo árido de falsa intelectualidade que, por ser obsoleto, chega à pregação da não pintura, num falso nilismo tão inconseqüente como qualquer inconseqüência, banalidade que, pelo fato de ser a própria banalidade, produz banalidades e insistentemente reproduz banalidades.

Neste imenso país floral, de lindas paisagens, lindas mulheres, lindas praias, lindas montanhas, de uma fartura de belezas populares, país que luta para dignificar sua humanidade, os nossos artistas *plásticos preferem seguir um grupo de* soi-disants *críticos de arte, embolorados fisicamente e mentalmente cheios de moléstias cerebrais endêmicas, criadas pelos* marchands *gananciosos da velha Europa. Esses críticos e historiadores deveriam ser expulsos ou confinados porque são portadores de mazelas incuráveis: Mário Pedrosa, atacado de infantilismo mental; Flávio de Aquino, suarento e* borracho *roedor de sandices, conçando-se com a brotoeja do linguajar de agências de propaganda; o saltitante (ilegível), cuja verdadeira vocação é de cabelereiro de senhoras; o Mário Barata Descascada de eterna anemia professoral; e até senhoras cujos nomes não cito porque respeito as damas que fazem crítica de arte nos esconderijos dos apartamentos de Copacabana.*

Tudo isso é lastimável. Possuímos o submundo das favelas, onde há famintos e ladrões, malandros e enfermos, onde pulula o germe da dissolução social de gente explorada por falta demagogia. Há a imensa miséria dos trabalhadores rurais, há o sertão faminto. Para reinar nesses mundos negros e sangrentos, a magia de Belzebu é pouca. A crueldade governamental e dos donos da terra alia-se aos compradores de outras nações para perpetuar a escravidão e a vassalagem.

O indigno movimento insurrecional de 64 trouxe ao Brasil uma onda de ignorância e perversidade, uma tal confusão política social que é difícil saber até onde vai a capacidade negativa de seus autores. Chamar de Revolução o que foi feito contra o governo do presidente J. Goulart está mais que provado ser uma famigerada impostura.

Contra a pecha de corrupção corrompeu-se desbragadamente, entregando-se nossa economia a grupos estrangeiros de profissionais da extorsão e flagelaram-se os insubmissos com os mais deslavados crime da opressão nazista.

A nação boquiaberta, na mais triste miséria, mastiga o papel da imprensa venal, não sabendo até onde vai durar essa palhaçada...

Todo plano de nossos exploradores é bem urdido, é frio e é considerado fatal. Se o Brasil quer continuar um país de imenso território cheio de riqueza (o manuscrito termina aqui).

Emiliano Di Cavalcanti

Depois, um recadinho: não esqueçam de ir hoje à Rua Venâncio Aires, número tal, onde meu amigo fulano inaugura um bar. Olha, o endereço é este, viu? E repete o endereço. Bom, chega a hora então de dar o recado do dia. Vai lá: Falcão e Caçapava mostraram quem são os gaúchos na Seleção. Mas o Internacional ainda precisa ser octacampeão do Brasil para que os cariocas (sempre eles!) reconheçam o Colorado como um grande time. Quem foi que derrotou os russos, hein? Foram Falcão e Caçapava! É verdade que quem deu o passe para o Falcão fazer o gol foi o Marinho, mas, se vocês repararam bem, esta jogada ele copiou do Valdomiro, porque só o Valdomiro sabe centrar daquele jeito.

É isto senhores.

Elaine Lerner

...E o culpado era outro

Depois de quatros dias preso por engano na Divisão de Investigações, em Porto Alegre, o operário Adelino Rodrigues, 52 anos, foi devolvido à sua família, nu, desfigurado e muito abatido.

Adelino, que trabalha duro como graniteiro durante toda a semana, foi para casa dia 30 de outubro passado, no início do feriadão de finados, com todo o salário do mês no bolso e disposto a aproveitar ao máximo as pequenas férias.

No caminho parou num boteco das vizinhanças para comemorar com seus amigos o início da folga. Nem tinha dado o primeiro gole quando chegaram dois PMs que carregaram Adelino, explicando que era "um cara muito perigoso". Os amigos e o dono do boteco ficaram espantados, pois tinha fama de ser um homem "muito sério e muito direito".

Avisaram a esposa, que passou quatro dias a procurá-lo e , por fim, contratou o advogado José Joaquim Campos que o localizou. Campos foi ao arquivo da Superintendência dos Serviços Penitenciários e desfez o "equívoco": a delegacia de capturas realmente andava à procura de um Adelino Rodrigues, condenado à pena de reclusão, só que era de Caxias e tinha 34 anos. O proprietário da firma em que o Adelino preso por engano trabalha foi à Delegacia e declarou que era um "empregado exemplar", há dois anos na firma, como mostrava sua carteira profissional. Da mesma forma que foi preso, foi solto: sem explicações. Mas o equívoco custou caro: táxi, honorários do advogado, as roupas do Adelino — quase todo o salário de outubro. Além de uma folga perdida e das humilhações inesperadas e imerecidas por que passou.

Mauro César Silveira

Sindicato de escritores

Doze escritores reunidos em Porto Alegre durante a Feira do Livro, no mês de outubro, lançaram, com repercussão nacional, um movimento para fundação de um sindicato da classe. Moacir Sclyar foi o encarregado de levar a iniciativa avante no Rio Grande do Sul e conta aqui o que foi feito até agora:

"Inicialmente vamos ter que vencer uma certa inércia, pois o escritor está pouco acostumado a trabalhar em equipe, pela própria natureza do seu trabalho. Ainda não fizemos nenhuma reunião, mas temos que ir por etapas e oferecer coisas concretas. Vamos nos reunir em torno de dois pontos. Primeiro: a defesa dos direitos profissionais do escritor. Segundo: discutir o papel do intelectual na sociedade.

Para defendermos nossos direitos profissionais, pode ser que a criação de uma agência literária junto ao sindicato seja uma solução. Mas podem existir outras melhores. Uma das coisas que a Associação vai ter que fazer (legalmente, primeiro é criada a associação que depois de um determinado prazo se transforma em sindicato) é acabar com o amadorismo na literatura. Me refiro àquele diletante que publica apenas pela glória de ter seu nome impresso em letra de forma. Não tem consciência do seu trabalho e dessa maneira contribui para a desvalorização do trabalho dos outros. Para a criação do sindicato é preciso primeiro que o escritor deixe de lado o diletantismo".

No Rio, o movimento resume-se por enquanto a algumas reuniões na casa do escritor José Louzeiro, estimuladas pela proibição do livro *Zero*, do paulista Inácio de Loyola, no fim de novembro. Em São Paulo nada foi feito. Inclusive quando da proibição do *Zero* não foi possível reunir mais que quatro ou cinco nomes para assinar um manifesto que seria feito contra a censura.

Moacir Sclyar

Pelo menos os cartazes

O filme *Toda Nudez Será Castigada* fez sucesso na Itália recentemente. Nenhum italiano viu cartaz brasileiro na frente dos seus cinemas, assim como nenhum europeu ou americano vê cartaz brasileiro anunciando filme brasileiro. Eles aceitam nossos filmes, mas o cartaz tem que ser feito pelo pessoal de casa, dentro dos padrões da casa, numa justa defesa dos profissionais do ramo.

Mas no Brasil, onde um dos problemas mais graves é um excesso de importações, de bens e de idéias, isso não acontece. Entram aqui entre 300 a 400 filmes por ano, todos eles com os cartazes que vêm prontinhos da matriz, em inglês e tudo. O máximo que acontece é uma rápida adaptação, uma frase ou outra. Com os discos estrangeiros é a mesma coisa: o fotolito da capa já vem pronto só para ser impresso aqui. E os Malboro da vida são anunciados por uma cópia do filme produzido nos Estados Unidos à qual se superpõe o *sabor de liberdade* e duas ou três frases traduzidas mais na banda sonora.

Se tudo isso representasse apenas dominação cultural não seria nada. Mas é também mais lucro para os distribuidores (estrangeiros) e menos campo para os profissionais da propaganda — desenhistas, planejadores gráficos, redatores — que são cinco mil novos a cada ano a brigar por trabalho num mercado já estreito. É por isso tudo que o Clube de Criação do Rio de Janeiro está lutando bravamente para ver se o Congresso aprova um projeto apresentado pelo deputado J.G. de Araujo Jorge, que obriga todo o o filme estrangeiro a ter cartaz feito aqui. É o primeiro passo e José Monserrat Filho, presidente do Clube (formado por profissionais da área de criação) aproveitou sua passada em Porto Alegre, no inicio do mês, para pedir o engajamento dos gaúchos na sua briga.

Aos amigos editores, redatores-chefes, secretários, editorialistas, colunistas, redatores, repórteres, copydesks, chargistas, fotógrafos, diagramadores, focas e estagiários desta praça...

Duas ou três dicas Samrig para refrescar a cuca e descontrair o papo depois de um dia de batalha.

OS SECOS

CHARUTOS COM PRESUNTO

Ingredientes:

250g de farinha de trigo.
1 colher de sopa de Margarina Primor.
1 gema. Leite morno. Sal a gosto.
Tirinhas de presunto. Clara de ovo.
Queijo ralado.
Misture a farinha de trigo com a Margarina Primor, a gema, um pouquinho de sal e leite o bastante para amaciar a massa.
Abra a massa com o rolo e corte-a em tiras não muito compridas.
Em volta de cada uma enrole uma tirinha de presunto, em diagonal, de ponta a ponta.
Passe cada "charuto" em clara de ovo e a seguir no queijo ralado.
Um pouquinho antes de servir, ponha no forno para assar. Sirva quente.

SANDUÍCHE "SUPIMPA"

Ingredientes:

1 pão-de-forma em fatias.
1 latinha de presuntada.
Margarina Primor.
Folhas de alface.
Maionese.
Passe a maionese numa fatia de pão-de-forma.
Sobre a maionese coloque uma fatia de presuntada e por cima da presuntada uma folha de alface.
Cubra com outra fatia de pão, com Margarina Primor.

OS MOLHADOS

CAIPIRINHA

Cachaça, pedaços de limão, com um pouco de casca (não muita), açúcar a gosto. Esprema com força (variante: usar o liquidificador, coando após) e adicione gelo à vontade.

CLARE

1/2 de gim, 1/2 de vermute italiano e uma gota de conhaque.

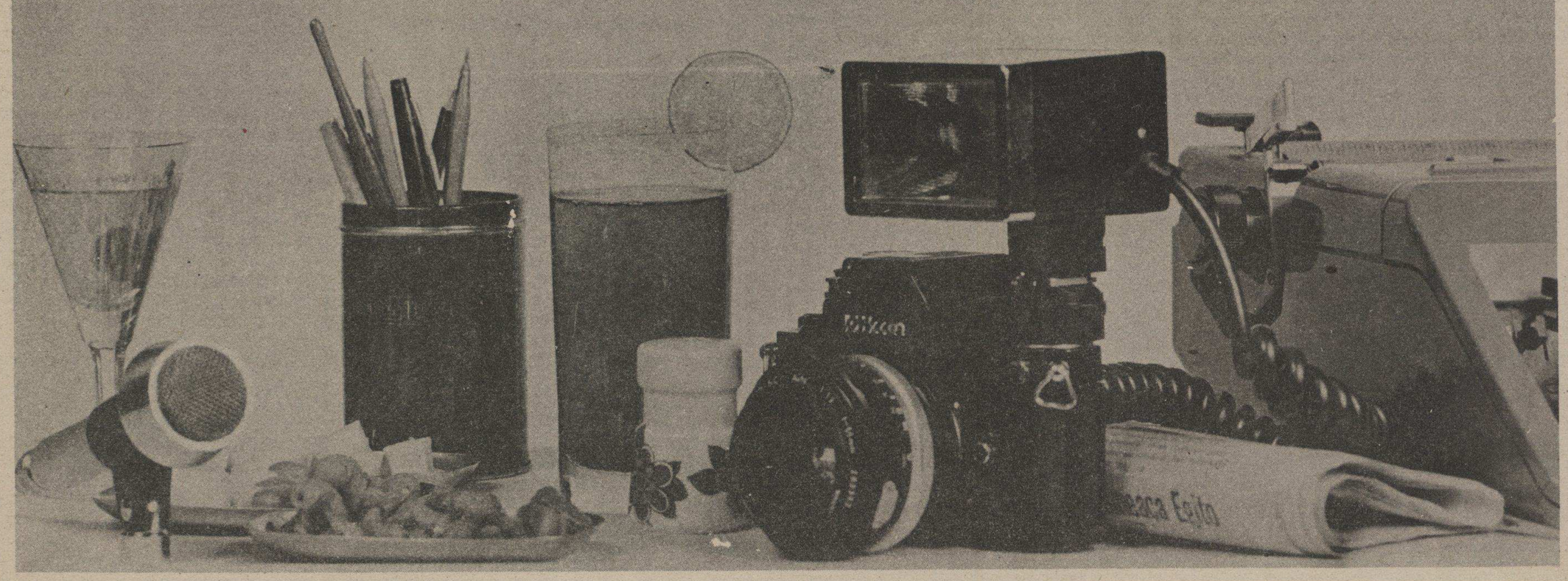
LOVING CUP

Meia garrafa de conhaque, o suco de 1 limão, um copo grande de suco de laranja e uma garrafa de água. Junte gelo e açúcar à vontade. Sirva gelado.

SIDE-CAR

1/3 de conhaque, 1/3 de Cointreau, 1/3 de suco de limão.

Em tempo: pastel só com Óleo Primor.



Continuação das cartas

Lutz e Kliemann

Queridos amigos:

As melhores notas e os melhores confetes para as matérias do Lutz e do Caso Kliemann. Estão sensacionais, empolgantes, escritas com requinte, enfim, ótimas. Este leitor chato que vos fala, no entanto, ficou ansioso para saber como funciona (ou o que é, em dez linhas) a tão falada Agapan, que sai todos os dias no jornal e ninguém até hoje disse o que é. De qualquer forma, a melhor matéria sobre o caso Kliemann, dizem os meus parentes mais velhos — e também a melhor sobre o Lutz, digo eu. — *José Antônio Pinheiro Machado, Porto Alegre.*

Um box *especial sobre a Agapan acabou sobrando por falta de espaço. Segue um resumo dele. A Agapan realiza reuniões semanais nas noites de segunda-feira, numa sala que divide com o Grêmio Literário Castro Alves e a Sociedade dos Orquidófilos. Nosso repórter participou de uma dessas reuniões, junto com 40 pessoas. Durante quatro horas, ouviu falar de preás, carruíras, sabiás, cobras, tartarugas, banhados, matos etc, etc. Esperava encontrar um grupo de pessoas amargas, dessas que vêem o fim do mundo em cada esquina, reunidas para suas lamentações semanais. Nada disso.*

O secretário, o advogado Augusto Carneiro, lê a correspondência. "Nosso correspondente no Pará manda perguntar se é verdade que o Shigeaki Ueki foi eleito conservacionista do ano". Risos. Que piada!, diz alguém. "Entre o Ueki e o Veloso eu sou mais o Veloso", diz Lutz. Um associado traz um recorte do Jornal do Comércio dizendo que a Secretaria da Saúde está usando inseticida proibido para matar mosquitos nas vilas. "Vamos mandar para o Jair (secretário da Saúde)". Risos.

Ninguém veste roupas moderninhas, calça Lee ou coisas assim. São funcionários públicos, estudantes, donas de casa, bancários, no total umas 40 pessoas. O ponto alto da reunião é a leitura do relatório da excursão que 20 membros da Agapan fizeram ao parque da Guarita, na praia de Torres. Uma senhora de uns 40 anos levanta e começa a ler cheia de entusiasmo:

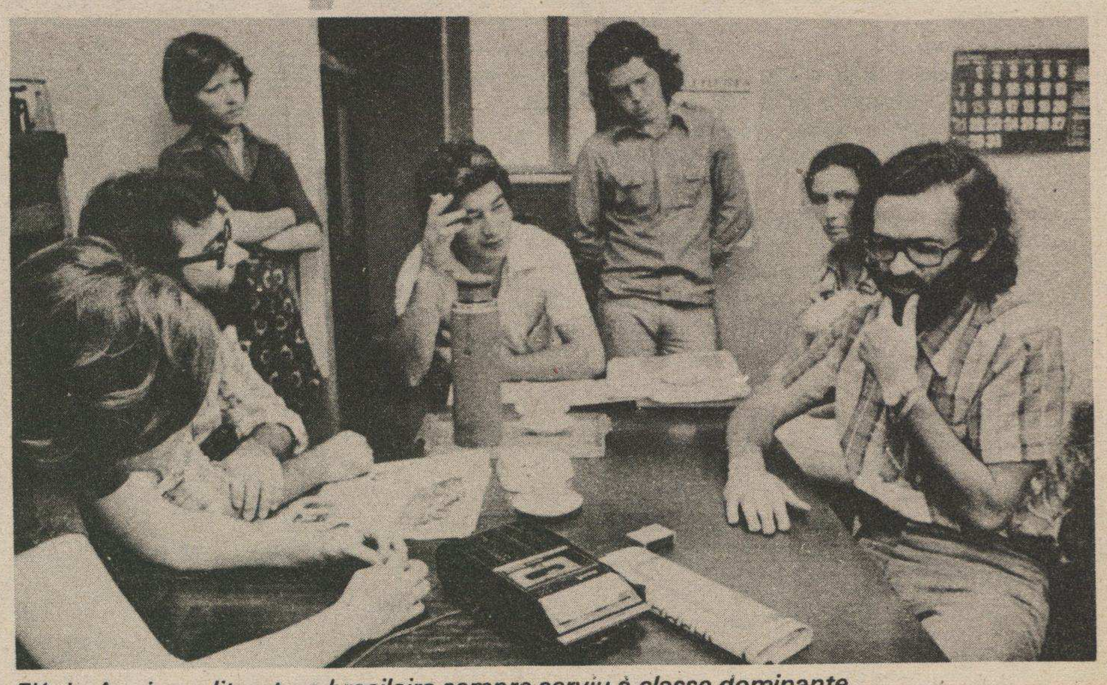
— Foi um sucesso a nossa excursão desse fim de semana. Apagamos quatro incêndios no campo, incêndios mais altos que nós. Salvamos uma tartaruga que estava no meio da estrada. Soltamos dois passarinhos presos em gaiola, tivemos que discutir meia hora com o guri que estava vendendo os bichinhos. Salvamos também uma cobra que ia morrer queimada num incêndio. E demos um duro num grupo de homens, turistas que estavam jogando copinhos, papéis, latas de cerveja, na grama do parque. Um de nós desceu e começou a juntar tudo, eles ficaram com a cara no chão. Além disso demos uma bronca num grupo de paulistas que estavam colhendo tudo quanto era flor nativa que achavam.

Lutz explica o sentido dessas excursões: "Nós não vamos salvar o mundo, mas vamos caracterizar o Rio Grande do Sul como o Estado que mais defende a sua natureza". E a reunião prossegue. Alguém conta que tentou impedir uma caçador de matar uns marrecões e quase levou um tiro e Lutz informa, pedindo sigilo, que tem recebido ameaças de morte:

— Três vezes já telefonaram. Na primeira vez eu atendi e uma voz melosa de homem disse: "Aqui é o Ramirez da AAB, José. Estás usando a defesa do meio ambiente para difundir tuas idéias subversivas. Teus dias podem estas contados". As outras duas vezes foi minha mulher quem atendeu.

O escritor não enfrenta seus problemas

"Acho que os escritores vão ganhar muito combatendo os editores inescrupulosos ao brigarem por seus direitos. Mas o problema do escritor no Brasil não vai ser resolvido quando ele passar a ganhar 15 por cento do preço de capa e não os atuais dez por cento". "Eu não gosto muito do termo literatura marginal. Estas edições surgiram justamente porque o pessoal queria sair da marginalidade. Mas trouxe com ela o perigo de as pessoas suspenderem o juízo crítico e perderem o senso do ridículo".



Flávio Aguiar: a literatura brasileira sempre serviu à classe dominante

Flávio Aguiar, escritor (escreveu *Os Homens Precários*, um ensaio sobre o Qorpo Santo), crítico literário do semanário paulista Movimento e professor de literatura na Universidade de São Paulo, discute aqui dois fenômenos recentes na literatura brasileira.

O primeiro se refere ao surgimento de edições paralelas de livros, a chamada literatura marginal, um movimento que reúne novos escritores que encontraram uma saída original para terem seus livros publicados. Pagam os custos da edição, imprimem o livro em pequenas gráficas e, posteriormente, dividem os resultados das vendas, normalmente reaplicados em outras obras. No Rio Grande do Sul duas publicações reunindo contistas — *A Teia* e *Há Margem* — são exemplos destas iniciativas e, no Paraná, foi criada uma Cooperativa de Escritores.

O segundo ponto é a proposta dos escritores brasileiros que, numa reunião na COOJORNAL, decidiram reunir-se em sindicatos para enfrentar os editores que exploram seu trabalho, do qual recebem apenas 10 por cento do preço de capa de cada livro e não têm nenhum controle sobre as novas edições.

O lado menos milagreiro

"As publicações marginais não são propriamente um movimento literário, pois não têm condições de se organizar em torno de uma proposta. Acredito que elas simplesmente constituem um caminho para responder a duas ordens de perguntas: 1) A crise em que sempre viveu o mercado editorial brasileiro, agravada nos últimos anos, pois a cultura ficou sempre com o lado menos milagreiro do milagre brasileiro, sentindo de uma maneira brutal os sintomas da crise que pulverizou as editoras e restringiu o mercado. 2) O fechamento da linguagem e da crítica literária, através da censura e a autocensura, a partir de 1968, e a consolidação da crítica literária como atividade universitária de pesquisa, que criaram o estruturalês, criaram as pequenas linguagens tribais, incompreensíveis, que marcaram a crítica literária e as próprias discussões sobre literatura no Brasil.

Com as duas portas fechadas desenvolveu-se o fenômeno das edições vendidas de mão em mão. Basicamente o que acontece a partir de 1975 é que a realidade estoura os esquemas de sociologuês, economês, estoura as contas matemáticas que calculam o salário mínimo, o PIB, PND. Reaparece o interesse pelo escritor brasileiro, e as editoras solicitam uma literatura mais combativa.

As edições paralelas de literatura surgiram primeiro como coisa de grupinhos pequenos, isolados. Só com o tempo as iniciativas passaram a ser mais duradouras. Lentamente vão surgindo empreendimentos como a Cooperativa dos Escritores do Paraná, como a Teia, aqui dos gaúchos.

Para sair da marginalidade

Eu não gosto muito do termo literatura marginal. Estas edições surgiram justamente porque o pessoal queria sair da marginalidade. Eu concordo que ela até gerou um entusiasmo exagerado. Trouxe com ela o perigo de as pessoas suspenderem o juízo crítico e perderem o senso do ridículo. Mas, só é possível ter um senso crítico exercendo ele ou sofrendo seus efeitos. É impossível juntar esta literatura em bloco. No bojo dela vem de tudo. Vem gente que não tem proposta nenhuma, vem gente que tem proposta elitista, gente com proposta de partir para o nirvana, gente que quer transformar a sociedade. Do ponto de vista literário se coloca o problema da seleção. Os mais conseqüentes, os que têm uma visão da literatura como um trabalho, irão sobreviver e o resto, eventualmente, vai virar entulho.

Um cara que faz um dos trabalhos mais conseqüentes na busca de um público é o Antonio Carlos de Brito. Mas tem gente que faz coisas realmente imprestáveis. Teve um que me mandou um poema que era um cartãozinho escrito, "olhos", e tinha dois buracos feitos com cigarro. Este era o poema do cara. Um troço sem pé nem cabeça.

O escravo visto como mordomo

Em relação à linguagem há um outro dado importante. Na própria história da literatura brasileira sempre se definiu como sendo produção cultural aquilo que era feito do ponto de vista e para as classes dominantes. A partir da segunda década do século 20 isto se abriu para englobar também a classe média. Uma peça como "Demônio Familiar" de José de Alencar, o romancista brasileiro que foi ministro da Justiça, apesar de ter como personagem principal um escravo, não retrata uma sociedade escravocrata, que depende do trabalho escravo. Na peça o escravo é visto como mordomo, pajem, como um acessório da casa e não como um alicerce. Um dos únicos escritores que retratou uma sociedade escravocrata, embora não falasse da escravidão, foi Machado de Assis. Nós herdamos uma enorme tradição de ver a produção cultural como uma produção elitista. Em todo o caso, há gente pensando em ampliar a literatura. O Aguinaldo Silva (jornalista) publicou um romance — "Um Sábado Maldito" — editado em forma de livro de bolso, custa seis cruzeiros e é impresso em papel jornal. O João Antônio também deu uma boa contribuição para isto. Se a sua literatura tem um preço que não vai alcançar muita gente, pelo menos seus livros nos fazem lembrar da existência de pessoas que não convivem com o círculo restrito que compra livros. Em todo o caso é um caminho longo. Eu sempre suspeito do cara que tira a solução do bolso, que diz ter descoberto a solução para a literatura popular. O primeiro passo para popularizar a literatura é defender os interesses desta gente. Neste momento é que os problemas começam a ter sentido.

Do livro ao pé de soja

Se a gente pegar um pé de soja, quem é que ganha mais, é o cara que planta e colhe? Não. Quanto mais longe estiver o cara do pé plantado, mais ele ganha. Na sociedade capitalista, quem ganha mais é o cara que se interpõe, o intermediário. Se isto acontece com o pé de soja deve acontecer com o livro também. Se eu acho bom que o agricultor tenha o seu sindicato, acho bom que o escritor tenha o seu sindicato também. Agora, eu me pergunto, o problema do agricultor é aquele intermediário que está ali, ou é o sistema inteiro que faz com que existam intermediários? Nós estamos nesta pergunta há mais de 100 anos. E isto vale para o escritor também. Acho que os escritores vão ganhar muito combatendo os editores inescrupulosos ao brigarem por seus direitos. Mas o problema do escritor no Brasil não vai ser resolvido quando ele passar a ganhar 15 por cento do preço de capa e não os atuais dez por cento.

Olhando o quadro de hoje, mesmo sem grandes transformações sociais, qual o grande problema? É o analfabetismo, a miséria, o aumento da jornada de trabalho, passando de oito a 12 horas diárias. Este público jamais vai ser ganho por literatura nenhuma. O cara não tem saco para ler. O cara que larga um ônibus em São Paulo não pode querer ler nada que vá além do gibi e do policial de bolso, ninguém tem direito de exigir isto dele. Por isto eu coloco a pergunta: o que vai ajudar a resolver o problema do escritor? O sindicato evidentemente vai ajudar e é uma grande proposta. Mas o que vai resolver mesmo é mais escola, e isto não é demagogia. Acho que o sindicato estará criando uma possibilidade de assembléia permanente. Se esta idéia der certo será um avanço enorme para a literatura. Vamos sair de uma academia para entrar num sindicato. Aí vamos começar a enfrentar os problemas. Hoje, o escritor não enfrenta seus problemas".

Extra: nas bancas, por Cr$ 18,00

Sandra Brea: o milagre da maquiagem

Rede Globo, o ópio do povo

Segunda-feira, seis de dezembro, foi lançado oficialmente no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo o *Ópio do Povo* — o primeiro livro-reportagem da coleção *Extra, realidade brasileira.* A publicação é da Editora Símbolo e entre seus principais responsáveis estão Hamilton Almeida Filho e Mylton Severiano da Silva (que já editaram, entre outros, os extintos Bondinho e Ex).

A proposição dos editores é publicar, em forma de livro (Cr$ 18,00 o exemplar, vendido também em bancas de jornais), as melhores reportagens. E começou justamente com uma que mexeu com as estruturas do império da Globo: a reportagem sobre a TV Globo. Os mesmos autores da reportagem, publicada pela revista Veja com o título A Hollywood Brasileira (Hamilton Almeida Filho, Mylton Severiano da Silva, Guilherme Cunha Pinto e Joaquim Ferreira dos Santos), ampliaram o trabalho publicado agora em livro, com o título O Ópio do Povo — O sonho e a realidade. Abaixo, um trecho do livro:

"Sandra Brea, Bananas e paetês, muito nua, bicho!"

A mulher-show Sandra Brea cerra bem os lábios, deixa apenas uma abertura mínima no canto direito, e num só golpe despeja uma baforadinha de fumaça, vazia de qualquer charme.

— Uhhh! Esse aqui está bem, Sandra Brea. Uaaaau! Annnnnh! Annnnn! — grita com afetação.

*Coloca as mãos sobre a cabeça, revira os olhos à procura de uma expressão sensual e joga o corpo para trás. Está no escritório de produção de seu programa mensal, Sandra & **Miéle**, e se perde em dúvidas no meio de três dezenas de sugestões para roupas de show. Vai aconselhando o costureiro Sérgio, um novato em busca de emprego na Globo.*

— Tem que ter muito decote. Assim, até o umbigo. Pode também parar aqui, entre os seios, e depois começar novamente embaixo, um triângulo, losango. Mas muito nua, sabe?, bicho! muito nua!

*Aqui fora do vídeo, como descobrir a diva excitante das revistas masculinas, ou a beleza que aos 24 anos de idade é o padrão Globo de sensualidade? Pois se a Sandra **Brea** está usando um rabo de cavalo infantil, sem a marca do pente de Silvinho, o **cabeleireiro responsável** pelos penteados mirabolantes da televisão; se espinhas lhe tomam todo o rosto, e ela além de tudo é ligeiramente vesga.*

Um verdadeiro milagre de fotogenia. Um exemplo de como a estrela sobe. Uma artista típica da televisão, da geração das novelas. Há nove anos, na Globo, começou sua escalada para o estrelato em O Bem Amado — a primeira produção colorida do gênero na televisão brasileira, em 1972. Hoje parece que está no auge. Capaz de convocar a imprensa para dar uma coletiva sobre o gatinho de estimação, que machucou uma patinha.

Uma entrevista exclusiva? Só pode ser à noite, no camarim da boate-restaurante Vivará, aproveitando as três horas que o maquiador gasta para deixá-la em condições de entrar em cena, para o show Bananas e Paetês. Ela chega ao camarim com um produtor, que a convida para fazer um filme. Vai avisando a ele que agora está numa faixa alta e tem um nome a zelar. Mostra o seu valor em dinheiro. Para se ter uma idéia, estava cobrando 50 mil cruzeiros por uma noite de show. Antes, tinha pedido champanha para ela, e cafezinho para os demais. Começa a entrevista com agressividade:

— As notícias sobre a minha ida para a Metro Goldwin Mayer não têm sido contraditórias, não. Você não acredita, não é? Fui convidada para passar três anos lá e fazer filmes para o cinema. Mas ainda não decidi. O seu Boni está vendo o que é melhor para mim.

— Mas a Globo não é a Hollywood Brasileira?

— Eu acho que sim. Basta você ir nas outras estações para saber que a Globo é a Hollywood dos nossos tempos. Vamos ficar na base: ela tem dinheiro.

Todas as suas declarações são pontuadas de "que cansaço!", "estou morta", "seria tão bom se essa orquestra parasse um minuto". Diz que recebe mais de cem cartas por semana, que tem contrato com a Globo até 79, e que todo ano a direção lhe paga um mês de viagem à Europa ou aos Estados Unidos, para ver o que vai pelo mundo dos shows e das televisões.

*Exausta antes mesmo de encerrar seu dia de trabalho, com um show de quase **duas horas que vai começar à meia-noite, a estrela admite:***

*— A Globo é **uma máquina violentíssima**, que prima pela qualidade e por isto te exige muito trabalho.*

Como prova contundente de que está trabalhando muito, leva a mão até a parte baixa das costas:

*— Estou com uma **fissura do cóccix.** Olha só a chapa de metal do maiô que eu uso, durante o show. Fica raspando o meu cóccix durante vinte minutos. Ninguém **agüenta, né?"***

O que resta dos Kaigangues

No século passado, os índios Kaigangues já tinham um conhecimento que o homem civilizado ainda não tem: um eficiente anticoncepcional que não produz efeitos colaterais. Eles viviam no planalto gaúcho, chegaram a ser 70 mil e as índias controlavam a natalidade bebendo uma infusão de ervas, cujo segredo passa de cacique para cacique.

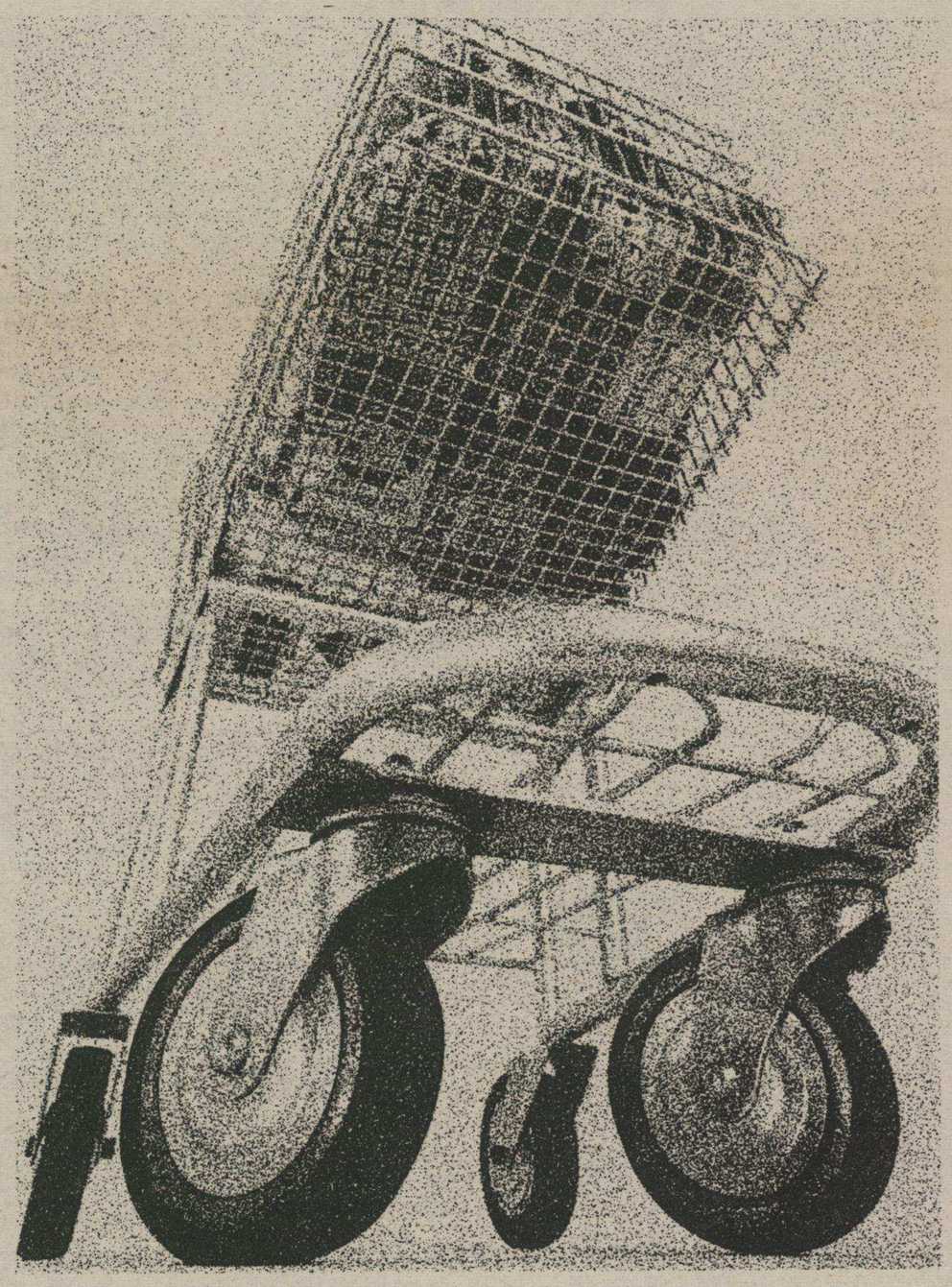
Esse segredo, como quase tudo o mais, permanece desconhecido dos brancos que, seguros da sua superioridade, preocuparam-se apenas em tomar as terras e fazer dos Kaigangues bons cristãos. Mas agora, quando eles já estão reduzidos a pouco mais de 4 mil e completamente descaracterizados, é possível conhecê-los melhor, graças ao trabalho de uma professora da Universidade Vale do Rio dos Sinos, de São Leopoldo.

Durante cinco anos, essa professora, Ítala Basile Becker, pesquisou a história e os costumes desses índios que, já no século II viviam entre as bacias dos rios Uruguai e Caí. Ex-professora primária, hoje formada em Ciências Sociais, Ítala afirma que o objetivo do seu trabalho é "ajudar o ensino nas escolas, pois eu mesma quando lecionava não sabia dizer de onde esses índios vieram".

No seu livro, lançado recentemente, com o título *O Índio Kaigangue no Rio Grande do Sul*, ela divide a história dos Kaigangues em três épocas. Da primeira, a partir do século XVI, as informações são poucas, mas sabe-se que vestiam-se com alguns cordões, acreditavam em vários deuses e na vida depois da morte. Só o cacique principal tinha direito à poligamia,

Segue na página 10

Nestes tempos de crise você precisa de um carro que gaste pouco.



Use o do Real.

Supermercados ao gosto do freguês.

AMPLA

Márcia Rodrigues:

"O importante no som é ele ser tratado como jóia. Como faz a Masson."

Amplificador Gradiente STR 1.050. Com receiver FM/AM estéreo já incorporado. 70 watts e IHF. 4 saídas.

Caixas-acústicas Gradiente Mini-10. Com 3 alto-falantes e 2 canais. "Woofer" de alta potência. "Tweeter" projetado exclusivamente.

Toca-discos Garrard 6.300. Com Compensador Bias ajustável - anti-skating.

Headphone RDF 217. Com ajuste de pressão Left/Right.

Gravador Gradiente CD 1.667. Cassete e deck. Com novo Supressor de Ruídos ANRS.

JMM

Som da Masson. Para fazer feliz quem você ama.

gradiente

MASSON

Joalheiros há 105 anos

Rua dos Andradas, 1.459 • Avenida Presidente Roosevelt, 1.237 • Rua Assis Brasil, 396 • Avenida Tiradentes, 205 (Canoas) • Rua Dr. Bozzano, 1.178 (Santa Maria)

Sem entrada. Você começa a pagar no ano que vem.

viviam da caça, da pesca e comiam pinhões, abundantes nos pinheirais da região.

"A caça era praticada em grupo, num regime de mutirão, e depois era dividida entre todos e assim também era feito com a pesca", explica a professora. "Era um índio coletor e não agricultor, como o Guarani".

A segundo parte da história desses índios já no século XVIII, é também o começo dos seus problemas. Os colonos começaram a invadir os matos, a área do índio foi diminuindo e a sua sobrevivência foi sendo ameaçada à medida que ele ficava com menos espaço para caçar, pescar ou juntar pinhões. Foi nessa época que os jesuítas tentaram catequisá-los.

Apesar da resistência, dos Kaigangues, foi nesse período que houve a maior mudança de costumes. Foram criados postos de assistência e o índio passou a aceitar muita coisa do branco. O casamento, por exemplo, eles concederam que fosse feito por um padre jesuíta, embora só valesse quando realizado também por um sacerdote índio, como era costume dos Kaigangues. E passaram a usar calças, camisas e vestidos, a adotar nomes de brancos.

—Em Nonoai, por causa das brigas, foram criados vários postos. Alguns decidiram morar nos matos e eram chamados de índios bravios. São desse Século XIX também os ataques aos colonos, feitos pelos índios pobres, que assaltavam porque não tinham mais o que comer. Foram os últimos que resistiram, os outros já tinham sido dominados. Hoje o Kaigangue é um agricultor, não caça mais porque "o branco terminou com nosso mato", dizem eles.

Reconstituída a história dos Kaigangues, o que lhe valeu uma bolsa de estudos, Itala Becker parte agora para fazer uma pesquisa sobre os Charruas. No Rio Grande do Sul eram quatro os grupos indígenas: os do campo (Charruas), os dos grandes vales (Guaranis), os do litoral (sambaquianos) e os do planalto (Kaigangues). Os Charruas eram os únicos que montavam cavalos. Deles descende o gaúcho da campanha, que por muito tempo conservou o uso da boleadeira e ainda conserva alguns apetrechos.

1979 a Deus pertence

A Arena ganhou, empatou e perdeu. Essa caixinha de surpresas em que se transformaram as urnas de 76 acabou por não apresentar novidade alguma. Até mesmo os 210 mil votos para o feijão preto, no Rio, não surpreenderam. Surpresa haveria se, em vez de na urna, o feijão preto se materializasse no panelão de minha empregada. Cansada de reclamar, aliás, minha empregada foi até sua seção eleitoral e escreveu as duas palavras que mais tem pronunciado nos últimos meses. Nisso de idéia fixa, minha empregada é mais obstinada que o doutor Zezinho. Para cada "cuidado, comunista" brandido pelo heróico vencedor de Barbacena, os computadores da Datamec têm registrado dois vírgula quatro "feijão preto" gritados por minha empregada.

Mas isso de feijão preto é preocupação de pobre, só interessa a dois terços dos habitante do Grande Rio, moradores de favelas e cabeças-de-porco, ao pessoal da Vila Teodora e à gente ignorante como minha empregada (imaginem, ela não entendeu quando lhe pedi para trocar feijão preto por artichaut au vinaigrette), uma gentinha. Por sinal, muito mal agradecida.

Ela deposita todos os meses oitenta e dois cruzeiros na caderneta de poupança. E veio, de já hoje, se queixar que o dinheiro dela e de outras milhares de cozinheiras deste Brasil varonil está financiando os maravilhosos espigões do Sérgio Dourado na Barra da Tijuca. Vejam até onde chega a maldade nesse mundo: estão

instilando idéias espúrias na cabeça da minha boa Maria.

E o marido dela, que é Manuel e mora em Niterói? Um ingrato. Nessa época de agruras, o presidente se abala de Brasília consumindo petróleo (Manuel deveria saber que há uma crise de petróleo no mundo) para vir inaugurar uma magnífico calçamento, com cordão de sarjeta e tudo, no bairro em que ele, Manuel, mora. Foi uma viagem cansativa, o presidente ainda repetiu para quem quisesse ouvir o que já dissera em Tóquio, que preferia estar na praia àquela hora e que só se submetia ao sacrifício porque ainda há muito por fazer até 1979. E o renegado Manuel votou no MDB. Nada mais nada menos do que no Moreira Franco, um amaralista.

Gratidão tiveram os eleitores de Nova Iguaçu. O presidente esteve lá inaugurando uma torneira. Foi uma festa muito bonita, tinha bandinha, muito carro chapa branca, discursos, cordão de isolamento, criancinha quebrando o protocolo, uma espetáculo, um espetáculo tão lindo que parecia o *Fantástico.* O povo reconheceu e retribuiu elegendo um prefeito da Arena.

Dizem, aliás, que nem precisava o presidente ter-se incomodado por tão pouco, fizesse, por exemplo, mais uma viagem a Caxias ou São Leopoldo, que Faccioni e Prieto tinham mais precisão. Em Nova Iguaçu, o Chagas Freitas, que é do MDB mas no fundo é boa gente, já havia mandado votar no candidato da Arena.

E assim, somando gratidões e diminuindo esparsas manifestações de falta de reconhecimento pelos benefícios recebidos, chegamos à vitória de cinco milhões de votos em todo o País. E vamos partir para outra retumbante, vitória em 78.

O doutor Zezinho tem uma fórmula: eliminar a fidelidade partidária para deixar o Chagas Freitas entrar na Arena e assim garantir o Rio. São Paulo e Rio Grande do Sul são difíceis, Quércia e Pedro Simon parece que não querem trocar de partido.

Não sei o que ele vêem no MDB. Esses moços só pensam em voto, voto, voto.

Concedo que apresentar-se como candidato da Arena diminui as chances de eleição nos grandes centros. Mas que diabo, cadê o idealismo dessa gente? O próprio Chagas Freitas está fazendo doce.

Diz que apóia mas não passa pra Arena, que não é otário. Ora, se ele não entrar, nem adianta mudar a fidelidade apenas para repetir o que aconteceu em Campinas. O prefeito veio pro nosso lado, mas deixou lá no baú do Francisco Amaral todos os seus votos. Me expliquem, por amor de Deus, por que o eleitorado paulista tem tanta aversão à Arena. Será caveira de burro? Se for, o melhor é concordar com a tese do Humberto, que defende quatro partidos. E fazer também uma pequena e barata redivisão territorial. Ninguém mais pode se chamar Arena ou MDB (existe o precedente da cassação do PTB.

Depois disso vocês já ouviram alguém dizer que o PTB ganhou em Santa Maria? Pois é isso. Imaginação criadora). Têm também que acabar esses bairrismos e regionalismo. Campinas muda de nome, Caxias do Sul também, São Paulo, Rio, Porto Alegre, São João do Meriti e Vila Maria Degolada, idem. Fica tudo diferente. Só não muda Cachoeira do Sul, Bento Gonçalves e Barbacena, cidades históricas, com o eleitorado mais politizado do país.

Resolvida a questão de 78, pensemos em 79. Aí é mais fácil. Para esta feijoada, não são convocados os méritos da minha cozinheira. É uma feijoada sem feijão, sem voto, sem despesa alguma para o erário público. Não tem Lei Falcão e nem precisa.

Mas, espere. Também aí há problema. Meu candidato tem uma estrela a menos. E está em décimo lugar no ranking do almanaque...

Não há dúvida. Ainda há muito por fazer até 79.

Paulo Totti

Um jornalismo grisalho e bem nutrido

A diferença entre o jornalismo brasileiro e o europeu começa nos próprios jornalistas. Na Europa eles são, na maioria, respeitáveis senhores grisalhos e bem nutridos, enfatiotados, motorizados, bem pagos, conceituados entre as autoridades e conhecidos pela população. O exemplo do Il Giornale Nuovo — uma bem sucedida experiência cooperativista do jornalismo italiano, que inspirou em parte a formação da COOJORNAL — **ilustra este** e muitos outros contrastes com o jornalismo brasileiro. São diferenças que mostram a defasagem histórica, cultural, política e econômica que separa o Terceiro Mundo dos países chamados desenvolvidos, com todos os seus prós e contras.

A primeira novidade que caracteriza o diário Il Giornale é a média de idade dos seus fundadores, considerada **extremamente** jovem pelo meio jornalístico eu**ropeu: 43 anos.** O líder do grupo e diretor responsável do jornal desde sua fundação, Indro Montanelli, tem 66 anos. A idéia do novo jornal coincidiu com a saída de Mon**tanelli** e mais 25 redatores do influente Corriere della Sera, de Milão (o mais importante da Itália). Isto aconteceu em fins de 1973 e já em março de 1974, após quatro meses de planejamento, foi organizada a sociedade. Em 25 de junho do mesmo ano saiu o primeiro número de Il Giornale, que hoje tem uma circulação diária de 272 mil exemplares (é o quarto diário italiano em circulação e vende em toda a Europa).

Os bons contatos de Montanelli e a reconhecida influência do jornalismo na sociedade, em muito contribuíram para facilitar a aventura empresarial. Dinheiro não foi problema, pois o capital inicial — 100 milhões de liras, ou Cr$ 1.400 mil — foi antecipadamente garantido pela SPI (Sociedade para a Publicidade na Itália). Somente jornalistas são admitidos como sócios **(jornalista, no caso, inclui as funções** de repórter, redator e editor, e exclui diagramadores, fotógrafos e humoristas). A situação de cooperativado-acionista está vinculada à condição de fazer parte da redação do jornal. Isto significa que um jornalista que deixa o emprego é automaticamente excluído desta cooperativa. Il Giornale tem 100 ações, **distribuídas entre os 89** profissionais que atualmente compõem a redação.

JORNAL DE ELITE

O objetivo único desta cooperativa é fazer um jornal novo, diferente. A classe jornalística aparentemente não precisa demais conquistas no campo social nem de promoção. A meta do grupo fundador era fazer um jornal de elite, dirigido aos intelectuais e dirigentes. Foi planejado para circular apenas no norte da Itália (região mais desenvolvida) e para atingir uma edição de 150 mil exemplares num período de três anos. Mas já nos primeiros dias o jornal esgotou nas bancas e a circulação teve que ser aumentada rapidamente para 250 mil. A população culta, politizada, de médio a alto poder aquisitivo, ansiava pelo novo produto de consumo.

Em dois anos e meio de existência, Il Giornale **cresceu e ampliou** suas ativida**des. Dos 50 jornalistas iniciais, os cooperativados chegaram aos 89 atuais.** A redação, que no começo ocupava duas modestas salas do Palácio de Imprensa de Milão (um vistoso edifício no centro da cidade), ocupa agora um andar inteiro e começa a se espalhar por anexos. A impressão ainda é feita na gráfica comum (que utiliza linotipos e imprime também outros três **grandes** jornais e várias publicações menores). A obtenção do papel já não constitui problema. A redação possui sete viaturas equipadas com rádio, o que permite uma comunicação imediata e uma racionalização do uso dos carros. Os repórteres dispõem de gravadores para suas entrevistas.

il Giornale

Anno III, numero 266, una copia L. 150 * — QUOTIDIANO DEL MATTINO — Milano, giovedì 11 novembre 1976

Il presidente del Consiglio ha esposto alla Camera le linee della politica economica

Andreotti dà un mese a sindacati e industriali perchè decidano come frenare i costi di lavoro

Risolutezza

Fallisce l'obiettivo un «commando rosso»

Di Giesi incatenato Costamagna si salva

Jacobo ieri era nel Varesotto

Mezz'ora in mano ai banditi due bambini dopo una rapina

Quando la realtà smentisce la demagogia populista

Dalla violenza di Saronno al Rosenberg

Contro corrente

Gli scioperi in calendario

Da stasera per 24 ore si fermano i ferrovieri

A experiência do Il Giornale Nuovo, um jornal de elite e, como todo diário ***italiano, com*** *declarada atuação política.*

Sua força política, no entanto, pode ser medida pelas últimas eleições italianas, em junho deste ano. Il Giornale promoveu a união de três partidos menores (Liberal, Socialista e Republicano) e apresentou nada menos de 43 candidatos à Câmara Federal, dos quais 36 foram eleitos. Os candidatos todos eram conhecidos pessoais da redação do jornal e foram eleitos apesar de a votação para deputado, na Itália, ser feita através da sigla partidária e não do indivíduo.

INOVAÇÕES E REALIZAÇÕES

Uma *edição móvel*, que permite a impressão quase simultânea em mais de uma cidade, constitui a principal inovação jornalística inaugurada pelo Il Giornale. Além das distâncias geográficas, do custo e incertezas do transporte (que na Itália é freqüentemente paralisado pelas greves), a vantagem dos jornais locais — que começam a ser distribuídos de madrugada — **tornava difícil** a penetração de um novo diário no sul do país. Para resolver o problema, foi criada a edição **móvel e** agora um jornal de fora consegue **chegar** às bancas a tempo de competir com os locais.

Em outubro de 74, a redação do Il Giornale em Milão resolveu enviar algumas páginas compostas para Pompéia através de telefotos. Assim elas eram imediatamente reimpressas no sul da Itália, não sendo necessário esperar que viesse a edição inteira de Milão. Em janeiro de 75 toda a edição foi mobilizada para Pompéia pelo mesmo processo, de forma que Il Giornale pôde circular no norte e no sul simultaneamente. Em breve a experiência será repetida no porto de Gênova, no Mediterrâneo.

Outra **iniciativa da** cooperativa é o fornecimento do noticiário para a televisão de Monte Carlo (Principado de Mônaco). Note-se que a televisão italiana é estatal e por isso exclui o setor privado. Entre os planos futuros do Il Giornale está também a criação de uma nova emissora de rádio.

Como é de se esperar para um jornal italiano do âmbito do Il Giornale, sua atuação política é declarada. Sem ser um órgão de partido, o diário pode ser identificado com a democracia cristã e posições ditas de centro-esquerda. **Sua defesa dos valores tradicionais e da classe privilegiada** lhe vale algumas críticas irônicas dos mais diversos setores da população, que é leitora mas não aceita o elitismo.

Para reportagens especiais, o jornal conta com oito repórteres que podem ser enviados ao estrangeiro, correspondentes em Bonn, Jerusalém e Nova Iorque, e pode ainda deslocar os 12 repórteres da cidade (chamados cronistas). Os teletipos trazem os informes de todas as principais agências internacionais, que fornecem mais de 50% do material publicado diariamente. Todas as notícias de agência são trabalhadas e redigidas dentro do estilo e da linha do jornal. As charges políticas (única **presença** do humor) são feitas por dois colaboradores, pintores profissionais. A redação não requer serviço de fotógrafos e no caso de alguma ilustração eventual prefere comprar fotos de agências.

ARQUIVO ESSENCIAL

Os jornalistas não dispensam a consulta ao arquivo, que funciona desde outubro de 1974 e ocupa sete documentaristas em tempo integral. Além das coleções, dispõem de um arquivo de recorte, feito de oito jornais diários e quatro semanários. Há também o setor de microfilmes, cuja utilização provou ser menos eficiente do que os recortes.

De aspecto **conservador,** Il Giornale procura manter uma unidade de forma e de conteúdo. **A diagramação é** praticada, mas não introduz inovações. Existe um coordenador técnico, que já pela manha pega o espelho da edição. Os editores (chamados chefes de serviço) são independentes em seu trabalho, mas participam ativamente na reunião de pauta. Não há **queixas de** censura política ou econômica. Além do diretor responsável, a redação tem dois sub**diretores** (ambos os cargos desempenhados por senadores da República!), um atuando em Milão e o segundo na sucursal de Roma. O presidente (função representativa) desta sociedade cooperativista é Guido Pioveni, um escritor que se tornou jornalista e inverteu assim a trajetória normal. A política do jornal é ditada por Montanelli e seus dois ou três **colabores mais chegados.**

Regina Vasquez — Milão

Jabaculê de Papai Noel

Em meados de outubro, a Fiat levou a Belo Horizonte 100 jornalistas brasileiros, com tudo pago, para testar o seu carro. No final da festa, além do press-release com todas as informações mastigadas, entregou a cada convidado um brinde útil, prático e valioso: uma máquina de escrever Valentina, da marca Olivetti.

Habituados a esse costume de ganhar viagem com tudo pago, press-release prontinho e um brinde simpático, alguns jornalistas ficaram surpresos com o valor do *jabá* e chegaram a pensar em devolvê-lo. Mas, diante da reação simpática e festiva da absoluta maioria, resolveram também levar o presente, para evitar constrangimento aos colegas e aos promotores da viagem.

A cada episódio desse tipo, repetido sistematicamente em lançamento de novos produtos e por ocasião do Natal, fica no ar a pergunta: o jornalista deve aceitar? Jabaculê, ou toco, é corrupção? Até que ponto o brinde influencia o repórter, levando-o a fazer o jogo da empresa patrocinadora?

A resposta é unânime: o brinde, mais do que uma gentileza, é uma tentativa da empresa de **conquistar a** simpatia do jornalista e obter comentários favoráveis, notícias mais freqüentes e espaços mais abundantes em determinados órgãos de imprensa. Tal como as viagens pagas, os prêmios por reportagem e os almoços ou coquetéis de confraternização com a imprensa, o brinde faz parte de um jogo de interesses empresariais que se oculta sob o amplo título de *relações públicas*.

Todo esse esquema já institucionalizado de *corrupção* (ou qualquer denominação similar) não configura a prática de suborno. Este, segundo a interpretação corrente, é o pagamento por favores recebidos. No caso da imprensa, o jornalista faz o jogo de alguém e, em troca, recebe um cachê, uma comissão ou até um brinde. O suborno é, enfim, uma transação comercial bem delimitada. No terreno jabaculê, a coisa é mais sutil: o envio do presente é um convite implícito de corrupção, mas depende de quem o recebe. O jabá é uma prática universal e começou com o envio de agendas, calendários e chaveirinhos promocionais na época do Natal.

No Brasil, a prática se intensificou paulatinamente com o crescimento econômico, especialmente nos anos do milagre econômico (1968 em diante), quando as empresas passaram a enviar aos jornalistas, no final do ano, garrafas de uísque, caixas de vinhos, gravatas, isqueiros, relógios, gravuras. Nos últimos anos, a industria do jabá foi ficando mais descarada.

Na indústria automobilística, por exemplo, a cada lançamento de nova linha de carros acontece a distribuição de um brinde. Em setembro passado, ao apresentar sua linha para 1977, a Crysler ofereceu rádios portáteis que custam no mercado cerca de Cr$ 150,00. Em anos passados, um lançamento de carro da Volkswagen foi acompanhado de um brinde valioso (cerca de Cr$ 600,00 na época): uma máquina fotográfica Polaróide. Outra vez, a VW distribuiu relógios com o emblema da fábrica **no mostruário. No Natal,** quase todas as grandes fábricas, dependendo dos seus contatos, enviam aos jornalistas tradicionais presentes, desde uísque escocês até utilidades mais caras, como bolsas de viagem, isqueiros. Já houve em São Paulo quem recebesse secador de cabelo, penteadeira eletrônica e filmadora. Além disso, as fábricas de carros oferecem descontos de 5% a 10% aos jornalistas que quiserem comprar **seus carros.**

Em São Paulo, os jornalistas encaram os brindes com naturalidade, embora às vezes se sintam constrangidos. Como prova de que há interesses em jogo, as empresas preferem distribuir seus brindes entre os jornalistas que trabalham no setor de economia. Esse tipo de generosidade pode não resultar em benefício direto para as empresas, mas seus dirigentes acabam sendo lembrados na feitura de alguma reportagem, dão entrevistas, são citados, ficam mais importantes. Enfim, para os empresários, o jabá faz parte de um esquema de marketing ou relações públicas. Para os jornalistas, é uma questão de honestidade. Aceitar o presente não significa ceder à tentativa de corrupção. Mas, do ponto de vista profissional, o jabá não traz vantagem nenhuma, não melhora a qualidade da informação nem beneficia o leitor. E então? Ora, cada um sabe onde lhe aperta a consciência.

Geraldo Hasse

Faça um seguro (e tome cuidado)

Um cálculo otimista revela que há três milhões de pessoas prejudicadas por seguradoras que quebraram nos últimos anos.
Foram 20 empresas nos últimos dez anos que, segundo o advogado gaúcho Alcides Pedro Sabbi deixaram de pagar um total estimado em meio bilhão de cruzeiros a seus segurados.

No início de 1974, um grupo de advogados gaúchos se reuniu para discutir o caso da seguradora Aliança Gaúcha. A Aliança pertencia ao grupo Imigrantes de Caxias do Sul, que estava sob intervenção do Banco Central, e operava sem reservas técnicas e sem balanço aprovado desde 1970. Estava quebrada, sem condições de pagar indenizações devidas a 2.400 pessoas, segundo a direção da Seguradora (o número real de credores, segundo os advogados, chega a 5 mil hoje).

Os advogados, todos prestando serviços a segurados prejudicados por seguradoras, estavam preocupados porque havia pelo menos outras cinco empresas de seguros atuando no Estado seguindo o mesmo caminho da Aliança Gaúcha. E mais: havia empresas quebradas há muitos anos e que ainda não tinham pago a ninguém. Algumas dessas empresas estavam em liquidação, mas continuavam recolhendo os prêmios dos segurados (prêmio é o que o segurado paga pelo seguro).

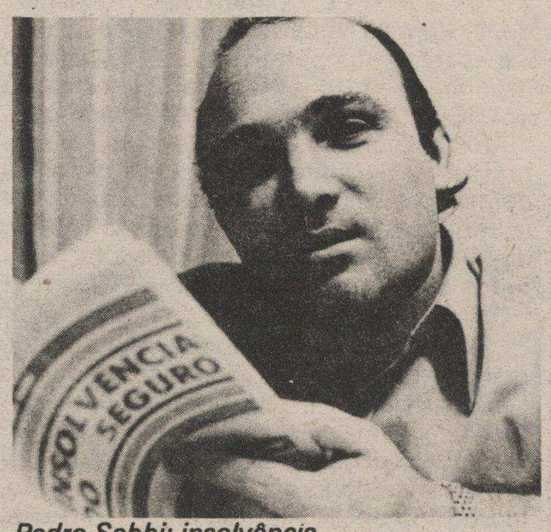
Quase três anos depois, no início de novembro último, um desses advogados, Alcides Pedro Sabbi, publicou um pequeno livro (editado pela Bels, de Porto Alegre) em que revela que a situação não mudou nada, ou melhor, só mudou para pior. O livro intitulado *Insolvência do Seguro* mostra que 20 empresas faliram nos últimos 10 anos, deixando desamparadas as pessoas que com elas tinham seguro. Dessas 20, que faliram, nove estão em liquidação. E um levantamento dos credores de apenas seis dessas nove empresas em insolvência revela que 305 mil pessoas ficaram prejudicadas. Em entrevista a este jornal, Pedro Sabbi estimou em um milhão o número de pessoas diretamente prejudicadas por todas as empresas em liquidação. "Como a cada um desses credores estão vinculadas em média três pessoas, podemos deduzir que o número das vítimas vai a três milhões", disse Pedro Sabbi. Em valor, ele estima algo aproximado de meio bilhão de cruzeiros.

Sabbi denomina "vícios do seguro" os fatores que concorrem para esta situação e o principal e mais grave desses vícios, segundo ele, é a maneira como o seguro é encarado no país. Diz ele: "Nós encaramos o seguro a partir da empresa, que se apresenta como dona da instituição do seguro, quando ela é apenas administradora de uma poupança formada pela reunião de vários indivíduos. Os verdadeiros titulares do seguro são os segurados, mas estes não têm voz ativa, nunca têm qualquer conhecimento da real situação financeira da empresa. Ora, com as empresas sentindo-se desobrigadas de prestar contas aos seus segurados, isto é, àqueles que contribuem com o dinheiro que elas operam, caem no desmando".

Então, decorrência desse vício maior, surgem todas as distorções: há prazo para o segurado pagar o prêmio, mas não há prazo para a liquidação dos sinistros. Os prazos, quando existem, são longos ou não são cumpridos; também não se admite acordo na hora do segurado pagar, mas quando a seguradora precisa indenizar é quase sempre feito acordo que o segurado, sob a pressão de receber, acaba aceitando.

A falta de uma fiscalização mais rigorosa de parte do governo, através da Superintendência dos Seguros Privados — Susep — contribui para agravar a situação.

Além disso os órgãos oficiais são os culpados ao não alertarem o público. Alguém que é obrigado a fazer um seguro para seu veículo, por exemplo, não tem como distinguir entre as boas e as más em-



Pedro Sabbi: insolvência

presas. Afinal, se todas operam autorizadas pelo sistema e usam da publicidade de uma mesma maneira, como saber qual presta e qual não presta?

É o caso da Companhia Planalto de São Paulo, citada como exemplo por Sabbi. Operando só com seguros obrigatórios no centro do país, a seguradora fechou há oito anos, mas até agora não pagou nenhum de seus credores, a quem deve um total de Cr$ 18 milhões. Entretanto, a empresa, através do liquidante (pessoa nomeada pela própria Superintendência de Seguros Privados para fechar a empresa), gastou mais de Cr$ 45 mil em viagens, mais de Cr$ 180 mil em honorários, Cr 25 mil em ajudas de custo, Cr$ 38 mil em despesas diversas, Cr$ 1 milhão em ordenados e gratificações e ainda Cr$ 72 mil a título de serviços técnicos.

Seis companhias declaradas insolventes na última década estão sendo compradas por grandes empresas. Estas seis são a Aliança Gaúcha, de Caxias do Sul, a Aliança de Goiás, Seguradora Indústria e Comércio, Seguradora Mineira, Companhia Ilhéus e Seguradora Delta. A omissão dos órgãos oficiais em prevenir os segurados para este risco é justificada, segundo Sabbi, "por adotarem a política de quebrar o máximo de companhias possíveis, a favor das grandes do mercado, como Sul América, Atlântica Boa Vista (que, associada à Prudential Assurance Company, comprou recentemente uma empresa menor), Companhia Internacional de Seguros, Grupo Itaú e Grupo Brasil.

Na opinião de Sabbi, o próprio mercado segurador está sofrendo as conseqüências desses vícios que estão desfigurando a imagem do seguro. "Atualmente, diz ele, fala-se muito que o mercado cresce e tudo o mais, mas esse crescimento é mais aparente, porque na realidade mal está cobrindo a inflação". Em 1975, o total arrecadado pelas empresas de seguros do país, alcançou Cr$ 10,3 bilhões. Para o próximo ano, a previsão é que essa arrecadação alcance pouco mais de Cr$ 16 bilhões, ou seja, um crescimento em dois anos da ordem de 60 por cento, que não cobre a inflação no período (só este ano já superou os 40 por cento).

Dados da Revista do Seguro comprovam a tendência. Na edição de julho deste ano são publicados os resultados de todas as empresas do setor no exercício de 1975. Das 92 seguradoras operando no país, 30 obtiveram resultados negativos, isto é, tiveram prejuízos, sendo 27 delas empresas nacionais e três estrangeiras. No ano anterior, isto é, 74, o número de empresas com resultados negativos era 26, que tiveram um prejuízo total de 50 milhões de cruzeiros.

Maria da Graça Silva

Dentro da caixinha mágica

Que bicho terá mordido a rapaziada?

Alguma coisa rápida pode estar acontecendo neste lado de cá da República das Bruzundangas, Quiquiriquis e Penduricalhos. De repente, a rapaziada alegre da imprensa resolveu fazer crítica de qualidade da tevê? Ou se trata, apenas, de mais uma remandiola, desses ventos que sopram em agosto mas que, no fundo-fundo, não são contrários a nada e apenas estão blefando?

No mesmo dia, estão achando que os *filmes de hoje,* embora dois sejam a cores, simplesmente não pagam a pena de ligar o aparelho. Há uma sub-razoável comédia musical tentando oferecer algo que pode ou não ser assistível. De qualquer forma, é jogo no escuro. E bom jogador não entra no lance. Estão dizendo que um canal de São Paulo tentou fazer uma boa programação, mas não deu nem para o começo. Meia volta, volver. E, mais adiante, concluem que o momento é de melhorar o nível de qualidade da nossa tevê.

Num mesmo **noticiário**, é possível contar treze boatos e desmentidos, afora alguma fofocalha de terceiro plano. Curioso jornalismo, o feito sobre a tevê. Existe a reportagem do boato, ficando, é claro, tudo por isso mesmo, já que é o boato pelo boato sem nenhum espírito de investigação. Mais adiante, o malho cai sobre a qualidade (ou ausência de) dos apresentadores. Uns andam mais nervosos que os apresentados, outros só fazem macaquear os primeiros, há uns terceiros que ficam como uma espécie de meio termo entre o ridículo de um e o farisaico de outro. Logo mais, aponta-se falta generalizada de inspiração. Todo mundo macaqueia todo mundo e, como a matriz é ruim, as cópias estão saindo horrorosas, arreganhadamente.

Logo mais, nova carga de pau (e terror). Cabeças vão rolar na equipe paulista, pois, toda ela estava montada no tal *anarquismo chacriniano.* E Chacrinha, que não é bobo nem nasceu ontem, já repulou de São Paulo para o Rio, onde entusiasmado promete (ou espera) muito sucesso, enquanto garante estar numa boa. Alguma produção alentada sobre ele foi apresentada na Alemanha com sucesso e apoio de uma revista ilustrada. E, claro, o velho palhaço fatura.

Fala-se em novas crises nos bastidores da novela — casais brigados que não querem se beijar nem profissionalmente para a gravação, gente que está batendo pinos mas não vai ganhar férias, e, mais corajosamente, alguém está observando que a censura está cortando até o pretenso realismo fantástico do horário das 22 horas.

E há, de forma generalizada, uma reclamação maciça contra a falta de nível cultural em todos os níveis — música, humor, filmes, programas de auditório e telejornalismo.

Pauleira saudável sobre várias situações tortas dentro de uma estrutura torta?

Sabe-se lá. O fundamental nunca é dito — a invasão de produtos estrangeiros continua, o colonialismo cultural campeia à grande e à vontade, a pornografia se disfarça em erotismo e fatura altíssimo. E, principalmente, 57% dos programas de televisão são de enlatados estrangeiros. E assim continuará sendo.

João Antonio

Martins & Andrade

Nem todos os jornais podem ser feitos com uma tesoura e uma máquina de escrever

Principalmente quando entra uma coisinha chamada consciência profissional na história.
Coojornal é um exemplo disso. Um feliz exemplo. De jornalismo corajoso. Feito com talento, suor e muito idealismo. Como todo jornal deveria ser.
É gostoso ver profissionais reunidos, dispostos a levar em frente um trabalho sério.
É motivo de orgulho para a gente ver o Rio Grande do Sul mostrando pro Brasil como se faz jornalismo.
Vamos lá Coojornal.

Nós também estamos apostando em vocês.

GRUPO OLVEBRA

Porque a medicina é cada vez mais cara e sofisticada

A maneira como a medicina é encarada no Brasil induz os médicos à sofisticação e aos serviços cada vez mais caros. É o que diz Antônio Sérgio Arouca, médico com doutorado em medicina social e pós-graduado em saúde pública nesta entrevista.

Coojornal — Quais são as necessidades práticas da população, em termos de saúde, que não estão sendo atendidas pela atual estrutura da medicina no Brasil?

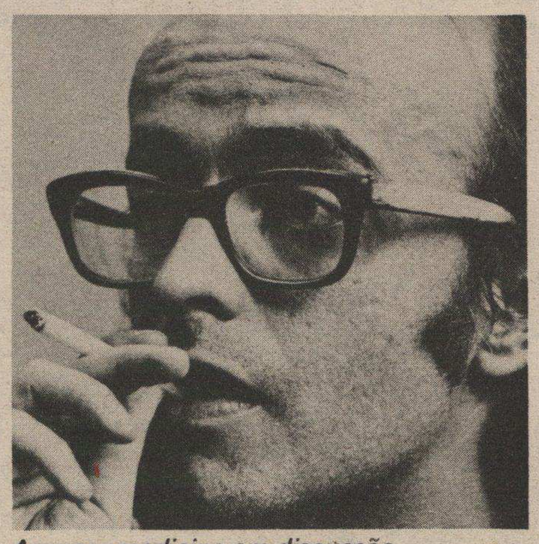
Antônio Sérgio Arouca — *Eu diria que quase todas, na medida que se tem uma população que não tem acesso aos serviços de saúde. O Brasil é um dos únicos países que mantém uma relação direta entre o crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB) e o crescimento da mortalidade infantil, os dois crescem juntos. As endemias também estão aumentando, a esquistossomose, que estava na região nordeste, está descendo para o sul; Mal de Chagas, que tinha no nordeste e sul, está subindo pela Transamazônica para o norte. As taxas de subnutrição estão altíssimas e grande parte da população rural não tem acesso aos serviços de saúde e não pode arcar com os custos dos medicamentos. Então, em termos de necessidade de atenção médica, tirando uma pequena parcela da população que tem acesso a ela, não são atendidas. E, mesmo que os dados mostrem que uma grande parcela da população tem direito à previdência social, são os estratos de renda mais altos que absorvem a maior parte dos seus serviços, porque sabem utilizar melhor os mecanismos que a eles dão acesso. Então a população mais necessitada não é a que demanda a maior atenção da previdência social, pois tem direito ao atendimento médico e não tem acesso ao serviço.*

Coojornal — Como é a estrutura da medicina no Brasil?

Arouca — *Na realidade não se pode falar de medicina como uma coisa homogênea. Existem práticas diferentes que atendem diferentes parcelas da população, então, se tem um tipo de medicina liberal que estabelece uma relação de troca: alguém que tem conhecimento e habilidade e o outro que tem renda, se trocam conhecimento e habilidade por renda. É uma medicina voltada para a classe média alta, especializada, extremamente sofisticada com grandes componentes tecnológicos e extremamente cara. Este tipo de medicina funciona, então, como um ideal a ser alcançado pelos médicos na sua carreira profissional, porque é mais lucrativa, mais legitimada. No entanto, é uma medicina que nada tem a ver com os problemas da população. Depois se tem o outro tipo de medicina ligada à previdência social, cuja função é manter os trabalhadores em boas condições para continuarem o processo produtivo. É uma medicina muito mais simplificada, muito mais sintomática, porque o seu efeito é fazer com que o indivíduo volte a trabalhar.*

Coojornal — E o ensino de medicina nas escolas?

Arouca - *Para se colocar alguma coisa em relação ao ensino nas faculdades de medicina se deve lembrar primeiro que a sua função é reproduzir determinadas relações sociais já existentes no exercício da profissão. Toda a composição de currículo quer exatamente manter a atenção médica na forma que já existe. Mesmo que nos discursos oficiais se pregue a necessidade de formação de clínicos gerais para atendimento à população o fato concreto é de que todas elas estão formando especialistas. As escolas estão respondendo a um mercado especializado que só atende uma parcela da população.*



Arouca: medicina em discussão

Coojornal — Depois do surto de meningite em 1974, as doenças infecto-contagiosas passaram a ser melhor ensinadas nas escolas de medicina?

Arouca — *Não, nada mudou. Porque me parece que no Brasil a saúde pública se organiza em termos de campanhas. Na medida que aparece um problema que ganha uma dimensão social muito ampla e aparece como crise, a resposta é a organização de uma campanha, que tenta resolver imediatamente o problema e depois se burocratiza, passa a ser mais um dos ramos do Ministério da Saúde. Mas falta, na realidade, uma infra-estrutura básica de serviços de saúde, que, inclusive, não necessita de campanha, à medida que atende uma grande camada da população. Quando surge a emergência, esta estrutura cobre o problema. Então, estas campanhas têm um efeito muito pequeno sobre a organização da saúde e sobre o currículo médico.*

Coojornal — Quais as saídas para modificar a estrutura da medicina no país?

Arouca — *Um dos caminhos é a medicina de comunidade. Durante muito tempo se tentou mudar o currículo da escola. A idéia era essa: se você tem um médico que não resolve o problema de assistência médica, você reforma o currículo e faz um médico com uma nova atitude, que vai mudar o sistema. Este movimento foi iniciado pela Organização Panamericana da Saúde em 1954 na América Latina. E depois de todo este tempo o trabalho foi nulo. Foram introduzidos nos currículos das escolas médicas as cadeiras de medicina preventiva. Estes novos médicos então, transformariam na prática o sistema de saúde. A segunda tentativa foi a de modificar o currículo das escolas. Outro resultado nulo. A maioria das faculdades que mudou o currículo voltou aos antigos depois de algum tempo. Agora mesmo está havendo uma crise na faculdade de medicina de São Paulo, onde todos os professores exigiram a volta ao currículo antigo sem as inovações introduzidas com cadeiras de medicina de comunidade, saúde pública e medicina preventiva. A tentativa que se faz agora tem um novo enfoque: quem determina a forma de educação é a prática da medicina e não o contrário. Se propõe modelos experimentais de numa certa área, tentar reorganizar o setor de saúde e a partir disto mudar o currículo.*

Coojornal — Onde estão sendo feitas estas experiências?

Arouca — *Uma delas é o projeto que está sendo feito em Montes Claros, norte de Minas Gerais pela Secretaria da Saúde do Estado. Numa região de dois milhões de habitantes se montou uma rede de atenção primária, baseada no auxiliar de saúde, uma rede de ambulatórios com médicos e no final um sistema hospitalar. A idéia é que toda pessoa da região tenha acesso aos serviços de saúde. Há também uma tentativa de integração das diferentes instituições de saúde, a previdência social com o ministério e a integração da escola de medicina de Montes Claros ao projeto, modificando seu currículo para que os médicos sejam aproveitados ali mesmo. E também, uma tentativa de utilização das práticas de medicina popular existentes na região.*

Coojornal — Como os outros setores da medicina acompanharão estas modificações que a prática poderia introduzir no ensino da medicina? E na sua própria estrutura?

Arouca — *Não vão acompanhar. Tudo o que se faz é na forma experimental. Porque a decisão política concreta que existe é manter o sistema de saúde na forma como está. A lei que introduziu o sistema nacional de saúde nada mais fez do que regulamentar o que já existia. Manteve a iniciativa privada, manteve a previdência Social, o Ministério da Saúde, todos se parados e estabeleceu uma coordenação entre eles. A lei, na verdade, foi um avanço quando não se tinha nada que regulamentasse os mínimos contatos entre as instituições.*

Coojornal — E como se desenvolve o trabalho médico nestas experiências?

Arouca — *Por exemplo, as experiências de medicina simplificada que estão sendo feitas no Brasil, introduzindo o auxiliar de saúde, uma pessoa que saiba trabalhar na comunidade e aprenda a resolver problemas básicos como aplicar uma vacina, aplicar uma injeção, saneamento básico orientar nutrição, construção de fossas, tudo que compõe a instrução primária. Cada vez mais se demonstra que a medicina para populações menos favorecidas não necessita de alta tecnologia. Quando se analisa a evolução das doenças que mais aparecem nas pessoas se vê que a grande maioria delas se resolve sozinha, sem interferência de ninguém. Uma outra porcentagem muito grande se resolve com uma simples consulta e um medicamento direto e apenas cinco por cento das doenças exigem uma intervenção mais sofisticada. O problema é que estes cinco por cento passam a ser padrão para toda a prática médica. Então o custo da atenção médica, e este é um problema mundial, está crescendo numa velocidade muito maior do que o aumento de renda de qualquer população. No Brasil, onde o padrão de atendimento é o modelo da prática americana, onde não se tem controle da indústria farmacêutica, se tem 26 mil medicamentos no mercado, onde não se tem controle de equipamentos e onde a medicina passa a ser mais especializada do que nos Estados Unidos, a distorção aumenta. Se fala que a medicina vai mal. Não, do ponto de vista econômico vai muito bem, o setor de saúde está crescendo 18 por cento ao ano.*

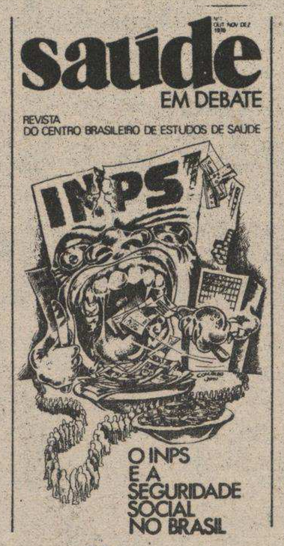
Coojornal — Mas quais são os setores da saúde que estão crescendo?

Arouca — *Cresceu a indústria de remédios, cresceram as empresas médicas (como a Golden Cross) que passaram a ser uma*

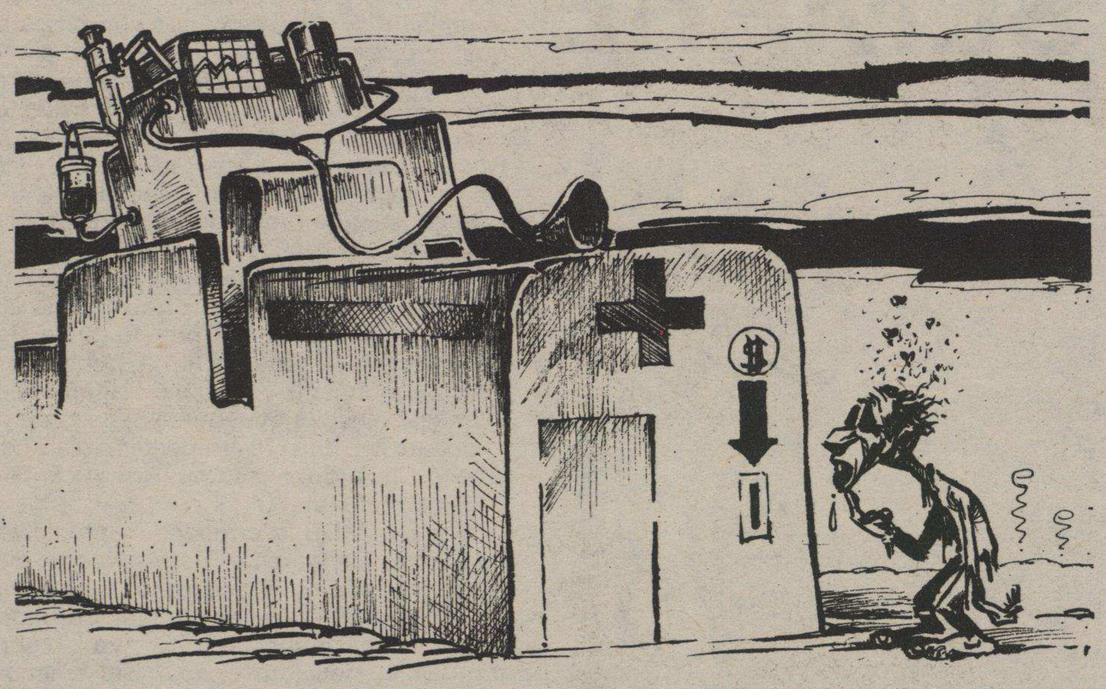
Saúde em Debate

Antônio Sérgio Arouca esteve em Porto Alegre no início de dezembro para lançar a revista Saúde em Debate, *do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes). Segundo Arouca, desde a década de 40 não surgia no país uma publicação com as características da revista, cujo objetivo é discutir a medicina. "O que tivemos até agora, diz ele, são apenas revistas técnicas". A idéia partiu de um grupo de médicos paulistas preocupados em "discutir francamente" as questões de medicina no Brasil e acabou dando origem ao Cebes, instituição que além de editar Saúde em Debate, promove debates sobre questões como medicamentos, medicina social, etc. Atualmente o Cebes já tem seis regionais nos Estados, inclusive em Porto Alegre e dele podem participar todo os médicos interessados.*

Os recursos para a revista provêem da venda de assinaturas que custam 50 cruzeiros para estudantes e 100 cruzeiros para não estudantes e dos cotistas que



pagam 200 cruzeiros por ano. Em Porto Alegre, as assinaturas da Saúde em Debate podem ser adquiridas no Diretório Acadêmico da Medicina da Universidade Federal. No primeiro número a revista tem entre outros os seguintes artigos: Medicina Comunitária, Introdução a uma Análise Crítica, A Prática da Saúde e a Educação, A História Natural das Doenças Medicina de Comunidade — Implicações de Uma Teoria, Sistema Nacional de Saúde — Proposições e Perspectivas, Limitações e Possibilidades de Atuação em um Serviço de Puericultura, Aspectos Intelectuais de Crianças de Níveis Sócio-Econômicos Diferentes.



atividade lucrativa, capitalista. Elas são consideradas pela Associação Médica como sendo antiéticas, porque o código de ética da medicina diz que ninguém pode lucrar com o trabalho do médico a não ser ele mesmo e o paciente. E estas empresas compram o trabalho do médico e passam a ter lucro. Mas até agora, que eu saiba ninguém foi condenado por exercer atividades antiéticas nestas empresas.

Coojornal — E quando o trabalho do médico é intermediado pelo Estado?

Arouca — *Acho que esta idéia só é válida quando o intermediário tenta obter lucro sobre a atenção médica, o que não é o caso do Estado. Mas no Brasil, o esquema da previdência social é basicamente privatizante. O que ela faz na verdade é constituir um grande fundo, e a partir deste fundo financia as atividades privadas da medicina. Tanto assim, que o número de hospitais próprios da previdência é muito pequeno. A sua atividade fundamental é o pagamento de serviços que leva a todas estas distorções: aumento do número de cesarianas, de cirurgias desnecessárias, internações desnecessárias. Fundamentalmente o que ela abre para a iniciativa privada é uma fatia do mercado, que sem a previdência não teria acesso aos serviços de saúde. Então, a previdência social no Brasil, na forma como está organizada, financia e incentiva a medicina privada, na verdade, não tem nada de socializante.*

Coojornal — Como a classe médica reagiria a uma socialização da medicina no país?

Arouca — *Contrariamente. Assim como vão gritar contra a idéia de simplificação da medicina, de utilização do auxiliar de enfermagem. Na Colômbia houve um projeto de odontologia simplificada em que o sujeito foi expulso sem discussão, por promover o exercício ilegal da profissão.*

Coojornal — Então os médicos são mesmo a máfia de branco?

Arouca — *Na verdade, esta interpretação parte de um erro de análise ao se tentar imputar a um grupo profissional a responsabilidade por uma situação de estrutura. Não está nos médicos em si a causa das distorções. Então, este tipo de campanha da máfia de branco parte de um grande equívoco. Tem que ver de que forma está organizada a saúde no Brasil, que está provocando esta distorção. Na medida que a previdência continua pagando por unidade de serviço, que os salários de saúde pública são muito baixos, que se está incentivando cada vez mais o desenvolvimento destas empresas médicas é natural que isto aconteça. Aqui você paga por intervenção médica, na Inglaterra é o contrário, o medico ganha pelo indivíduo sadio.*

Coojornal — Como é o funcionamento do sistema de saúde inglês?

Arouca — *O sistema inglês é todo socializado e baseado no clínico geral. O sujeito se inscreve com um destes clínicos que tem uma cota de 2.500 pessoas para atendimento. No instante da matrícula o médico passa a receber pelo sujeito, independente de ele estar doente ou não. Cada vez que o sujeito fica doente o médico não recebe nada, pelo contrário, a não-ocorrência de moléstias infecto-contagiosas entre seus inscritos aumenta o seu salário. O que ocorre é toda uma fixação de honorários e salários que incentiva a não-ocorrência de doenças no país. E, na Inglaterra, o paciente só tem acesso a um médico especializado depois de passar por um clínico geral. Os especialistas fazem cursos de 10 anos depois da faculdade de medicina e ficam apenas nos hospitais atendendo os casos realmente difíceis. Este sistema existe desde 1946 na Inglaterra e partiu de um movimento dos trabalhadores. Os medicamentos também são controlados pelo Estado, e distribuídos gratuitamente. Agora no Brasil nós partimos exatamente do inverso, nós pagamos por doenças. Se paga mais por uma cesariana a um médico, do que por um parto normal, então os partos passam a ser cesariana, mesmo que isto não seja necessário. Isto sem querer criticar a previdência que eu considero uma instituição fundamental a ser defendida. Porque o que se tem tentado até agora é esvaziar cada vez mais o INPS para que se privatize mais. E agora está para sair esta lei do seguro-saúde que é mais uma tentativa de esvaziar a previdência social.*

Coojornal — E como vai funcionar?

Arouca - *Ainda não se sabe ao certo, porque está sendo estudado. Mas parte da idéia de estratificação da medicina. Se tem uma medicina de saúde pública para as populações de baixa renda, tem a previdência social que é para os mais ou menos, e tem a medicina de alta qualidade para quem tem renda. Como a previdência social não tem condições de dar este tipo de medicina cria-se este seguro para aqueles que a utilizam. Nos Estados Unidos onde existe isto também, a situação chegou a tal ponto que o sujeito da classe média, quando adoece, precisa vender tudo o que tem para ter acesso a um tratamento de saúde. Mas lá as leis estão começando a mudar. As pessoas de uma determinada idade passam a ter atendimento direto, pago pelo Estado. Eu acredito que se deve modificar a organização da medicina mas estas mudanças não nascem espontaneamente nem de um grupo tecnocrático e nem das universidades, nascem fundamentalmente a partir dos interessados na medida que estes se encontrem com grupos técnicos interessados em levar adiante as suas questões.*

Coojornal — A população tem consciência destas distorções?

Arouca — *Na população realmente carente não existe esta necessidade artificial da medicina. As pessoas da fila do INPS precisam realmente de atendimento. Foi feita uma pesquisa em Campinas entre o pessoal ligado à construção civil. A primeira pergunta feita era de como a pessoa se sentia no momento da investigação. Se não me engano, 80 por cento responderam que estavam em boas condições de saúde. Mas um exame clínico completo em cada um mostrou que a média de doença por pessoa era de 9,2. Isto significa que somadas todas as doenças e divididas pelo número de pessoas haveria nove para cada uma. Houve uma pessoa que apresentou 17 diagnósticos. Nesta classe não é a medicina que cria a necessidade do atendimento médico, e sim as condições de vida desta gente.*

Salários sempre baixos

Há alguns anos um repórter entrou no confortável gabinete de Leopoldo Collor de Mello, editor-chefe da Gazeta de Alagoas e filho do senador Arnon de Mello, dono do jornal, para pedir um aumento de Cr$ 20,00 (ele ganhava Cr$ 82,00) e saiu desempregado: o jornal sempre teve, por "princípios governamentais", não se exceder ao salário mínimo.

Depois disso, a situação não mudou. "Sem tirar o mérito do vencimento percebido pela classe militar, o jornalista em Alagoas ganha menos do que um soldado da polícia militar", diz Freitas Neto, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos e membro da diretoria do Sindicato em Maceió, salário de Cr$742,00. Ele e mais alguns colegas lideram a luta por um salário profissional, de seis salários mínimos regionais.

Para fundamentar a reivindicação, Freitas Neto pesquisou a situação dos profissionais e publicou um trabalho, "O Jornalista no Nordeste", através do que chegou a constatações como esta: desde 1970, as folhas de pagamento das empresas mantêm-se estáticas, o jornalista ganha, no máximo, um salário mínimo do seu jornal, mas este cresce economicamente de maneira vertiginosa (o número de repórteres na Gazeta de Alagoas, por exemplo, caiu em 60% nesse período, mas os empreendimentos — jornal, rádio, tevê e editora — do senador Arnon de Mello cresceram 1.000%).

Freitas Neto sustenta que isso é conseqüência do comprometimento das empresas e dos jornalistas com o governo. Maceió tem 100 jornalistas sindicalizados, do quais 60% exercem a profissão. Desses, 36 são empregados em organismos oficiais, percebendo um salário medio de Cr$ 3.705,00, conforme a pesquisa. Os não empregados oficiais, como Freitas Neto, recebem uma média de Cr$ 1.475,00, computando nessa média os acréscimos de cargos de chefia ou editoria.

Para a imprensa e para os leitores, as conseqüências disso são graves; analisa Freitas Neto: poucos dos 36 conseguem separar a função de assessor com o requisito elementar da profissão, a imparcialidade no desempenho da função no jornal, e apenas 10 a 15% deles procura a fonte para colher notícias. Publicando releases, os três jornais de Maceió perderam leitores: somando as tiragens de todos eles, vende-se pouco mais de 10 mil exemplares diários, para uma população superior a 1 milhão e 500 mil habitantes.

Jorge Oliveira

Chame a União e faça uma apólice de "Vida em Grupo" para seus empregados.

É o seguro dos empresários responsáveis.

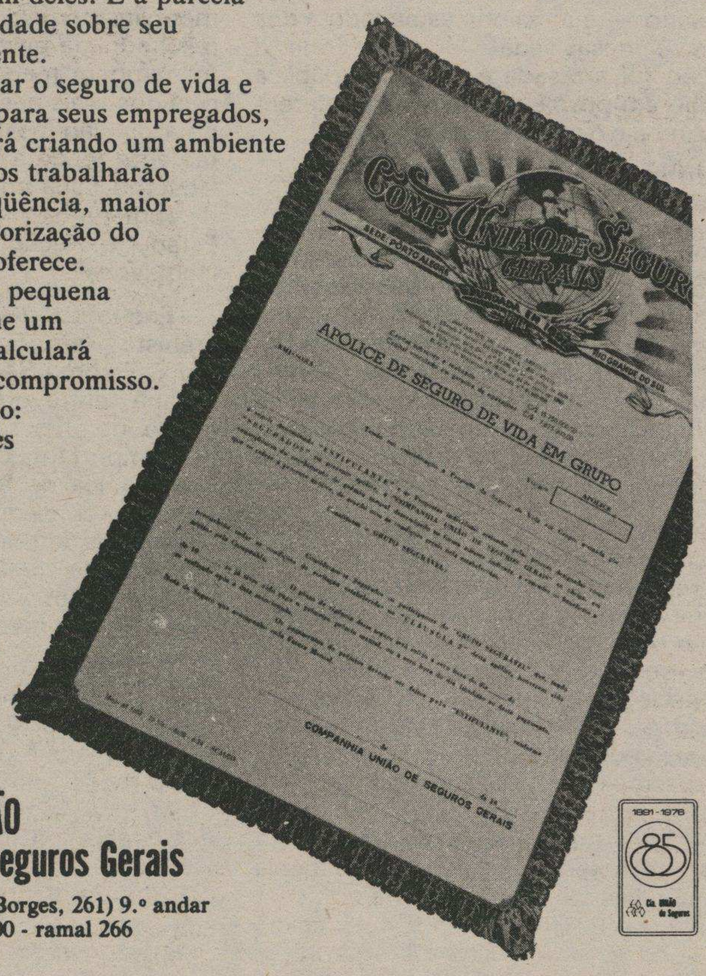
Se a sua empresa tem mais de cem empregados, consulte imediatamente a União de Seguros sobre uma Apólice de Vida em Grupo.

Você sabe o quanto é importante para sua empresa o trabalho de cada um deles. E a parcela de sua responsabilidade sobre seu bem-estar permanente.

Ao proporcionar o seguro de vida e acidentes pessoais para seus empregados, você também, estará criando um ambiente tranqüilo onde todos trabalharão melhor. Em conseqüência, maior produtividade e valorização do emprego que você oferece.

Tudo por uma pequena quantia mensal, que um técnico da União calculará a seu pedido, sem compromisso.

Chame a União: diretamente, através de seu corretor, ou de um gerente do Banrisul.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

Ed. União (Borges, 261) 9.º andar
Fone 24.50.00 - ramal 266

É O POVO DE NOVO E SEMPRE

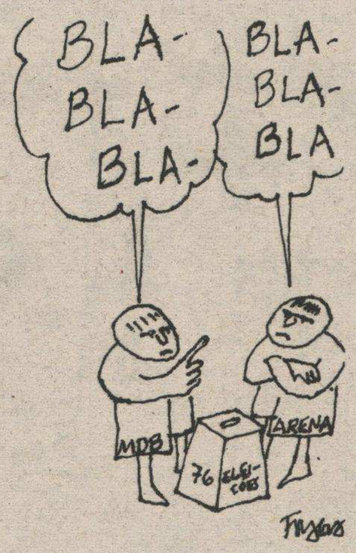
—O MDB foi o grande vitorioso nessas eleições.

—A vitória foi da Arena.

A surpreendente conclusão de que não houve derrotados nas eleições do dia 15 último pertence aos presidentes regionais do MDB e da Arena gaúcha. Mas não foi essa a única concordância entre o deputado Pedro Simon e Otávio Cardoso quando, uma semana depois das eleições os dois se reuniram para dar uma entrevista coletiva onde analisariam os resultados eleitorais. Extremamente gentil, Simon ofereceu "a quem ganhou no número de municípios" a honra de responder à primeira pergunta. O que naturalmente não foi aceito por Cardoso: "Responde primeiro quem ganhou no número de votos".

Encontrada a solução no alfabeto, Cardoso respondeu à primeira pergunta e encerrou de vez com as gentilezas. "É irrelevante o maior número de votos", sentenciou ele. "A eleição foi municipal, disputada município a município, prefeitura a prefeitura, câmara a câmara, e essa nós vencemos". Em seu socorro, Simon lembrou que o ministro da Educação, Ney Braga, e o presidente nacional da Arena, Francelino Pereira, não concordavam com a opinião de Cardoso. E insistiu: "A soma de votos é o único critério para saber quem é o vencedor de um jeito". Na verdade, o presidente regional do MDB não precisaria ter recorrido a Pereira para quem "a Arena foi derrotada no Rio Grande do Sul", para mostrar o significativo avanço da Oposição no Estado:

Com um crescimento de 60 por cento, passando de apenas 55 para 88 prefeituras e conquistando o controle dos municípios mais importantes do Estado, o MDB parece ter confirmado a tendência verificada em 74 — quando começou a ganhar contornos de um verdadeiro partido político. Mas não é só: além da vitória em 9 dos 11 municípios gaúchos com mais de 40 mil eleitores e a inédita conquista de 2/3 da Câmara Municipal de Porto Alegre, Simon podia contar com outros motivos de orgulho. "O mais importante é que o MDB



fez maior número de votos no interior, quando até na época do PTB o tradicional era ganharmos em Porto Alegre e perdermos, em número de votos, no interior", afirma ele creditando tais resultados à organização partidária.

A Arena, no entanto, conquistou 116 das 204 prefeituras em jogo (nas 25 áreas de segurança nacional, duas estâncias hidrominerais e na capital não houve escolha de prefeitos) e elegeu 1.228 vereadores, 122 a mais do que o MDB. Números suficientes para que o governador Sinval Guazzelli voltasse a reafirmar sua tese de equilíbrio. "A soma geral marca uma vitória do MDB por cerca de 5 por cento dos quase 3 milhões de votantes, o que não representa um desequilíbrio em uma eleição", afirmou ele na sexta-feira, 19. "A Arena fez a maioria das prefeituras e dos vereadores, mas também por uma diferença que não é muito larga. Esses dados mostram o equilíbrio do pleito".

Na verdade, a diferença de 155.914 votos a favor do MDB não chega a ser um termômetro fiel das eleições. Vencendo nos maiores colégios eleitorais do Estado (as exceções foram Cachoeira do Sul e Santa Cruz do Sul), O MDB parece ter se firmado como um grande partido urbano, capaz de sensibilizar o eleitorado de maior nível de informação o que por si só seria uma garantia de crescimento permanente. Simon, aliás, afirma que o partido só não apresentou melhor desempenho graças às restrições da "lei Falcão". "Se tivéssemos tido acesso ao rádio e a televisão, o MDB teria tranqüilamente ganho a maioria das prefeituras", conta ele. "Os resultados para nós, com todas essas restrições, foram surpreendentes".

Para a Arena, os resultados certamente foram surpreendentes, embora não da mesma maneira. Em Pelotas, por exemplo, o prefeito Ary Alcântara prometeu pessoalmente a Geisel a conquista de 90 por cento dos votos e acabou derrotado por quase 2 mil votos. E em Caxias do Sul, onde Geisel se empenhou a ponto de ele próprio haver pressionado Victor Faccioni para que fosse candidato — e ter visitado a cidade às vésperas das eleições —, a diferença foi ainda maior: 12 mil votos. Resultados que devem ter parecido inacreditáveis à maioria dos arenistas e até mesmo a alguns zelosos repórteres políticos. Em plena apuração da disputada eleição de Pelotas, a Rádio Universidade chegou a desmentir a informação "de uma emissora de fora" de que o candidato Irajá Rodrigues havia ultrapassado a Fuad Selaimen. "Esses são dados falsos, levianos, para confundir o público local", corrigiu o repórter do setor.

Três horas e meia mais tarde, não tendo como desmentir os números oficiais, a Rádio da Universidade Pelotense era obrigada a admitir, embora a contragosto, que o emedebista Irajá Rodrigues era o novo prefeito do município com um total de 30.368 votos conquistados. Mas não foi uma rendição completa: o repórter Clayton Rocha, designado pela Rádio da Universidade para cobrir "a marcha do pleito" recusou-se a entrevistar o candidato vitorioso. E ao final dos trabalhos, visivelmente magoado e também com a certeza de que havia perdido seu trabalho de assessor de imprensa da prefeitura de Pelotas, ele não hesitou em tornar público seu descontentamento com os eleitores pelotenses. "Este povo que hoje festeja a vitória do MDB ficará arrependido dia 31 de janeiro, quando o senhor Ary Alcântara deixar a Prefeitura".

Para o MDB o arrependimento talvez não seja exatamente esse. Nesse dia, quando assumir o governo pelotense, Rodrigues, 40 anos, advogado, professor de filosofia, autor de oito livros sobre tributação, poliglota e violonista amador, certamente terá outras preocupações pela frente. A mais grave delas: como enfrentar a dívida da prefeitura que chega a quase 30 milhões de cruzeiros? E o povo igualmente não parece compartilhar dos mesmos receios que movem o repórter Clayton Rocha. Terminadas as apurações, cerca de 1.500 pessoas reuniram-se em frente à prefeitura para gritar em coro: Sai Ary, Sai Ary, Sai Ary. E, talvez querendo lembrar a caótica situação do Grêmio Portoalegrense, passaram a imitar o desesperado grito de guerra gremista. Só que em vez do nome do Grêmio, todos gritavam Areeeena, Areeeena.

Em Caxias do Sul, onde o MDB conquistaria sua mais importante vitória, o desalento arenista não seria menor. Geisel visitou a cidade 17 dias antes das eleições para, entre outros motivos, ajudar o desempenho do esforçado candidato arenista Victor Faccioni. E Guazzelli instalou o governo na cidade um mês antes do dia 15 com o mesmo propósito. Como se não bastasse, os ex-governadores Euclides Triches e Ildo Meneghetti, dono até então da invejável fama de nunca haver sido derrotado em eleições diretas, praticamente transferiram-se para Caxias nas vésperas das eleições. Tudo inútil: ao final das apurações, na tarde de quinta-feira, 18, o candido emedebista Mansueto de Castro Serafini Filho estava eleito com 43.802 votos, a maior votação individual do Rio Grande do Sul. Foi o suficiente para revelar ao público todas as dissensões internas da dividida Arena caxiense — precariamente pacificadas para enfrentar a Oposição nas eleições.

Segundo os vereadores eleitos, Ovídio Deitos e Remo Marcucci, o primeiro e o nono mais votados da Arena, o também vereador Nelson Goulart Ramos, presidente municipal do partido e que não conseguiu reeleger-se, é "irresponsável, incompetente e protecionista". Ao que o aturdido Ramos se defendia, também nas emissoras de rádio e televisão da cidade, afirmando que "a tendência do mundo, hoje, é pelas oposições". E só não disse mais, porque em frente a um microfone aberto da Rádio Caxias, um precavido correligionário colocou sob seus olhos um bilhete escrito às pressas: "Roupa suja se lava em casa".

O conselho, no entanto, parece ter sido inútil. Ainda na quinta-feira, o jornalista e vereador eleito, Mário Gardelin, admitia, ainda pelo rádio: "Esta patacoada do feijão foi o mais negativo eleitor da Arena, muito mais temível do que 50 mil Paulo Brossard berrando no rádio e na TV".

E de Buenos Aires, onde passeava, o secretário, Mário Ramos, ex-prefeito, que estranhamente não participou de um único comício em Caxias, expediu um telex aos jornais de Porto Alegre: "Minha cooperação não era necessária e, quem sabe, até indesejável". Em Porto Alegre, o clima não era diferente. Furioso o ex-governador Valter Perachi Barcellos culpou diretamente o diretório municipal pelo fato de haver composto uma nominata com candidatos incapazes de fazer mil votos. Ao que a deputada estadual Dercy Furtado, presidente em exercícicio, respondeu prontamente: "Vou dar uma bangornada no Peracchi". Reações definitivamente não próprias a um clima de festa.

Uma curiosa vitória nos jornais

Os principais jornais da chamada "grande imprensa" não tiveram constrangimento em anunciar uma grande vitória da Arena em novembro passado. O leitor desavisado — e a maioria esmagadora dos leitores é desavisada — supõe que a Oposição foi arrasada e a opinião pública nacional, em peso e em uníssono, referendou a Arena e o seu programa.

O Jornal do Brasil teve mais dignidade. Na sua edição de 18/11, em editorial intitulado Vitória de Pirro, dizia com precisão: "Salta aos olhos que o resultado do esforço eleitoral despendido pelo Governo desautoriza o frêmito oficioso de vitória observado na Arena. Quem perde a batalha nos centros formadores da opinião nacional e se contenta em resguardar a periferia política do avanço oposicionista acabará tendo de reconhecer a gravidade do engano e a inutilidade do esforço".

A revista Veja (24/11, na capa foto do presidente Geisel e o título forte: A vitória da Arena), depois de, generosamente, admitir que "mesmo com a vitória da Arena, enfim, o MDB continuava de pé como um partido viável...", concluía: "A vitória principal, no entanto, parecia ser a do livre exercício da política no Brasil, embora as restrições impostas..." O JB, enquanto isto, no mesmo editorial Vitória de Pirro ("Na batalha que lhe celebrizou o nome, o Rei Pirro lançara mão até de elefantes para depois proclamar que duas vitórias àquele preço significariam a sua ruína") era, pelo menos, mais direto: "A primeira reflexão ao alcance dos que sentem fugir-lhe o efêmero sentimento de uma vitória que exigiria mais eficácia política do que autosugestão, terá de ser o reconhecimento da necessidade de trocar o imobilismo pela dinâmica, a infalibilidade pelo consenso, o monolitismo pela democracia". Quanto ao resultado da eleição, propriamente, o JB foi também mais atento e exato: "A parcela que mais pesa na vida brasileira reflete uma opinião insatisfeita, e seu descontentamento tende a aumentar à medida que o Governo falha como intérprete e executor da vontade nacional. A discordância entre Estado e Nação assumiu forma eleitoral inequívoca".

Enquanto Veja destacava a vitória arenista "em Estados considerados tão cruciais como São Paulo, Minas Gerais ou Paraná, entre outros", na mesma edição citada do JB, na Coluna do Castello, o mais importante comentarista político abria sua crônica de forma categórica: "O sistema não conseguiu resultados animadores onde mais importava esses resultados: o Rio Grande do Sul. Também no Rio de Janeiro e em São Paulo os números conhecidos não favorecem o Partido Oficial".

E, de fato, no Rio Grande do Sul, por qualquer lado que se tome o resultado, a vitória é da oposição: maioria dos votos no Estado, maioria de dois terços na capital e também no interior em separado. Além disso, dos 42 municípios com mais de 20 mil eleitores, a oposição ganhou em 29; e entre os 10 maiores municípios gaúchos o MDB só perdeu em Cachoeira, mesmo assim derrotado não pela Arena, mas pelo prestígio pessoal do deputado Otávio Germano.

O presidente da Arena gaúcha, Otávio Cardoso, entretanto, afirmou que "fomos plenamente vitoriosos pois a eleição é município por município e o que vale não é o maior número de votos no Estado". Cardoso argumentava com as 115 prefeituras conquistadas pela Arena contra 89 do MDB e com os 1156 vereadores arenistas contra 1106 do MDB. Esquecia de dizer, entretanto, que a Arena gaúcha perdeu 34 prefeituras e 301 vereadores para o MDB em relação à eleição de 1972.

Mas, o mais importante, decididamente, parece ser a perda dos grandes centros — como dizia o insuspeito Hilário Honório na Folha da Tarde de 18/11: "Muita gente está trocando algumas dezenas de vitórias da Arena no interior do Estado — como nos municípios de Pejuçara, Ibiraiaras, Boa Vista do Buricá, Ajuricaba, Anta Gorda, Catuípe, Ciríaco, Coronel Bicaco e outros semelhantes, por Pelotas e Santa Maria". De certa forma, esta é a conclusão mais importante e definitiva da eleição passada, apontada de forma bem substantiva por Carlos Castello Branco na coluna de 18/11: "Quaisquer que sejam assim os esforços interpretativos do Governo para demonstrar que ganhou no Piauí e adjacências, há nessa vitória um sabor de derrota que deve estar amargando a boca dos que pretendem obter um julgamento popular de aprovação do Governo, chame-se a isto plebiscito ou que outro nome ocorra aos intérpretes".

O resto são desculpas, pequenas mentiras e palavras vazias para iludir a pobre multidão de leitores desavisados.

José Antônio Pinheiro Machado

Uma andorinha não faz verão.

Num mundo como o nosso é muito difícil viver sozinho.

É preciso dar as mãos e lutar com garra, sem falsidade, sem dissimulações, acreditando naquilo que se faz e do que se é capaz.

A Caderneta Apesul de Poupança quando nasceu já pensava assim.

Viver todos vivem, vencer nem todos conseguem.

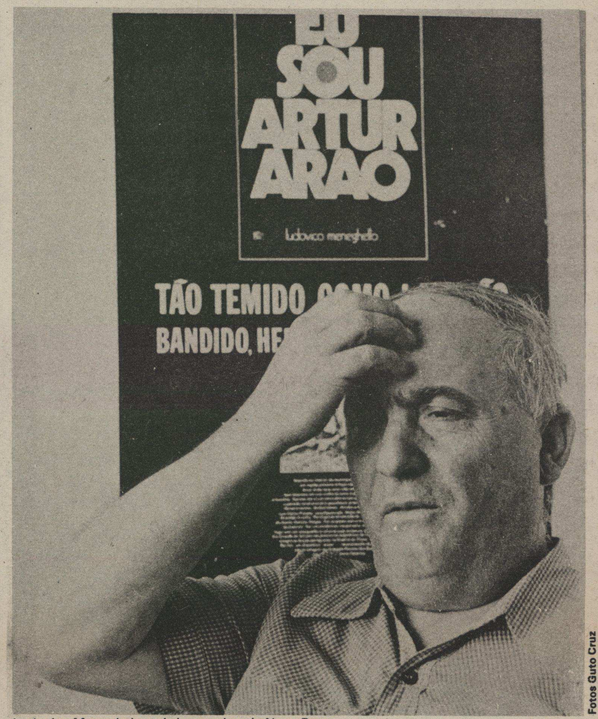
A Apesul deu as mãos, cresceu, ficou forte.

Dê as mãos para Apesul e fique seguro para toda a vida.

Caderneta APESUL de Poupança

"SEM O REVÓLVER NA CINTURA, ME SINTO NÚ"

Ludovico Meneghelo, funcionário da Corsan, em Nova Prata, foi um dos autores mais vendidos na última Feira do Livro. Seu livro Eu Sou Artur Arão narra as aventuras de um valente que se tornou conhecido como o Lampião de Santo Ângelo depois de sobreviver a um fuzilamento e a um tiro de mosquetão no ouvido. Meneghelo faz jus ao seu personagem, de quem foi companheiro de cela numa das 16 vezes em que esteve preso. Em alguns momentos as valentias e as aventuras dos dois —personagem e autor — se confundem nesta reportagem de Euclides Torres



Fotos Guto Cruz

Ludovico Meneghelo, o único escritor de Nova Prata

Era um gurizote, como diziam, mas já havia decidido o que ia ser. Um dia foi surrado por um homem que lhe marcou o lombo a golpes de relho e se pôs de tocaia, trepado numa árvore, para vingar-se. O homem levou três dias para passar por ali, mas quando passou montado a cavalo, foi morto a pedradas. Tinha 14 anos e este foi o seu primeiro crime.

Alguns anos depois, na região de Santo Ângelo, Ijuí e Giruá, as mães costumavam assustar as crianças arteiras ameaçando: "Olha que eu chamo o Artur Arão". Era alto, forte, valente e se metera em tantas brigas, tantos tiroteios com a polícia que o chamavam de *Lampião de Santo Ângelo*. E sua fama dilatou-se mais ainda depois que uma escolta do 27° Corpo Auxiliar da Brigada Militar prendeu-o e fuzilou-o à entrada de um mato. Depois de uma descarga, um dos soldados, para não deixar dúvida, ainda aproximou o mosquetão e deu-lhe um tiro no ouvido.

"Me deram um tiro no ouvido e eu já estava no inferno. Agora voltei e estes bandidos vão ter que me pagar", diria Artur Arão depois de recuperado dos ferimentos.

Hoje, as façanhas de Arão enchem as 280 páginas de um dos livros mais vendidos na última Feira do Livro em Porto Alegre cujo título é o nome do personagem principal e quase único de uma longa série de valentias, prisões e violências de toda a ordem. O autor, o funcionário público Ludovico Meneghelo, que está escrevendo outros quatro livros sobre Arão e sua família, revela assim ao público letrado um tipo até há pouco tempo bem comum no interior do Rio Grande do Sul — o chamado *valentão*. Homens de coragem e espírito independente que as perseguições políticas, as injustiças policiais empurravam para a marginalidade.

Meneghelo não chega a identificar as circunstâncias que produzem um herói-vilão ou caudilho-bandoleiro como Artur Arão e tantos outros ainda lembrados pelas populações rurais. Ele é um bom contador de histórias, um homem cujas experiências são semelhantes às do seu personagem.

Não matou ninguém aos 14 anos, mas nessa idade já era bastante estouvado para lançar-se em longas viagens a cavalo entre Lavras e São Gabriel e, em 1932 tentar alistar-se na revolução. Numa das 16 vezes em que esteve preso é que conheceu Artur Arão, de quem foi companheiro de cela durante 76 dias.

Era franzino e revoltoso.

Ainda hoje, aos 67 anos não sai de casa sem revólver calibre 38 e uma faquinha na cintura:

— *Se saio desarmado, diz, parece que estou nu e fico com a impressão de que vou ser atacado a qualquer momento.*

É, no entanto, um senhor respeitável, gordo, de passos lentos, que todos os dias passeia pela praça principal de Nova Prata acompanhado por um gatinho cinzento. Gosta muito de gatos, chegou a ter 12 em casa, circunstância que lhe valeu o apelido de *homem dos gatos*.

Isso antes do livro. Agora ele é o único escritor de Nova Prata, com 105 exemplares vendidos na cidade e homenageado pela câmara de vereadores e outras cinco entidades nova-pratenses.

Ainda não ganhou nada com o livro, cuja primeira edição, de 3 mil exemplares, já foi quase toda vendida. Mas não está preocupado com isso. Meneghelo anda preocupado é com o filho Acreano, de 18 anos que quer sair de Nova Prata para estudar em Porto Alegre:

"Não quero que seja como eu, o cabo Meneghelo que viveu entre homens rudes, ignorantes. O herói de hoje é o homem culto, estudado", diz ele. E, por mais estranho que pareça a um homem que se orgulha de ter sido um aventureiro, ainda não decidiu deixar o garoto sair de casa.

Fora isso, sua rotina simples segue normal: o expediente na Corsan, o passeio na praça, a sesta depois do almoço e o trabalho no segundo volume da história de Arão, que ele vai escrevendo à mão, com uma letra garranchuda. Escreve com a mesma obstinação com que em 1933, no quartel decorava as 150 páginas do Regulamento Interno e serviço Geral de Tropas, para assombrar a banca examinadora num concurso de cabo.

No volume dois, intitulado Artur Arão, o Tigre da Serra, ele vai cometer vinganças de arrepiar. No volume três, já planejado, será descrita a participação de Arão na Guerra do Chaco (entre Paraguai e Bolívia de 32 a 35) na qual o guerreiro gaúcho lutou como mercenário do lado paraguaio.

No último volume serão contadas novas brigas até o seu assassinato em 1950, num lugar conhecido como Paraíso dos Bandidos, em Santa Catarina (hoje é o município de Itapiranga). Nesse lugar, Artur vivia, quando foi tocaiado por dois homens. Ele estendia a mão para receber a cuia, quando foi atingido por um golpe de facão lhe decepou o braço.

Outros golpes esfacelaram o crânio de Arão, que mesmo assim demorou três dias para morrer. Os autores do crime nunca foram descobertos.

Para Meneghelo, Artur era um homem bom, transformado em bandido. Seu pai, o coronel Pedro Arão, era dono de quatro quadras de campo (cerca de 350 hectares) sofreu perseguições dos partidários de Borges de Medeiros, que no município de Santo Ângelo eram comandados pelo coronel Bráulio Oliveira. Perdeu as terras e acabou trucidado nas barrancas do rio Uruguai.

O jornal Correio do Povo de 29 de maio de 1932 narra uma "série de *criminosas façanhas do salteador de estradas Artur Arão um gurisote que costumava ir ao ao povoado da Pedra e ahi embrigar-se nas bodegas provocando desordens, alarmando a população com disparos de tiros nas casas e pelas estradas*".

O fuzilamento de Artur também está contado no jornal. Assim: "*O tenente coronel Virgilio Pinto, comandante do 27° corpo Auxiliar da Brigada, em Santo Ângelo, sabedor da presença de Artur Arão nos logares denominados Giruá e Passo da Pedra, onde fazia propaganda revolucionária, cometendo desordens e alarmando a população, resolveu, como lhe competia, mandar prendê-lo. A escolta narrou a ele tenente coronel Virgilio, haver encontrado Arão num baile e aih o prendido conduzindo, quando este tentando fugir foi alvejado por uma descarga da escolta, que o deixou por morto*".

Meneghelo conta que ouviu do próprio Arão a outra versão da história, incluindo o tiro final no ouvido. Por causa desse tiro, Arão ficou aleijado da boca e não conseguia nem comer direito, segundo seu irmão, Pedrinho Arão, que hoje vive em Giruá (veja matéria seguinte). Pedrinho diz que depois desse episódio, Arão ficou ainda mais violento: "Então ele agarrou de beber, ficou maluco e nunca mais desendoideceu".

Meneghelo conheceu Artur Arão quando era soldado. Arão estava preso e Meneghelo deveria escoltá-lo de um quartel para outro. Ofereceu-se para fazer o serviço sozinho e o fato chegou ao conhecimento de Arão, que procurou saber quem era o autor da ousadia.

— Quando entrei na cela para conhecê-lo ele deu uma gargalhada. Eu: um metro e sessenta e seis de altura, fraco de corpo e 18 anos. Ele, um metro e oitenta e cinco, forte, 32 anos. Só disse isso depois da risada:

— É louco ou muito corajoso.

Assim, quando ficamos presos juntos já éramos amigos. Um dia chegou a "Gazeta" de São Luiz Gonzaga com um soneto meu. Tapei meu nome e pedi para ele ler e dizer quem era o autor. Artur leu, gostou e disse que era um soneto do Olavo Bilac ou do Castro Alves. Aí mostrei meu nome e ele então disse que ia contar sua vida para mim relatar em versos. Começou entusiasmado:

— *Foi combatendo o banditismo dos poderosos que me tornei um bandido.*

Era dia e noite e nós conversando. Ele não parava de falar e eu não parava de copiar. Escrevi 200 páginas de papel. Às vezes ele ficava muito brabo, quando descrevia uma traição sofrida. Nestes momentos blasfemava, desafiando Deus e o diabo. Pretendia escrever a vida dele em versos e cheguei mesmo a aprontar 40 estrofes de seis versos cada uma, mas acabei perdendo tudo e me desinteressei do assunto por algum tempo.

Em março de 1937, Artur Arão foi transferido para Porto Alegre e Ludovico Meneghelo em abril deu baixa do Exército. Arão foi absolvido, voltou para morar com a mãe em Giruá e escreveu a Meneghelo para saber da sua história em versos.

Antes, quando ainda estavam presos juntos, o comandante Armando Moraes Ancora mandou expulsar Ludovico do Exército.

— Me deixaram só de culote, sem chapéu e sem chinelos para ser entregue à polícia. Nessa ocasião eu era violento, perigoso. Sabe, isso é uma coisa da idade, da juventude. Na presença do comandante, falei desse jeito:

— Se me expulsar eu te mato. Se não puder te matar pela frente te mato pelas costas ou boto fogo na tua casa.

Uma das vinganças contra seus inimigos praticada por Artur Arão foi a de botar fogo na casa, bem regada a querosene, enquanto dormiam.

Artur quando viu seu amigo poeta e companheiro de prisão sem roupa emprestou-lhe os chapéus, os chinelos "para não sair pelado daqui".

— As roupas sobravam no meu corpo. O chapéu era preto e grande e fiquei muito esquisito e me deu um bilhete endereçado a sua mãe onde era para mim passar e apanhar seu revólver e seu cavalo. Mas às seis da tarde chegou um telegrama de Santiago do Boqeirão cancelando a minha expulsão. Prometi ao Artur trazer da Argentina os restos mortais de seu pai, coronel Pedro Arão. Voltei para Lavras, botei uma padaria, depois fui viver no Uruguai e em 1955 entrei para o serviço público. Antes, em 1952, foi bibliotecário no Clube de Lavras do Sul, onde "li quase todos os três mil volumes da biblioteca". Seus autores preferidos: Alexandre Dumas, Rafael Sabatini, Victor Hugo, Leon Tolstoi, José de Alencar e Olavo Bilac.

Se seu livro vender os três mil volumes da primeira edição Meneghelo ganhará Cr$ 17 mil. "Não investi dinheiro porque vivo só do meu salário da Corsan".

A história de Artur começou a ser escrita por Meneghelo em 1964. "Sonhei três vezes com o Artur e ele sempre aparecia perguntando pelos versos. No primeiro sonho ele apareceu a cavalo numa rua de Lavras. Depois sonhei a mesma coisa e o terceiro sonho o Artur estava churrasqueando, rindo, e me pedia para contar a sua vida.

— Foi o que fiz.

HISTÓRIAS DE PEDRO, O IRMÃO DO BANDIDO

Pedrinho Arão, o irmão mais novo do* Lampião de Santo Ângelo *ainda vive em Nova Prata e aqui conta outras histórias de gauchadas, de crimes e violências. O ódio entre os ximangos e maragatos, as perseguições que as milícias — os corpos provisórios — de Borges de Medeiros moviam contra seus adversários políticos.

Então o moço quer saber a história do meu sofrimento?

Enquanto a Bina prepara um almoço vamos prosear e tomar mate.

Assim o famoso Pedrinho Arão nos recebeu em sua casa. De lenço vermelho encardido no pescoço, botas, sempre de casaco para esconder o revólver Taurus 38, canocurto. Ágil nos movimentos e rápido na fala, Pedrinho Arão, com 67 anos, é uma pessoa **muito conhecida em Giruá.** *Ele mora no interior do município, num hectare de terra, mas vive quase todo o tempo fora de casa. Vive de caçadas pelo Mato Grosso. No dia em que conversamos ele estava chateado porque, voltando de uma corrida de veados em São Borja, na semana anterior, perdera dois cachorros. Ele é um guia de caçadas muito solicitado.*

— Vou pra São Borja amanhã procurar e trazer de volta os meus cachorros. Sua fama na região vem principalmente do fato de ser irmão de Artur Arão, o dito "Lampião de Santo Ângelo". Mas ele também tem sua história, ao lado da do irmão:

— Olha moço, nós não brigava com particular, só com provisório.

Que gana que a gente tinha dos borgistas. Gente bandida. Mataram o meu pai de arreglo com a polícia da Argentina. Fizeram a maior judiaria pra ele e cortaram as orelhas.

— Não tenho crime, mas quatro balaços no corpo eu tenho. Espia só como era **triste viver naquele tempo: Eu tava na** *fronteira e não podia vir casar porque a gente do coronel Bráulio, um borgista desgraçado que nunca consegui matar, ficava de olho em mim e no Artur. E a guria era louca por mim. Foi depois a minha primeira mulher.*

Sabe o que nós fizemos?

Juntamos 50 homens amigos, bem armados **e entramos na cidade, com um** *advogado no meio do pelotão. Fomos no forum de Santo Ângelo e respondi ao processo que tinha contra mim. Eu não tinha crime. Casei assim: com uma escolta bem reforçada.*

Três dias depois me tirotearam. Me largaram a pé. Agarrei pra dentro de uns matos. Eram uns oito a me atirar. Dei só dois tiros e fugi para a casa do seu Aparício Bittencourt.

Era um caso medonho de sofrimento, escapando pelos matos, dormindo fora de casa, passando fome, tudo por causa do bandido do coronel Bráulio.

Das revolução que participei?

Até hoje não falhei nenhuma. Tive em 23, em 24, 25. Com a Coluna Prestes fui até Mato Grosso. **Fiquei na coluna quatro** *meses e o pior combate com a coluna Prestes* **foi o da Ramada. Começou a** *uma hora da* **manhã e durou até a meia** *tarde. Três mil homens entreverados. Chegamos no Paraguai, emigrei para a Argentina. Se deu a revolta do coronel Leonel Rocha e do major Simas Enéas e fui lutar ao lado deles.*

— Meus filhos são muito aconselhados. Não beber, não brigar. Homem bom é o que não se mete em arruaça.

Dois dos cinco filhos de Pedrinho Arão são serventes e trabalham em Giruá. Os cavalos que tinha foram vendidos há cinco anos, depois que perdeu umas carreiras "por dinheiro grosso". Os arreios deu de presente. Na casa de madeira, onde vive com sua segunda mulher, Pedro tem um vaca e dois porcos.

— Meu pai, o coronel Pedro Arão, tinha quatro quadras de campo. Lá naquele matinho na beira da sanga fuzilaram o Artur. Foi um banditismo o que fizeram com ele. Deram até um tiro no ouvido. Depois disso ele não podia ver provisório que ficava louco. Garrou de beber e ficou meio louco. No dia em que se incomodava, era um inferno. O pobre do Artur um dia, em 1940, foi no hospital onde a minha mulher tava doente. Botou todo mundo a correr do hospital, gritando: "Como é que tão maltratando a minha irmãzinha!"

Eu e o Artur pegamos um dos homens do Bráulio e ia matar na estrada, mas aí resolvemos só assustar e mandar ele voltar para contar a história ao seu chefão. Fizemos ele trepar num poste do telégrafo abaixo de adaga e quando, de cansado, queria descer, nós cortava um pedaço do seu traseiro e de suas pernas. Saiu todo lanhado, mas vivo.

— Com essa gente era assim: ou nós ou eles.

No mês passado seu Pedrinho Arão teve um caso com a polícia de Giruá.

— Chegaram no armazém para revistar todo mundo. Logo vi que o assunto era comigo. Fui lá pra um canto do salão e fiquei bem quietinho. Quando o inspetor e o praça pediram revista quadrei o corpo e tirei o 38. Os homens se assustaram e então eu gritei: "Tá aqui o revólver, podem levar". E entreguei a arma. Sabia que tinha gente querendo fazer fama comigo, mas agora sou de paz, me dou bem com as autoridades. De tarde fui na **delegacia e o** *delegado devolveu meu revólver.*

Só fui preso duas vezes, mas em tempo de paz. Nunca puderam nos prender. Também se esta gente do Bráulio agarra nós, nós era homem morto.

O senhor acredita? Vou lhe contar e justifico: O Firmino tropeiro e o seu Aquino, mais o Venâncio Vito, foram os homens que mais deram apoio e escapula pra mim, pro meu pai e pro Artur. Pois o Bráulio mandou matar o Firmino e o Aquino escapou quando estava com a corda no pescoço e os braços atado para ser enforcado. Na hora de enforcarem o **Aquino, antes dele fugir** *correndo pra uns matos, os bandidos gritaram: "Vai dar escapula pros Arão. agora".*

***Mas eu quero** mesmo que alguém nos aponte o mal que nós fizemos. O que a gente fazia era reunir gente armada para defender nosso pelego.*

Naquele capão de mato, ali bem pertinho, **o Numas**, *genro do Bráulio, o mandão de Santo Ângelo no tempo do Borges de Medeiros, pois naquele capão tirotearam meu pai e mais cinco companheiros. E não foi ninguém. Nunca a polícia* **descobria nada.** *Ainda tem um resto da gente do Bráulio por aí, mas quando o Getúlio tomou o Governo o coronel Bráulio foi desarmado e a cachorrada debandou aos poucos.*

Já levei **um tiro na paleta, um na barriga, um no braço e outro de raspão na** *cabeça. Essa fronteira eu conheço toda. Lá em Campos Novos, em Santa Catarina, fiquei quatro meses ferido. Tinha havido um tiroteio no Passo do Butiá, de nove horas de fogo. Gastamos 11 burros cargueiros de munição. Quatro companheiro morreram. Era gente do Elizário Paim. Foi nesse tempo que fizeram a judiaria pro meu pai, lá na costa do rio Uruguai.*

Se feri muita gente, não sei. Mas que eu atirava um pouco, atirava. Nós peleava com eles. Não se podia confiar em autoridade. Agora, de vez em quando, dou uns **tiros para** *não perder a altura. Ainda atiro bichinho em árvore.*

Outra vez mandaram uma escolta louca de grande bater em nós lá na fronteira. **Quantidade de** *gente e medo é o que não faltava naquela escolta. Eu e o Artur se divertia num baile. O filho do subdelegado, chefe da escolta que estava a uns 300* **metros** *também estava no baile. Ele não nos conhecia e começamos a prosear. Tá bom o baile e essas coisas. E a escolta ali, bem pertinho para nos pegar. Aí o Artur disse pra* **ele quem nós era.** *Que nós não queria briga, mas que ele mandasse a escolta parar de fazer carga. Esse homem ainda é vivo, é o seu Miro Lima e mora em Santo Ângelo. Não peleamos este dia.*

Em Marechal Malet, no Paraná, prendi cinco homens na linha de fogo. Nós ia fazer ligação em Santa Maria com as forças do Echegoyen. O major mandou matar os prisioneiros. Não deixei. Digo assim: "Se o senhor mandar matar os prisioneiros o senhor é o primeiro que morre".

O major foi correndo contar para o comandante Leonel Rocha **que eu queria** *atirar nele. Deixei os prisioneiros atados. Minha palavra é um tiro e eu tinha prometido que lhes garantia a vida.*

Minha última peleia foi lá na fronteira. O outro morreu. Foi em 1945. Desavença de

Nascido no interior do município de Santo Ângelo, em região próxima à hoje cidade de Giruá, Artur Arão teve uma vida romanesca. Sem falarmos em sua vivência como tropeiro, contrabandista e bandido, fascina-nos a sua convivência com personagens que marcaram o período revolucionário gauchesco anterior a 1930, tais como Honório Lemos, Anibal Lemes, Alcides e Nelson Etchegoyen, Luís Carlos Prestes, Juca Raymundo, Pedro Arão (pai de Artur) e Oswaldo Aranha. Participa da arrancada de 1930, sob a bandeira do doutor Getúlio Vargas. Faz as pazes com o mundo chegando a cabo do Exército. Por circunstâncias inesperadas torna-se desertor, foge com um mosquetão e reinicia suas andanças à margem da lei, ora no Rio Grande do Sul ora nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones. Integra as forças paraguaias na Guerra do Chaco, contra a Bolívia. Por fim, um dramático "ocaso" — na expressão de Meneghelo — até se refugiar no chamado Paraíso dos Bandidos, nos confins de Santa Catarina.

Tudo que está no ar, está na Continental.

Nos 1120, rádio à moda da casa.

vizinho. Um dia nos encontramos na estrada. Junto com ele andava um sobrinho. Cada um deu dois tiros. Os meus pegaram e ele caiu morto. Eu disse pro sobrinho dele: "Volta e conta direito o que aconteceu. Não vai mentir, pois tu viu que foi uma briga a lo home".

Era um tempo ingrato, o que era da gente não era da gente. Chegou uma noite na minha casa um viajante. Pediu posada e começou a falar dos Arão, que era gente bandida, que faziam isso e mais aquilo. Minha filhinha ouvindo aquilo tudo começou a chorar, mas botei ela pra outro lugar e deixei o homem ir falando até que cansei de ouvir tanta mentira.

— O senhor é um homem muito mal informado e precisa ter a língua mais travada. O senhor está na casa do Pedro Arão e não viu nada de banditismo por aqui. O Artur ficou de me visitar, daqui a pouco ele chega aqui e você vai conhecer o homem de quem tá falando tanta mentira.

O viajante branqueou e quis sair, dizendo que ia seguir viagem. Não. O senhor vai posar aqui na minha casa, vai dormir nos meus pelegos e se tapar com meu poncho. Se fugir eu te procuro até o fim do mundo pra te matar e buscar meu poncho. Não somos bandidos como essa chimangada anda espalhando por aí. O homem deitou e passou a noite inteira de olho aberto. De madrugada foi embora. Nunca mais vi ele.

O Artur matou o nosso irmão mais moço, o Pedro Arão, que tinha o mesmo nome que eu. O outro Pedro era muito brabo e o Arão apelidou ele de Tigre Velho e dizia: "O Tigre Velho quer a toda força que eu tenha medo dele".

Todo mundo tinha medo do Artur e ninguém aceitava o cargo de subdelegado em Tenente Portela, onde nós morava neste tempo. Aí os inimigos enganaram o Pedro e ele aceitou o cargo. A tática deles era "apagar fogo com fogo". E deu certo.

Pedro chegou pro Artur e disse:

— Agora sou autoridade aqui.

— Vai à merda guri, respondeu Artur.

Dias depois um colono queixou-se ao subdelegado Pedro Arão. Disse que Artur tinha quebrado um arado. Pedro foi tirar satisfação de Artur e acabaram brigando. Pedro morreu e Artur ficou mais louco por causa da morte de seu afilhado.

Agora o outro Pedro Arão, o que está nos contando o sofrimento da família Arão, explica como tentou pegar o coronel Bráulio Oliveira numa tocaia:

— Fiquei um dia inteiro na sombra, na beira do arroio, esperando que ele chegasse na barca que tem lá em Entre Ijuís, perto de Santo Ângelo. Ia morrer também porque toda a capangada dele andava junto, mas ficava com o gostinho de ter vingado meu pai.

Te contei minha primeira briga?

Pois eu tinha 14 anos quando dois borgistas me atacaram na estrada para me surrar de relho e não imaginavam que um menino andasse armado. Dei três tiros eles fugiram. Errei todos.

Ar Condicionado é Springer Admiral

FÁBRICAS: Canoas, RS - Paulista, PE - Manaus, AM

marca

Um milhão de dólares por um vice-campeonato

Em 1975, o Grêmio comprou Cacau por Cr$ 30 mil do Brasil de Pelotas e Neca por Cr$ 60 mil do Esportivo. Terminou a temporada com vice-campeão gaúcho e desclassificado da Copa Brasil por saldo de gols. Ao menos, porém, fez bons negócios. Cacau foi vendido este ano por Cr$ 300 mil e Neca por Cr$ 1 milhão.

Em 1976, entre contratações e salários o Grêmio gastou mais de Cr$ 10 milhões — quase um milhão de dólares. Comprou Alexandre (600 mil), Silva (500 mil), Cejas (1,5 milhão), Alcino (1 milhão), Ortiz (1,8 milhão), Eurico (200 mil), Vitor Hugo (300 mil), além de inflacionar sua folha de pagamentos. O teto salarial de 20 mil mensais passou além dos 40 mil para os principais jogadores.

Apesar de todo este investimento, no final da temporada, o Grêmio continuava vice-campeão, teve uma desastrosa participação no campeonato nacional. Além de tudo, nem bons negócios o clube conseguiu este ano.

Alexandre, Silva e Alcino, que serão dispensados, dificilmente atingirão preços razoáveis; Cejas e Ortiz, que não conseguiram justificar os altos salários (cerca de 50 mil mensais cada um) não valem agora a metade do que custaram.

Para recomeçar em 1977, fora as contratações mais baratas de 76 (Eurico e Vitor Hugo), o Grêmio terá juvenis promovidos e o que restou da equipe base de 1975.

Por Ricardo Schimitt

Fotos J. B. Scalco

Alexandre e o goleiro Cejas, dois novos numa situação antiga do Grêmio

—Sim, é o Rolla mesmo. O que é que manda?

—Boa tarde, seu Rolla. Gostaria de conversar com o senhor sobre o Grêmio....

—...sobre o Grêmio eu não falo. Me desculpe, mas pelo que me aconteceu quando estive lá não posso falar. Eu sei que vocês não têm culpa mas os rapazes da imprensa que iam ao estádio eram pagos para falar mal de mim. Havia um diretor que não gostava de mim e queria me tirar do clube. Você não leu os jornais da época? Mas eu não vou falar sobre isso. Sobre futebol eu falo. E aí digo que o Internacional vai ser bicampeão do Brasil.

Decididamente, o alfaiate, ex-jogador, ex-juiz de futebol e ex-treinador Osvaldo Rolla não gosta de falar nos 80 dias que ocupou o cargo de técnico do time do Grêmio este ano, quando foi demitido pela direção. Mas não está sendo original. Como ele, outros dez treinadores, cinco presidentes de clube, duas dezenas de diretores de futebol e mais de uma centena de jogadores passaram pelo clube nestes oito anos e poucos aceitam falar no que aconteceu.

Principalmente depois da decepção deste ano, quando depois de gigantescas esperanças, o Grêmio trocou três vezes de treinador buscando a vitória. E, depois de perder o campeonato gaúcho, chegou ao ponto de ser humilhantemente goleado pelo Flamengo no Maracanã, cultivar brigas internas, manter atletas presos em hotéis e expulsar outros do clube por indisciplina. Na história do aristocrático clube da Azenha, fundado em 1903 por germânicos, certamente não houve ano de maior infelicidade. Pois além de não impedir o octacampeonato inédito do Inter, sua participação no campeonato gaúcho foi um verdadeiro desastre.

A quem se poderia culpar pela tragédia tricolor? Para alguns teóricos do comportamento gremista as causas da derrota do time localizam-se na própria estrutura da família gremista, anualmente invadida pela neurose da derrota que espalha a desunião e o descontrole emocional no clube ao mesmo tempo que promove motivos isolados para justificar o fracasso geral. Nessa teoria, Osvaldo Rolla e Paulo Lumumba foram treinadores apontados como culpados ao serem substituídos, assim como os jogadores Bolívar e Alexandre Bueno vendidos por indisciplina ou como deverá ser, agora, o diretor de futebol Edmundo Rodrigues da Silva ou o preparador físico Ícaro Rodrigues, se retirados do centro das ações.

ESPERANÇAS ACESAS

"Um clube deve ser como uma família", declarou emocionado, a ponto de chorar, o sexagenário Osvaldo Rolla no começo do ano ao retornar ao Olímpico para ser o técnico do time gremista, treze anos depois de sua última passagem por lá. "Se eu morrer no túnel será uma morte gloriosa", dizia, sintetizando o espírito otimista que se criava no clube para 1976.

Campanhas publicitárias foram rapidamente articuladas com fotos do time gremista dos anos 50, quando, sob a direção do mesmo Foguinho, colecionou-se quatro títulos consecutivos de campeão gaúcho. Não faltava quem ressuscitasse em Foguinho o vigoroso jogador da década de 30. Parecia, enfim, a pessoa certa para desempenhar a missão de organizar o time perdedor e representar a euforia do novo para os tricolores.

Sem a mesma imagem carismática autorizada por um passado glorioso, mas com a disposição de alcançar a vitória, o médico Hélio Volkmer Dourado, o juiz de Direito Fábio André Koff e o comerciante Edmundo Rodrigues da Silva mostravam credenciais para dirigir a marcha em direção ao delicado sentimento comparado à felicidade, obtido com as vitórias do time em campo. Deram-se ao luxo de imprimir, como plataforma, um livreto intitulado Planejamento de uma Administração, de 80 páginas, com organogramas, planos de ação e conceitos invulgares como "se a equipe de futebol perde — o Grêmio se desrealiza historicamente". Em dezembro de 1975 não houve votação — foram eleitos por aclamação. Evidenciava-se com isso o poder que tinha no conturbado Olímpico a imagem de organização e calculismo exposta pelos candidatos. A exemplo dos velhos caciques políticos, o patrono do clube, pecuarista Fernando Kroeff, havia se manifestado poucos dias antes do pleito, em favor da eleição do grupo de Hélio Dourado, reprimindo as tentativas de oposição às custas da idéia de que deveria haver união no clube.

CAUTELOSA PREPARAÇÃO

"Em 1973, no episódio conhecido como "A Grande Conciliação", o patrono do clube Fernando Kroeff reuniu dez nomes significativos do Grêmio em sua casa para tentar unificar os pensamentos", conta o ex-presidente e advogado Flávio Obino. "Dessa reunião, com a incumbência de resolver a crise que o clube atravessava, saiu uma chapa de conciliação com o Luiz Carvalho para presidente e tendo como vices de futebol, o advogado Luiz Carlos Madeira e eu". O nome de Hélio Dourado não estava na lista do patrono e provavelmente datam daí suas primeiras pretensões de chegar ao poder no Olímpico.

Sem atrever-se oficialmente a desafiar a tradição de manter o presidente derrotado na primeira vez, Dourado guardou suas forças para o ano seguinte, preparando-se cautelosamente nas reuniões entre os futuros dirigentes de 1976. Ao assumir a presidência, seu passado foi relegado em nome da nova disposição e da necessidade moral que o Grêmio tinha em "recuperar a hegemonia do futebol gaúcho". Não é errado, no entanto, afirmar que nos primeiros desentendimentos surgidos entre os novos dirigentes, velhas atitudes de Dourado era relembradas com temor.

LIDERANÇA FORJADA

A contratação de Foguinho, elevado à condição de mito ideológico do clube, mostrava que em teoria os novos dirigentes comprovavam seu falado calculismo. Foguinho não desapontava seus admiradores. Fiscalizava diretamente a preparação física ministrada aos jogadores, chegando ao extremo de correr ao lado dos atletas, com seus 66 anos de idade, nas tardes ensolaradas de janeiro. Deslumbrado, chegou a ordenar aos jogadores que cantassem o Hino do Grêmio na saída de um treino, reforçando as primeiras desconfianças a respeito de atuais qualificações para dirigir um time de futebol nos anos 70.

Nos bastidores gremistas começam a surgir as primeiras brigas entre o treinador, os jogadores e os dirigentes. Edmundo Rodrigues gasta Cr$ 2 milhões e 650 mil comprando três jogadores, Cejas, Alexandre e Alcino, sem a indicação de Rolla.

Acostumado a dirigir sozinho o time que treina, Foguinho sente-se abalado em seu respeito. Sua mais acirrada dificuldade é com o jogador Alexandre Bueno, um meia-cancha paulista de inegáveis qualidades técnicas mas de duvidosa combatividade em nome de seu time. De futebol vistoso, principalmente quando sua equipe está vencendo um jogo, Alexandre encanta a imprensa esportiva, a quem brinda generosamente com declarações de efeito, tiradas irônicas e atitudes debochadas. Com um comportamento incomum à normalidade seguida pelo jogador de futebol do Rio Grande do Sul, Alexandre é imediatamente transformado em ídolo e confundido por muitos como um líder. Mas nem todos se convencem disso.

HINO E DEMISSÃO

Jogadores mais experientes como Cejas, Zequinha e Ancheta consideravam Alexandre um mero falador, sem consis-

tência para liderar uma equipe de futebol, o que passa a provocar divisões no próprio time. Ao mesmo tempo, sua contratação patrocinada pelo diretor Edmundo Rodrigues, gera divergências entre os dirigentes. Durante o carnaval, Koff chega a confessar a um amigo sua vontade de demitir-se. Osvaldo Rolla também faz confidências a um amigo, dirigente do clube, pedindo-lhe que interceda junto a Koff escrevendo uma carta e expondo seus pontos de vista, que coincidem com os de Foguinho. "Eu tinha a informação de que o Alexandre Bueno tinha sido vendido por ser indisciplinado e porque seu time de origem, o Guarani, estava justamente tentando as mesmas mudanças que o Grêmio,em busca de uma equipe combativa. Quando contei isso ao Foguinho ele pediu-me que escrevesse a carta", contou um dirigente. "O Foguinho ainda disse: com esse time que tão querendo que eu escale não dá".

Em fevereiro ainda, Foguinho desentende-se com o preparador físico Ícaro Rodrigues, duvidando da eficiência do seu trabalho. É informado que a trajetória de Ícaro no Grêmio é muito curiosa. E que dúvidas semelhantes às suas tinham sido levantadas em 1974; que em 1975 a amizade do treinador Ênio Andrade com o pai de Ícaro o mantém no clube; e que em 1976 ele permanece devido à amizade com o diretor Edmundo Rodrigues. E há quem lembre que o centro-médio Cacau, comprado no interior do Estado com a principal incumbência de acompanhar o médio Paulo César do Internacional em grenais, havia decaído em suas condições físicas após vir para o Grêmio.

Cada vez menos apoiado, Foguinho perde seu emprego no dia 20 de março ao dizer aos jogadores que não está escalando o time.

CRESCIMENTO DA FRUSTRAÇÃO

O novo treinador é o auxiliar de Foguinho, o funcionário do Grêmio Paulo Otacílio de Souza. Ex-jogador do Grêmio, ex-vereador emedebista em Porto Alegre, conhecido pelo apelido de Lumumba, o novo técnico parece decretar um novo rumo na equipe. Admirador de Mahatma Ghandi, adepto da retórica subjetiva quando fala sobre futebol, estreando no cargo de técnico de um time profissional, Lumumba se revela mais amigo dos jogadores do que um treinador.

Assim, até os méritos pelas vitórias alcançadas pela equipe em algumas partidas do campeonato gaúcho são atribuídos aos dirigentes que continuariam intrometendo-se na escalação, quando menos através do jogador Alexandre. Prova maior seria a escalação do centro-avante Alcino (um desajeitado e caro paraense comprado por Cr$ 1 milhão pelo mesmo diretor Edmundo) em detrimento de seu favorito Iúra, que Lumumba julgava o melhor atacante gremista. Seu papel de marionete seria confirmado com a venda de Neca. Substituído em um jogo, Neca tentou agredir Lumumba por sua "falta de autonomia na escalação da equipe". E foi vendido logo depois para ser ídolo de outro time sofrido, o Coríntians.

O time acabou perdendo o oitavo título consecutivo para o Internacional. E o sentimento de frustração crescia no Olímpico. "A partir desse momento nós não tivemos mais o direito nem de discutir o valor das gratificações", contou um jogador gremista ao *Coojornal*. "Os dirigentes chegavam com os números na mão: é isto e não tem conversa". Listas de dispensas de jogadores geram manchetes nos jornais. E os jogadores ficam abalados, como confidencia outro atleta experiente, o goleiro argentino Cejas. "Ninguém fica tranqüilo, é como se estivéssemos sendo acusados e desprezados. A moral fica abatida e os jogadores que não têm um clube garantido para onde ir, tratam de proteger apenas a si mesmos. Cada um por si, acaba a união".

Um vice-presidente, João Job, pede demissão. E o advogado César Dias Neto abandona o Departamento Jurídico. Não faltam boatos de que haverá mudanças na própria direção daí para a frente. Como aliás aconteceu em 1973 quando Renato Souza substituiu o coronel Nei Feijó no meio do ano, na direção do Departamento de Futebol.

Ortiz custou quase 2 milhões mas não conseguiu evitar a dor da torcida

UM DEPOIMENTO PASSADO

Até o treinador desta época, o ex-jogador e dentista Milton Martins Kuelle perdeu seu emprego graças ao mesmo sentimento de derrota e desunião que vigora no clube nas horas amargas. "Havia problemas com a interferência dos diretores já no meu tempo. Acho que para o Grêmio se endireitar os cartolas terão que se limitar à parte administrativa". Além de pretenderem escalar o jogador Bolívar na lateral, quando ele era ponteiro, segundo Milton, os dirigentes eram contra a saída do meia-cancha Ivo. "Numa reunião saí da mesa, mandei eles pegarem o cargo. Eu aconselhava o Ivo a ir embora, ele era um jogador novo e queimado pela torcida, que é uma torcida perdedora e não perdoa os

FOCONTEXTO
FOTOGRAFIA AUDIO VISUAL
RUA VASCO DA GAMA, 321 - FONE - 21 37 14 P. ALEGRE

Muitos anos foram necessários para que a fotografia recebesse o merecido destaque, com função própria e não apenas subordinada ao texto.

Credite-se o mérito aos profissionais da imagem. Que acreditaram e aceitaram a luta.

A FOCONTEXTO orgulha-se de estar na vanguarda desta batalha.

Almejamos que ao final do próximo ano a humanidade esteja vivendo dias melhores e que possamos apresentar a graça e a alegria de um sorriso de criança.

Esta é a mensagem que enviamos aos nossos clientes e amigos.

Natal/Ano Novo 76

erros. Acontece que o Ivo era genro do dirigente Mário Leitão de Abreu e ele queria que o jogador ficasse. O Mário Leitão procurou o vice-presidente Saturnino Vanzelloti e encheu a cabeça dele pedindo uma reunião para tirar o Nei Feijó que era diretor de futebol e apoiava a venda do Ivo. Eu também acabei saindo''.

No ano seguinte, com Carlos Fronner de treinador e Renato Souza como diretor de futebol, registrava-se um estranho episódio no Rio de Janeiro quando o dirigente insinuou que havia sido colocado **tranqüilizante** na comida dos jogadores. ''No Grêmio sempre surgiam boicotes nas horas decisivas'', diria Renato Souza após outro episódio semelhante.

A intervenção do patrono da família tricolor nas vésperas da eleição de 1974 confirmou a tentativa **de conciliar as correntes** divergentes que promoveriam boicotes e desunião no clube. Os dois anos que passaram sob a presidência de Luiz Carvalho, médico aposentado e ex-jogador gremista na década de 30, tido como o conciliador, não contribuiriam muito para aliviar a surda tensão do clube. Os responsáveis pelo departamento de futebol foram trocados ao fim do ano e a política de contenção de despesas empregada pela gestão, adiando a melhoria técnica da equipe, abria novas divergências.

ROUPA SUJA

''O clube devia uma vela para cada santo'', alegam os dirigentes do ano passado para justificar a contenção. Com dívidas espalhadas, e sem autorização federal para realizar sorteios, Luiz Carvalho teve que hipotecar o Ginásio de Esportes David Gusmão em troca de um empréstimo de Cr$ 10 milhões da Caixa Estadual. Verdade que os laços familiares conseguiram a absolvição do ICM da churrascaria e que com o dinheiro foram saldadas e consolidadas as dívidas, conta Firmino da Luz, o responsável pela contabilidade de Carvalho.

Mas o Grêmio passou a dever para a Caixa uma dívida a ser paga em 40 meses. Segundo Túlio Macedo, o atual vice de Finanças, essa mensalidade oscila em torno de Cr$ 250 mil (**ele não menciona** juros e correção monetária que devem transformar a dívida de 10 em pelo menos 20 milhões em 40 meses) e é paga com a arrecadação obtida com títulos patrimoniais na investida

Pela oitava vez seguida, o Inter de Figueroa derrubou o Grêmio de Alcino

que o clube armou este ano aproveitando o otimismo da família tricolor na busca do título gaúcho.

O mesmo Túlio Macedo, excessivamente zeloso na tentativa de não deixar os números gremistas serem divulgados corretamente, comete contradições. Para ele, ao contrário de Luiz Carvalho, não é o ginásio que está hipotecado e sim a Churrascaria Mosqueteiro. E ainda segundo ele as despesas mensais do clube andam por volta de Cr$ 1.400 mil, enquanto a arrecadação atinge mensalmente os Cr$ 2 milhões, evidenciando um lucro mensal de Cr$ 600 mil, excepcional para um clube de futebol perdedor.

Considerando zero ao mandamento de que roupa suja se lava em casa, obedecido por Macedo, que também é diretor da Carteira Rural **da Caixa**, é possível duvidar-se de seus números. Por exemplo, se a folha de pagamento dos atletas fosse realmente de Cr$ 250 mil, a média de salários seria de Cr$ 10 mil por jogador. Ora, atletas como Cejas, Ortiz, Zequinha, Ancheta e Alcino não ganham menos de Cr$ 35 mil. Jogador de seleção, Beto Fuscão ganha cerca de Cr$ 20 mil. Perto desta faixa salarial estão Eurico, Iúra, Luiz Carlos e Tarciso, como estavam Alexandre Bueno e Bolívar. Jogadores reservas como Tadeu, Chico, Remi e Alexandre Borini não custam ao clube menos de Cr$ 7 mil. Acrescentando-se as gratificações, a folha de pagamento anda em torno de Cr$ 400 mil, afirmam os entendidos nos bastidores gremistas. Sem contar salários de treinadores, preparadores físicos, massagistas, roupeiros e auxiliares. Somando-se despesas administrativas, pagamento da dívida com a Caixa, saldo da compra dos jogadores adquiridos este ano por Cr$ 5.700 mil e as despesas com futebol, é difícil chegar-se apenas a Cr$ 1.400 mil.

Em 1971, por exemplo, no balanço final da gestão de Flávio Obino, as despesas tinham atingido quase Cr$ 10 milhões, ou seja, cerca de Cr$ 800 mil mensais. Passados cinco anos caracterizados por velozes inflações, valorizações salariais dos jogadores e grandes investimentos, os gastos teriam aumentado em apenas Cr$ 600 mil?

De qualquer maneira, nem o dinheiro gasto com os nove jogadores (Alcino, 1 milhão; Cejas, 900 mil; Alexandre, 750 mil; Ortiz, 1.800 mil; Victor Hugo, 500 mil; Eurico, 250 mil; Silva, que jamais chegou a titular, 400 mil; Jerônimo, 50 mil; e Néia, 50 mil) contratados para salvar o Grêmio, ou a vinda de um novo e famoso técnico, Telê Santana, para o lugar de Lumumba, foram suficientes para o clube evitar a crise, ilustrada por novos incidentes entre jogadores, técnico, dirigentes e novas derrotas.

A mais humilhante acontece no Rio de Janeiro em novembro, quando o time é goleado pelo Flamengo por cinco gols. ''Depois do jogo, Fábio Koff nos tratou como se fôssemos moleques'', confessou um jogador gremista ao *Coojornal*. ''Não diferenciou um do outro. Ofendeu, gritou como nunca pensamos que um juiz de Direito pudesse fazer. Somos homens casados, pais e profissionais fazendo o nosso trabalho. O que ele fez não se faz nem como uma criança irresponsável''. Depois da derrota, os jogadores experientes, **de fama em todo país, foram** obrigados a permanecer no hotel do Rio, como crianças castigadas.

Antes disso, o uruguaio Ancheta, capitão do time, era expulso de uma partida pela primeira vez nos cinco anos em que está jogando no Brasil, acabou chorando. Em Salvador, pouco antes, outro episódio desagradável confirmava o espírito que animava o Grêmio. Durante o almoço, o jogador Bolívar, acompanhado de Beto Fuscão e Alexandre Bueno, teria entrado no refeitório de calção de banho e com vestígios de embriaguês. Garçons e até dirigentes levaram as novas para a imprensa: depois da repreensão a Bolívar, sucederam-se **agressões, crises de choro e** ameaças de demissões.

''Eu tomei só quatro latinhas de cerveja, não estava bêbado'', se defendia o jogador Bolívar depois, já vendido à Portuguesa de Desportos paulista. ''E estava de bermudas e não de calção de banho como disseram. Outra coisa: o Iúra estava chorando porque tinha brigado com o secretário de futebol Cleber Furtado um pouco antes. Pra mim, os dirigentes escolheram eu e o Alexandre para bodes expiatórios porque a gente não tem **imagem de jogador bem comportado''. Agora**, proclama Bolívar, com o benefício dos 15 por cento que o jogador de futebol tem direito quando é vendido a outro clube, vai comprar seu quarto apartamento. ''Aqui no Olímpico não dá mais, existe muita confusão. Vou ajeitar minha vida em São Paulo''.

A OVELHA NEGRA

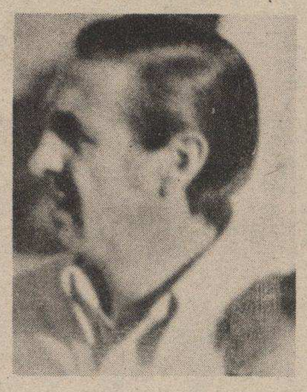
Desabafo parecido tem feito o diretor de futebol Edmundo Rodrigues da Silva nos dias que precedem as eleições no Grêmio que deverão manter Hélio Dourado na presidência. ''Vou tratar de cuidar meus negócios e minha família'', declara Edmundo diante das especulações de sua permanência no Grêmio. Será Edmundo o escolhido para ovelha negra neste final de ano? O preparador físico Ícaro Rodrigues, comenta-se no Olímpico, também tem credenciais suficientes para interpretar o **papel para que no início de 1977 a família tricolor sinta-se como saída de um banho purificante pronta para um novo ano.**

FINAL FELIZ

Em vésperas de eleições no Grêmio, os grupos políticos movimentam-se com intensidade. Em busca de notoriedade, prestígio social ou atraídos pelo poder delegado com a direção de um dos maiores clubes brasileiros, homens em geral bem situados profissional e financeiramente consideram a possibilidade de concorrer. Dentro ou fora do Estádio Olímpico, nomes como Oly Fachin, Flávio Obino, Renato Souza, Luiz Carlos Madeira, Fernando Kroeff e Rudi Armim Petry balançam as opiniões de suas correntes políticas, normalmente caracterizadas como grupos por afinidades e **simpatias pessoais**, filosofias administrativas ou meras aproximações profissionais. ''Em 48 me associei com o desejo de ser conselheiro. Depois queria ser diretor e em 1965, quando me dei conta era presidente'', conta Petry. ''Não nego que fui gratificado no Grêmio. Obtive muitas relações sociais, mas jamais as usei para fins políticos ou financeiros''. O certo é que haverá mudanças no Grêmio graças ao consenso a ser traçado onde a voz do patrono Fernando Kroeff soa **eloqüente**. Virá um novo treinador e novos jogadores? Desta vez a tarefa será árdua pois o Internacional está pronto para impor pela nona vez outro ano de tristezas e sofrimentos à família tricolor. E certamente a imagem emocionada de Foguinho não será convocada para alegrar os corações gremistas.

FÁBIO KOFF

Formado em direito pela Universidade de Passo Fundo, Fábio André Koff, aos 40 anos é juiz da Primeira Vara Criminal de Canoas. Seus colegas costumam brincar, lembrando a próxima promoção, quando deverá vir para o Tribunal de Justiça, em Porto Alegre: ''é para sofrer mais perto o Grêmio''. Considerado um homem gentil, ponderado e elegante entre os amigos, com quem toma chope de bermudas, Koff é diferente na direção do Grêmio, sendo muitas vezes temido pelos jogadores. Para sua mulher Ivone, ele é ''uma pessoa que lê tudo que lhe cai nas mãos, gosta de música clássica e admira o diretor de cinema Ingmar Bergmann''. No inverno, não dispensa o conhaque, mas nas outras estações divide-se entre o uísque e a caipirinha. Fábio Koff tem dois filhos, um de 17 e outro de 10 anos, mora num apartamento na rua Giordano Bruno, no Bonfim.



HÉLIO DOURADO

Hélio Volkmer Dourado, cirurgião do Hospital Ernesto Dornelles, com 46 anos, costumava freqüentar o bar do Estádio Olímpico com assiduidade até o meio do ano. Mostrava-se brincalhão, invariavelmente pedia um maço de Hilton *e uma dose de* Tiller's Club *ao balconista, antes de iniciar o bate-papo com os amigos gremistas. Deixou de freqüentar o bar, na medida em que o time começou a fracassar em campo. Hélio Dourado é leitor de livros policiais (tem um cachorro chamado Kojak), admirador de samba e não freqüenta cinema. Ele é diretor-proprietário do Instituto Educacional Luiz Dourado (nome de seu pai), um colégio de segundo grau, e não possui consultório particular, fazendo cirurgias em diversos hospitais de Porto Alegre. Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1953. Natural de Santa Cruz do Sul, Dourado é casado com a estudante de pedagogia, Nina Rosa Lima Dourado, tem três filhos e mora na avenida Carlos Gomes.*

EDMUNDO RODRIGUES

Nas festividades do 68º aniversário do Grêmio, em 1971, Edmundo Rodrigues da Silva organizou o banquete oficial. Depois disso continuou ligado ao clube, sendo promovido a diretor de futebol do departamento de juvenis. Em 1976, aos 41 anos, passou a ocupar o mesmo cargo no departamento profissional. Nascido em Porto Alegre, Edmundo mora na Pedra Redonda e é casado com Zulma Vitória. Tem três filhos: César, Fábio e André. Ele diz que não troca a leitura de jornais, por livros, e sendo conservador *prefere Frank Sinatra ao samba. Bebida é Campari e os amigos mais próximos são as famílias do companheiro de diretoria Fábio Koff e do preparador físico Ícaro Rodrigues. Desde que se tornou diretor do Grêmio, trocou o cinema pela televisão. Edmundo Rodrigues é proprietário da boutique Elle e do bar* Stylo's Drink, *ambos na Getúlio Vargas, mas quem cuida dos negócios é a esposa.*

COOPERATIVISMO: O PRODUTOR ORGANIZADO

O cooperativismo começa a sofrer uma campanha semelhante à que foi feita contra a crescente participação do governo na economia, acusado de estatização. No início deste mês, a Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul divulgou um documento acusando o cooperativismo de prejudicar as empresas privadas no Estado. As críticas das Associações Comerciais concentram-se na concessão de incentivos por parte do governo ao fortalecimento das cooperativas e na ampliação das áreas de atuação das mesmas.

A organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS) examinou o documento e fez esta análise:

1) Desconhecimento da filosofia e dos objetivos do Sistema — O cooperativismo é um sistema empresarial comunitário, também, de carácter privado, pelo qual grupos de pessoas ligadas entre si por atividades econômicas ou profissionais comuns se unem com a finalidade de adquirir bens ou mercadorias para seu uso (cooperativas de consumo), ou prestar serviços entre si ou para terceiros (cooperativas de prestação de serviço), ou para produzir produtos in natura ou manufaturados (cooperativas de produção), ou ainda, para comercialização de produtos de seus associados (cooperativas de produtores).

A legislação cooperativista brasileira cataloga as cooperativas como:

— de consumo
— de produção (com subdivisão setorial)
— de prestação de serviços (também setorizadas)
— mistas
— habitacionais
— de crédito

Em qualquer um destes grupos, a tônica comum é a atividade de comércio, em que a cooperativa é o estabelecimento comercial do associado, em que os lucros — em cooperativismo chamados de retorno — são distribuídos entre os associados que representam sempre uma comunidade setorizada.

Os ataques dirigidos no pronunciamento da Federação das Associações Comerciais do RGS são voltados absolutamente para o Sistema Cooperativista de Produtores Rurais, e aí, então, denunciam um desconhecimento intencional total da realidade; senão vejamos, conforme as suas acusações:

a) Protecionismo Estatal — Não vemos privilégio algum às cooperativas, nem na área fiscal nem na de recursos creditícios. Na primeira, as cooperativas pagam os mesmos impostos que pagam as empresas não cooperativistas e, na segunda, as mesmas portas que estão abertas para um sistema empresarial, estão para o outro, sendo que, em termos de capital de giro, é muito mais abundante e de fácil acesso ao empreendimento não cooperativista.

b) Gigantismo operacional — Todo o empresariado tende ao crescimento e nenhum cresce tanto como o comercial ou industrial, ou ainda de serviços puramente capitalista — haja visto os trustes internacionais, os "puls" nacionais ou multinacionais — sendo que estes beneficiam pequenos grupos de pessoas, ao passo que a empresa cooperativista beneficia grandes grupos comunitários.

No sistema cooperativo, o crescimento é sempre no sentido orgânico de preencher uma maior gama de necessidades do grupo que o compõe.

c) Desvirtuamento das finalidades das cooperativas — Considera a Federação das Associações Comerciais do RGS como desvirtuamento das finalidades das cooperativas de produção rural algumas atividades por elas exercidas, como sejam, industrialização de produtos, transportes fluviais e terrestres, corretagens de seguros, exportação, supermercado, fornecimento de insumos, como sejam: sacarias, combustíveis, fertilizantes, defensivos, etc. *Jamais pode ser considerado como desvirtuamento da doutrina cooperativista, porquanto se trata da mais pura organização do produtor com vistas a estabelecer a ponte de ligação entre o produtor e o consumidor, em moldes a equilibrar os níveis de renda e de bem-estar de ambos.*

Outro aspecto considerado como desvirtuamento do cooperativismo é a venda a terceiros, permitida em nossa legislação. Esta faculdade é mundialmente dada, principalmente às cooperativas de consumo, e visa dar condições às cooperativas constituídas de grupos setorizados menores, para que possam levar maiores benefícios aos seus associados. Não há aqui, nenhum favorecimento de ordem fiscal, porquanto as vendas ou a comercialização ou industrialização, ou ainda, a prestação de serviços a terceiros é escriturada à parte. As transações assim realizadas são igualmente oneradas pelo fisco, como qualquer outra não cooperativa.

d) Poderio político — O poder político a que alude a Federação das Associações Comerciais do RGS, só pode ser interpretado como força de defesa dos interesses da comunidade, e neste sentido, é altamente benéfico.

e) Estatização e socialização — Acusar o sistema cooperativo vigente no Rio Grande do Sul de conducente à estatização da economia e predisponente à socialização, revela uma das duas alternativas: ignorância ou maldade. O sistema cooperativo em moldes empresariais, como está implantado no Rio Grande do Sul, representa a maior segurança de desestatização, sem cair no outro extremo perigoso do multinacionalismo, afastando ainda o perigo da socialização comunista.

2) Recomendações da Federação — As recomendações formuladas pela Federação das Associações Comerciais do RGS denotam claramente um interesse de que o sistema cooperativista se submeta às conveniências do livre empresariado ou, em outras palavras, que os interesses de muitos se subordinem aos de poucos e poderosos.

As alterações preconizadas para a legislação cooperativista brasileira, tais como: limitação da área de ação da cooperativa às fronteiras do município-sede, proibição da integração de cooperativas, limitação da capacidade de endividamento, e restrição do recebimento de produção e comercialização apenas aos associados, representariam um retrocesso vergonhoso na política governamental de desenvolvimento econômico e social nacional.

Quanto à intensificação das funções fiscalizadoras do Poder Público no sentido de fazer bem cumprirem as cooperativas a legislação vigente com as suas finalidades, só pode ser louvável e podemos assegurar que não apenas o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) vem cumprindo esta missão, mas também o próprio sistema cooperativo nacional, através da Organização das Cooperativas Brasileiras e suas homólogas estaduais. Aqui no Rio Grande do Sul, a Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS) vem cuidando, atentamente, para que o sistema se aperfeiçoe cada vez mais.

3) Conclusões do sistema Cooperativo do Rio Grande do Sul — Face às manifestações contidas no documento da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, a OCERGS chega à seguinte conclusão:

"O sistema Cooperativista no Rio Grande do Sul está atingindo, efetivamente, aos objetivos colimados pela sã doutrina cooperativista, pois do contrário, não seria nem notada a sua existência".

30 vagas para técnicos na UFSM

As inscrições e as entrevistas para verificar a aptidão dos candidatos ao Curso Superior de Tecnólogos em Administração Cooperativista, que a UFSM implantou, ficam abertas até o dia 15 desse mês. O curso pretende habilitar técnicos para atender à crescente diversificação e especialização das tarefas cooperativistas.

A Universidade Federal de Santa Maria decidiu incluir mais esse curso depois de verificar, por meio de exaustivas pesquisas entre as cooperativas gaúchas, a necessidade e o interesse que têm em contar com pessoal qualificado. O curso inicia no dia 8 de março de 1977, oferece 30 vagas e durará dois anos (seis semestres letivos em tempo integral). Para se inscrever é preciso apresentar a carteira de identidade, uma foto 3x4 com data e o comprovante da taxa de inscrição (Cr$ 200,00).

Em Gramado, o IV Seminário Gaúcho

Dirigentes, associados de cooperativas gaúchas e autoridades ligadas ao setor cooperativista brasileiro vão se reunir entre os dias 9 e 12 de março próximo em Gramado, para realizar o IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo. A promoção do Seminário é da OCERGS, com a colaboração da Comissão Estadual do Programa Nacional de Cooperativismo, INCRA e BNCC.

Estão previstas duas etapas de trabalho. Na primeira as cooperativas filiadas à OCERGS apresentarão teses e proposições em comissões específicas (consumo, produção, prestação de serviços, crédito e habitação) que, segundo orientação da OCERGS, deverão abordar exclusivamente temas cooperativistas.

A segunda etapa inclui conferências e debates com especialistas em diversos ramos do cooperativismo. Para participar dessa etapa foram convidados os representantes das Cooperativas de Consumo da Rhodia e da Volkswagen, as duas de São Paulo; o chefe do setor de cooperativismo do Ministério da Agricultura, Oswaldo Freire da Fonseca Júnior e o diretor do Banco Central, Ribamar Mello.

Informações mais detalhadas sobre a inscrição e forma de participação no IV Seminário podem ser obtidas na sede da OCERGS, à rua Uruguai, 840, Porto Alegre. Fone 25-1727.

Cr$ 50 mil por um livro

Livros sobre cooperativismo escritos em língua portuguesa são uma raridade. Isto é o que deve ter levado a Organização das Cooperativas Brasileiras a lançar, em todo país, o I Concurso de Livros ou Monografias sobre Cooperativismo.

O livro ou monografia deve abordar qualquer tema sobre cooperativismo "que venha enriquecer a bibliografia brasileira e possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento do sistema em nosso país". Os vencedores receberão prêmios de Cr$ 50 mil, Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil. O resultado do concurso será divulgado durante o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, que se realizará em Fortaleza, Ceará, de 14 a 17 de setembro de 77.

Em Porto Alegre, todas as informações sobre o concurso podem ser obtidas junto à Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Rua Uruguai, 240) ou Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (Rua Comendador Coruja, 372).

Comprar sempre custa alguma coisa: dinheiro ou humilhação.

Comprar mal é coisa mais comum do que se pensa. Um ato irrefletido ou um cálculo otimista demais, e pronto: você está enrascado.
A imagem do mau pagador vai persegui-lo por muito tempo, fazendo você passar alguns vexames.
Até sua família acaba pagando por isso. Aprenda a comprar. Nunca assuma compromissos que não possa cumprir. Não tente enganar a si próprio.
Pode custar muito mais caro.
Você sempre pode contar com a APC. Mas é importante que passe a contar com você mesmo, primeiro.

associação de proteção ao consumidor
entidade independente e apolítica
Rua Jerônimo Coelho, 116

escala

colaboração deste Jornal

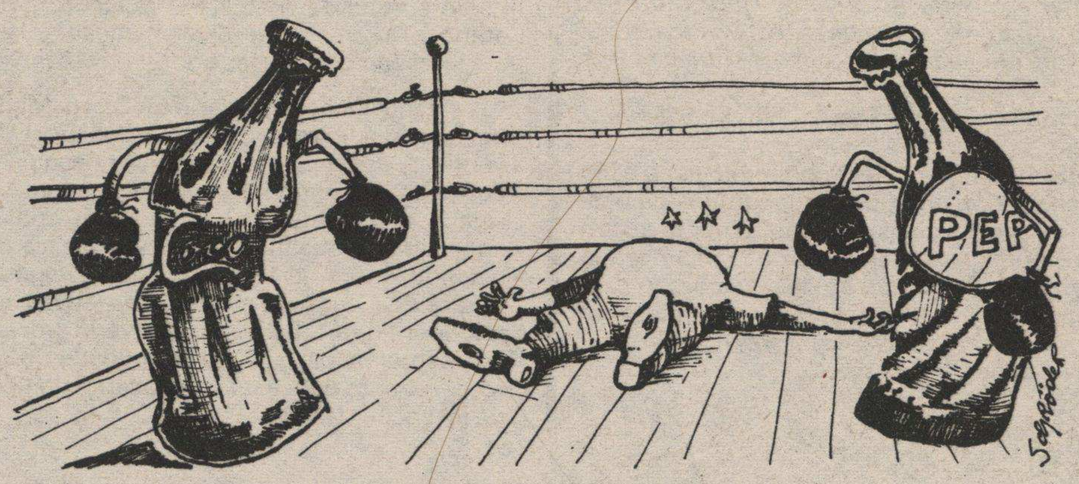
Continuamos os mesmos, apesar de tudo

Todo mundo deve ter notado que, de alguns anos para cá, estão querendo fazer de nós uma nação de consumidores. O negócio vai indo aos poucos e, segundo o Jornal do Brasil(30/04/76), dos 16 milhões de brasileiros que recebem salários, já quase 200 mil (1,2%) conseguem retirar o suficiente para consumir tudo o que a propaganda anuncia. Eles têm muito boa vontade e boa vontade ainda maior têm aqueles que aspiram a igualá-los.

Porém, ao lado do noticiário do que está dando status, existe o noticiário de verdade que, de vez em quando, quando as coisas ficam muito gritantes, deixa transparecer os podres dos anunciantes. O consumidor explode: pensa que eu sou burro? No afã de proteger seu QI, importa a idéia do chamado Instituto de Defesa do Consumidor que, nos próprios Estados Unidos, só consegue migalhas. E isso lá, com as negas deles.

E o que a propaganda tem a ver com isso? A julgar pelos debates em torno do consumidor — aconteceu mais um fracasso em São Paulo, em novembro — a propaganda é culpada de tudo. De tudo, não, embora caiba à propaganda contornar as pequenas e grandes sujeiras dos anunciantes. Mas a propaganda não é todopoderosa para fazer qualquer milagre. Está certo, ela faz alguns. Ela já conseguiu fazer com que muito mais de 200 mil pessoas pensem que querem apito e que, se não der, o pau vai comer.

"Não temos quem nos defenda dos maus produtos, mas já temos quem nos defenda da falta de identificação nacional ao vendê-los. Infelizmente nem a propaganda e muito menos o consumidor têm quem os defenda dos recursos extra-propaganda".



A propaganda tem feito outros milagres também. A indústria cinematográfica nacional, que era considerada tecnicamente um lixo, continuou tecnicamente um lixo, mas muito mais experiente. Hoje, mesmo com as pornochanchadas, é o cinema publicitário que emprega boa parte dos técnicos e artistas durante boa parte do tempo. Dúzias e dúzias de comerciais são despejados mensalmente na televisão, cada um tendo o ponto de honra de ser mais criativo e vendedor que o concorrente.

••••••

Uma vez por ano os publicitários selecionam os que seriam a nata da criatividade nacional e reúnem a classe e afins num Festival. No II Festival do Filme Publicitário, realizado no Rio no meio de novembro, foram exibidos 411 comerciais de duas sentadas. Um júri de pessoas ligadas à criação ou não escolheram os melhores. Este ano o objetivo declarado foi o avaliar se progredimos em direção a uma linguagem verdadeiramente nacional. Por isso entre os premiados não estava o filme *Voltei*, do cigarro Continental, porque a história do rapaz que volta da cidade grande é igualzinha à do filme da Polaroid com um rapaz que chega do Vietnã ao som de *Green Grass of Home*. Até a batalha é a mesma!

Quer dizer então que houve um progresso? Quem sabe. Ainda não temos quem defenda os seres humanos, mas já nos mobilizamos para defender o consumidor. Não temos quem nos defenda dos maus produtos, mas temos quem nos defenda da falta de identificação nacional ao vendê-los. Infelizmente nem a propaganda e muito menos o consumidor tem quem os defenda de recursos extra-propaganda prejudiciais à propaganda e ao consumidor para fazer exatamente aquilo que para a propaganda não é nenhum milagre: vender o peixe do anunciante, mesmo que às vezes podre.

••••••

Embora pouco usado, o recurso de comparar um produto abertamente com o outro, citando nomes, não é tão original assim. Mas, de qualquer maneira, está proibido por uma portaria da Censura. O que, em termos práticos, significa apenas que a Pepsi não poderá mais fazer comparações frontais com a Coca-Cola (la loi c'est la loi), nem com o público de olhos vendados nem com o público de olhos abertos.

Desta vez a hipótese de coincidência parece excessivamente improvável. E, se relembrarmos o desespero de comunicação por que a Coca tem passado, a hipótese de ser ela a inspiradora ou até a autora da portaria sai troteando folgado. Pode não ser nenhuma surpresa, mas a Coca apelou para a ignorância.

Outra tentativa, nesta altura para responder ao teste comparativo proposto pela Pepsi (não digo que eu ache a idéia do teste maravilhosa, mas por que não?), foi apresentar o depoimento de um rapazinho, da geração imediatamente anterior à das cocotas, salivando abundantemente. Talvez seja alguma sutileza, mas o som direto deixava passar o ruído da saliva banhando dentes de um branco imaculado. (Pensei que nem no interior da Zâmbia haveria dentes intocados). A Pepsi não se deu por achada e retrucou de cara: "Tem que ser Coca-Cola? Mesmo?"

A classe publicitária ficou em suspense, aguardando o lance da Coca. A Coca, porém, preferiu desconversar, ressuscitando uma estratégia de marketing que tanto ela como a rival tinham abandonado há anos: subornar o consumidor com um prêmio debaixo da cortiça (hoje plástico). Um teste comparativo para ver se ainda somos e vivemos como nossos pais: Promoção Cara ou Coroa. A julgar pelas aparências, deram com os burros n'água.

E nesta altura como parte da rotina o piston põe a surdina. Em contradição com aquilo que é, por definição, para andar na boca do povo, prefere a rolha ao bate-boca. Consta que, à medida que o consumidor vai assumindo seu papel, torna-se exigente e quer saber mais sobre aquilo que compra, pois os preços não estão bolinho. A própria propaganda legitimou-se durante muito tempo apresentando esta como sua função social. De repente, quando o consumidor pede mais informação, cortam-lhe as asinhas. Com isso, a meu ver, sai ganhando a firma de Joan Crawford (será que ela vem para o carnaval?), que virou uma espécie de joana d'arc das portarias. Os simpatizantes de ambos que tomem cuidado: segundo o noticiário dos jornais, tanto a Coca como a Pepsi têm ácido não sei o quê, para o qual o organismo humano não está preparado. São águas da mesma bica, de um negror sólido, líquido e gasoso, não se esqueça.

Mário P. Salles

Valorize Cr$60,00. Assine o Coojornal.

cooJORNAL

ASSINATURA POR 1 ANO: **Cr$60,00**

Nome: .....

End.: .....

Bairro: ..... CEP: .....

Cidade: ..... Tel.: .....

Forma de pagamento:

Vale postal n.º ..... Valor: .....

Data: .....

Ordem de pgt.º n.º ..... Valor: .....

Banco: ..... Data: .....

Cheque em nome da CooJORNAL

Valor: ..... Data: .....

Banco: .....

Rua Comendador Coruja, 372 — Fones: Redação 24-0951
Administração e Depto. Comercial 21-8984 — Porto Alegre - RS - Brasil

Pouca idéia, muita mentira...

Mais de mil peças inscritas em 48 categorias concorreram ao V Salão de Arte Publicitária, realizado em Porto Alegre no início de dezembro e no qual a ausência de prêmios acabou sendo o aspecto mais discutido. O júri formado por quatro publicitários de fora — Hans Damann, diretor de criação da Thompson, Aroldo Bariani, da Mauro Salles, Hector Brenner, da Denison e José Monserrat Filho, da Caio Domingues — não considerou dignos de prêmios os trabalhos inscritos em 27 categorias, quase todas da chamada área eletrônica. Nessa área havia mais ou menos 200 trabalhos inscritos (72 video-tapes, 96 spots para rádio, 32 filmes) e nenhum reuniu méritos, segundo os critérios da comissão.

José Monserrat Filho, que presidiu o júri, explicou ao *Coojornal* a decisão: "O que se notou foi uma falta muito grande de idéias e um número elevado de anúncios mentirosos, enganosos do tipo 'A Felicidade Voltou' e outros. A gente reconhece que o clima atual não favorece à criação. Há a censura, certas comparações, certos raciocínios, que poderiam representar boas saídas ou aberturas mais ricas para os criadores, estão tacitamente proibidos. Isso dificulta. Um exemplo de como essa situação inibe é a eleição. Eleição não deu nenhum anúncio, quando o normal é a propaganda se aproveitar de grandes fatos, acontecimentos importantes como mote. A propaganda sempre é um mosaico da realidade, porque vai buscar motivação nos temas atuais, mas no momento ela não reflete o que está ocorrendo. De qualquer forma o nível era muito baixo". No Rio Grande do Sul são produzidos 140 video-tapes (todos na Central Gaúcha) e 10 filmes em média por mês.

JANGO: A MORTE NO EXÍLIO

Foto Assis Hoffmann

Largou o livro que lia na cama e pediu para a mulher apagar a luz. Foram os últimos gestos de João Goulart. Em seguida Maria Teresa percebeu que ele estava ofegante e mal teve tempo de chamar os empregados. Jango morria a menos de 300 quilômetros do lugar onde queria morrer: São Borja, a sua cidade.

Trabalharam na edição: Osmar Trindade, Ricardo Schmit, Assis Hoffmann, Jacqueline Joner (São Borja), Riomar Trindade (Rio) Rosvita Saueressig, Marco Antônio Schüster, Elaine Lerner.

Do menino Janguinho, apelido da família, as lembranças são poucas. Terceiro filho de uma família de oito irmãos, (1), morou na fazenda até os 10 ou 11 anos, onde aprendeu a montar, desenvolveu o gosto pelos passeios no campo e ficou sabendo pouco da cidade de São Borja. Seu gosto manifesto pela vida de campereadas foi interrompido nessa idade, quando seu pai — Vicente Rodrigues Goulart, chefe de tropas das revoluções de 1930/32, que ganhou o título de coronel — o mandou estudar interno no Colégio Santana, de Uruguaiana, dos irmãos maristas.

Ali ele deveria fazer o curso ginasial, mas rodou na quarta série, uma conseqüência do pouco estudo e muitas brincadeiras, entre elas a de atravessar o Rio Uruguai nadando, conta sua irmã Maria Goulart Dornelles. Como castigo, o pai o transferiu para o Colégio Anchieta, em Porto Alegre, quando morou com dois estudantes universitários, amigos da família, Almir Palmeiro e Abadé Ayub. Foram eles que, em 1932, o levaram para jogar de zagueiro na "equipe filhote" — os juvenis de agora — do Internacional (2):

— Um guri excepcional, muito fechado, inteligente e muito, muito bom, recorda Salvador Arizio, hoje com 61 anos, que era centroavante da equipe, que foi campeã em 32. "Ele nunca usou a influência do pai para qualquer coisa dentro do clube. Era filho de pai rico, muitas vezes chegava para jogar num Packard preto do governo mas tratava todo mundo igual. A gente que às vezes não tinha dinheiro para o bonde". O "filho do coronel Goulart" que jogou com ele em 32, Salvador Arizio — jogador de seleção gaúcha e goleador até 1943 — só reencontrou 29 anos depois, como presidente da República:

— Tivemos uma audiência. Eu entrei sozinho e os generais se perfilaram. O João me abraçou e até chorou. Eu só tremia, minhas pernas estavam moles. Entreguei a foto da equipe campeã de 32 e na saída ele prometeu uma ajuda, que mandou depois, para construir a sede da nossa associação de jogadores.

Além do título de campeão pelo Inter, o menino João ganhou o prêmio prometido pelo pai se passasse no exame : voltar ao Colégio Santana de Uruguaiana para concluir o ginásio.

• • •

Foi ainda por decisão do pai que Jango retornou a Porto Alegre, para realizar um curso preparatório e ingressar a seguir na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de onde saiu formado em 1939 mas disposto a nunca exercer a profissão de advogado. Nascido em 1° de março de 1918, João Belchior Marques Goulart, que até os três anos de idade usou vestido e não cortou o cabelo para cumprir uma promessa feita pelos pais (3), tinha aprendido durante a infância, a gostar da vida nas fazendas e, na mocidade, começara os contatos com a gente

A experiência gráfica da Pallotti é um livro aberto.

Aliás, milhares de livros abertos. E revistas, boletins, relatórios, catálogos, cartazes, revestimentos, folhetos, publicações periódicas e impressos de larga tiragem.

Na verdade, é uma garantia prática de qualidade gráfica à altura da exigente demanda do nosso mercado editorial e publicitário.

Para atender a tudo e a todos, a Pallotti opera com um parque gráfico de avançado equipamento e com uma tecnologia impressora atualizadíssima.

Por exemplo? A Pallotti tem à sua disposição a única impressora plana a 4 cores, do Rio Grande do Sul. E você sabe o que isso representa na hora de um trabalho que exija grandes recursos.

A Pallotti executa, com competência e arte, a fotolitagem, a seleção de cores, a composição eletrônica, lay-outs, artes-finais e montagem. Fora a edição e acabamento de qualquer projeto gráfico.

Todo esse parque gráfico tem uma história de renovação com mais de 30 anos Contada pelos profissionais do pigmento e do papel. Cada um com experimentada técnica e boa dose de calejada criatividade.

E é essa história, essa experiência e essa qualidade que a Pallotti oferece à sua agência ou à sua empresa. Aberta como um livro, para atender especialmente à solicitação mais sofisticada que você tiver.

Pergunte para a COOJORNAL.

LIVRARIA EDITORA PALLOTTI

Rua Tupi, 200 — Passo D'Areia (Volta do Guerino)
Fone: 41-3976 — Cx. P. 6010
90.000 Porto Alegre — Rio Grande do Sul

O Aproveitamos para desejar que o Ano Novo deixe uma ótima impressão a todos os nossos clientes e amigos.

Era um brincalhão que num carnaval reuniu 60 pessoas com defeito na perna para fazer "o Bloco dos Rengos"

mais simples da cidade, o que iria transformar-se numa profunda afeição por São Borja e pelas pessoas de sua terra, principalmente as pobres. "Se o pai não o tivesse obrigado a vir estudar em Porto Alegre, talvez ele nunca tivesse saído de São Borja", diz sua irmã Maria Goulart Dornelles. Em 1940, quando seu pai já estava doente, Jango, aos 22 anos, passaria não apenas a determinar sua vida mas também a administrar o patrimônio da família.

Desenvolveu a participação nas atividades de campo, aprendeu a fazer negócios e aprofundou os contatos com os peões, fazendeiros e trabalhadores rurais da região. Cruzando os campos da Fronteira Oeste até Santa Maria, Jango conheceu Otílio Brum Nunes, hoje com 64 anos, um mulato forte, decidido e esperto, que de tropeiro passou a capataz e homem de confiança na administração das fazendas. Em 64, Otílio acompanhou Jango para cuidar da fazenda em Tacuarembó. Lá ficou até o ano passado, quando, "doente e com saudades", pediu para voltar e ganhou a administração de uma serraria nos arredores de São Borja:

— Ele dizia que não podia vir e ele nunca viria escondido. Conhecia ele há 32 anos, desde quando ele atolava um Fordeco nos caminhos para Santa Maria e Júlio de Castilhos e eu, que trabalhava com os Mariano da Rocha, ajudava a arrastar o auto. Vi ele entrar na política pela mão do doutor Getúlio. Ele não costumava falar de política com os peões, vinha ao galpão tomar mate, contar causos e comer churrasco, mas a gente sabe que ele gostaria mesmo de vir aqui pra São Borja e que sofria por causa disso. Nos últimos tempos aconteceram muitas coisas que o desgostaram. A prisão da dona Maria Teresa (um episódio nunca bem esclarecido de compra em excesso de carne que estava racionada) a prisão do João Vicente (o filho) que foi solto com a cabeça raspada, a invasão da fazenda em Maldonado pela polícia que procurava Tupamaros e até a exigência que não usasse mais carros brasileiros.

Entendidos como mudança de tratamento em relação a um asilado político, esses episódios narrados pelo capataz teriam sido motivo de preocupações constantes de Jango nos últimos anos, com implicações na saúde. Os problemas cardíacos, que tinham se manifestado em duas ocasiões nos últimos 14 anos, estavam se agravando. Ao ponto de os médicos consultados nos Estados Unidos há dois meses terem recomendado completa abstinência de bebidas alcoólicas, moderação na comida e limitação ao máximo do cigarro, que ele fumava de 60 a 80 por dia.

• • •

Esses hábitos que os médicos limitaram teriam se acentuado no período de exílio de João Goulart assim como uma conseqüência das outras limitações. Em São Borja a lembrança que ficou de Jango é mais a de um homem humanitário preocupado com os pobres, principalmente os da sua terra, do que a de um político que a partir de 1945 participou de quase todos os momentos decisivos da política do país. Como presidente filho de São Borja que também está morto, ele é lembrado junto com Getúlio Vargas e Pedro Aramburu, que nasceu na cidade durante o exílio do pai e chegou à presidência da Argentina. A comparação com Getúlio Vargas que poderia ser feita é negada num aspecto importante para os samborjenses. Getúlio apenas passava pela cidade rumo à fazenda ou a visitava em dia de festa. Jango, mesmo quando presidente da República, estava em São Borja sempre que podia e, antes de ingressar na política, promovia e participava das festas e dos problemas da cidade.

Num casarão amarelo na rua central, que ganhou o nome de Presidente Vargas, Jango viveu a infância e a mocidade. Filho de um homem dono de grandes fazendas, suas atitudes pareciam pouco comuns desde cedo. Em vez de freqüentar o Clube Comercial, perto de sua casa, ele atravessava a rua para ir conversar, beber cerveja ou vir música no bar e Centro de Umbanda Maria Conga. As donas, as irmãs Georgina e Juscelina Rodrigues Vieira, duas negras

Com os trabalhadores, numa das muitas concentrações que costumava fazer

que agora têm mais de 60 anos, sentem-se orgulhosas de falar de Jango como um irmão: "Ele era dessas pessoas de comer no mesmo prato, de beber no mesmo copo. Desde rapaz ele se preocupava com os que eram pobres, dizia que todos deveriam ter o necessário para viver bem".

Ainda estudante, saindo no bloco carnavalesco Comigo-Ninguém-Pode, Jango tornou-se conhecido e até popular em São Borja e adquiriu o costume de passar todos os carnavais na cidade, mesmo quando já era político e residia em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro. Foi sob a inspiração de Jango e de seu amigo Jorge Lacerda, coxo como ele, que numa temporada de carnaval saiu à rua a ala mais divertida do Comigo-Ninguém-Pode. Era o Bloco dos Rengos, com "mais de 60 rengos, pobres, ricos, brancos, pretos e mulatos", contam Georgina e Juscelina. Há quem diga na cidade que Georgina e Juscelina são algumas das muitas pessoas que Jango ajudou. Donas de um casarão hoje transformado em bar, pensão e centro de umbanda que funciona nos fundos, elas negam terem recebido qualquer favor e guardam como troféu uma imagem de São Jorge presenteada por ele.

• • •

A seis ou sete quilômetros do centro de São Borja, na Granja São Vicente, uma fazenda pequena para os padrões da região — 870 hectares — João Goulart morava e costumava despachar depois que se tornou político. Lá, o quarto de dormir e o seu guarda-roupa estão como há 12 anos, quando ele foi deposto, o escritório também conserva todas as coisas no lugar. Na parede, uma fotografia de Getúlio Vargas. Sob o vidro da mesa, fotos dele, João Goulart, com políticos conhecidos e com o filho João Vicente no colo. Nas estantes, três coleções de livros: Direito Judiciário Civil, Código Civil Brasileiro Interpretado e Direito Civil. Essas coisas, conservadas em ordem, sempre deram a idéia aos seus empregados e aos amigos de São Borja que Jango poderia voltar a qualquer momento ou que, pelo menos, aquilo representava uma esperança.

Por isso que nos últimos dois anos, passado o período de punição política, uma reforma geral e limpeza feitas gradativamente nas fazendas foram interpretadas em São Borja como sinal de retorno de Jango. Os administradores da granja explicaram que as obras foram feitas porque havia necessidade de consertar o abandono. Os boatos sobre o retorno de Jango foram mais fortes que as explicações e no dia 9 de setembro a polícia e o exército cercaram e invadiram para passar em revista outra fazenda, a Rancho Grande, situada a 64 quilômetros da cidade, supondo que Goulart tivesse voltado, como se comentava.

Na manhã do dia seis de dezembro, quando chegou pelo telefone a notícia da morte de João Goulart, a maioria não acreditou e não tinha como confirmar. A única emissora de rádio da cidade, ligada a um grupo do próprio Jango, foi fechada há 14 meses porque não cumpriu as exigências para renovar a concessão e desde então so fica informado quem tiver rádio potente para sintonizar Porto Alegre.

Experimentada em tragédias políticas, como a de Getúlio Vargas que voltou morto da presidência da República para ser enterrado, em 1954, a cidade, agora contida pelas circunstâncias, reagiu até com alguma frieza diante da morte do presidente que fora deposto há quase 13 anos. Às 19h 25min do dia seis, quando o cadáver chegou na igreja para ser velado, houve uma aglomeração de umas mil pessoas e um ensaio de apelo dos comícios de outras épocas: Jango, Jango, Jango, gritava a multidão. Depois, o desfile diante do cadáver arrastou-se com a reverência e curiosidade de revê-lo daqueles que já o conheciam e apenas curiosidade dos que eram pequenos ou nasceram depois de 64. "Morreu o pai dos pobres", a frase preferida daqueles que o admiravam, foi repetida com reverência diante do caixão.

Nas feições tristes dos velhos gaúchos que vieram do interior, alguns pilchados e com o chapéu na mão, podia-se notar um certo orgulho de quem se considerava privilegiado por ter sido seu contemporâneo ou companheiro de jornadas em busca de votos para levar adiante as idéias que o antigo Partido Trabalhista Brasileiro queria difundir. Antes dos políticos pedirem à viúva Maria Tereza para cobrir o caixão com uma Bandeira Nacional que estava pendurada na igreja e que acabou acompanhando o caixão até a sepultura, a madrugada do velório viveu o momento de emoção de um gaúcho parente de Jango. Como que se sentindo traído pelo fato de o caixão não ostentar nenhuma característica daquilo que João Goulart foi antes de ser político — gaúcho que usava bombachas, lenço, botas e montava cavalos para apartar bois ou orientar tropeadas, José Salvador Trindade Goulart, de 40 anos, jogou o lenço do pescoço sobre o esquife e disse o que a emoção permitiu: "Já que ninguém se animou, eu faço. Coloco esse lenço de homem, de grosso".

• • •

— Jango, não tem um jeito de te retirar da política? Ela só te traz aborrecimentos e tu não és recompensado.

— Olha, não posso me retirar. Tenho um compromisso com dois milhões de operários.

Quem fazia a pergunta era Dinarte Fontella, a seu genro João Goulart. Quem reconstituiu o diálogo foi Geraldo da Silva, 58 anos, capataz da Granja São Vicente, em São Borja, enquanto cuidava de preparar um churrasco para as caravanas de políticos que foram assistir o enterro do seu patrão. O diálogo ocorreu "lá por 63". Deposto da presidência no ano seguinte, João Goulart foi viver no exílio, de onde voltou morto na primeira segunda-feira de dezembro, para ser sepultado no mesmo cemitério que guarda Getúlio Vargas, outro ex-presidente e seu padrinho na política.

Um ano antes de ser deposto e no ano seguinte ao exílio, João Goulart já tivera duas manifestações da doença — enfarte do miocárdio — que o matou às 2h50min da madrugada, depois de um dia em que ele almoçou em Paso de los Libres, na divisa com Uruguaiana, e jantou um churrasco na fazenda comprada para o filho João Vicente, na cidade argentina de Mercedes. Para o governo brasileiro, a notícia da morte de João Goulart chegou oficialmente às 5h do dia seis, quando o coronel Washington Bermudez, assessor da vice-presidência da República, recebeu o pedido para enterrar Jango em São Borja, feito por Mário Della Vecchia, sócio do ex-presidente e conterrâneo de Bermudez. Uma hora depois, o presidente da República autorizava o enterro e a entrada do cadáver por Uruguaiana.

Em Porto Alegre, Cila Goulart Moravalle, irmã de Jango, foi acordada às 4h20min da madrugada por Maneco Soares Leães, piloto particular e companheiro do ex-presidente há 26 anos: "O chefe tá mal", disse ele e não acrescentou nenhuma informação, seguindo direto para o aeroporto.

Maria Tereza Fontella Goulart, que casou com João Goulart em 1955 numa cerimônia realizada pelo agora Cardeal Vicente Scherer, assistiu à morte do marido na cama, a seu lado. Ele pediu para apagar a luz, dormiu em seguida e logo depois Maria Tereza sentiu que sua respiração estava alterada. Acendeu a luz, pediu socorro aos empregados mas Jango morreu antes da chegada do médico.

Na tarde do dia segunte, depois que os filhos João Vicente (20 anos) e Denise (18), que estavam em Londres, chegaram a São Borja, João Goulart foi sepultado. Uma de suas últimas confidências ao piloto Maneco Leães era de um homem contrariado: "Prefiro viver 10 anos menos do que viver sem fazer o que quero", dizia ao comentar a recomendação dos médico que o proibiram de fumar.

(1) As cinco irmãs de João Goulart, todas vivas, são Eufrides, Maria, Iolanda, Cila e Neuza, esta casada com Leonel Brizola. Os dois irmãos são mortos: Rivadávia morreu em 1920, aos seis anos; Ivan, que era médico, morreu em 1958, de leucemia, aos 33 anos. O pai, Vicente, morreu de câncer, aos 60 anos, em 1943; a mãe, Vicentina, morreu do coração, aos 80 anos, em 1963.

(2) Foi nessa época que se manifestou uma infecção num joelho que o impediu de continuar jogando e o deixou coxo para sempre. Entre fazer um tratamento de um ano nos Estados Unidos ou continuar rengo, Jango preferiu a segunda hipótese.

(3) Nenhuma pessoa da família sabe precisar qual a promessa que foi feita pelos pais de Jango.

As fotos dos últimos 45 anos da vida de João Goulart, desde o tempo em que ele estudava em Uruguaiana.

O casamento da irmã Neuza com Brizola reuniu as bases do PTB de Getúlio Vargas

Com Getúlio, na fazenda em São Borja

No carnaval em São Borja

No time do Colégio Santana: um ano de muita brincadeira e pouco estudo

Com João Vicente, o filho

No Inter, em 1932: o castigo e um título

O casamento, em 55, aos 37 anos de idade

A formatura no Colégio Santana depois de uma passagem pelo Colégio Anchieta

Dizem que era indeciso, de pouca visão política e não tinha o fascínio dos populistas. No entanto chegou à presidência em 16 anos e de lá saiu tão rápido quanto chegou.

De uma fazenda de São Borja à Presidência em quatro eleições

O general Ladário Pereira Telles, comandante do III Exército, toma a palavra e expõe a sua posição:

— Presidente, dispomos de meios suficientes para iniciar uma resistência. Dispomos de 20 mil armas e cerca de seis milhões de tiros, o que nos possibilita mobilizar muitas unidades. Se o deputado Brizola puder colocar 5 mil homens à minha disposição, em seis horas podemos mobilizar dez corpos provisórios sob comando da Brigada Militar. Além disso V. Excia. é um homem do povo, nossa resistência aqui levantará a opinião pública do resto do país e se tornará incontrastável .

João Goulart não deixou nem o general concluir a sua exposição e atalhou:

— Agradeço sua lealdade general. Não desejo derramamento de sangue em defesa do meu mandato. Seguirei para algum lugar do país onde aguardarei os acontecimentos.

Eram 10 horas da manhã do dia 2 de abril de 1964. Pouco depois Jango deixava o país rumo a Montevideo, numa decisão que encerrou abruptamente uma das mais rápidas carreiras políticas de que se tem notícia no país. Uma carreira que o levou às mais altas escalas do poder, mas segundo a opinião manifestada unanimemente por seus familiares no dia do seu enterro acabou sendo a causa principal da sua morte prematura.

— Jango nunca deveria ter trocado a vida do campo, que ele sempre gostou, para se meter na política. Isso foi um crime, diz uma de suas irmãs mais velhas, dona Maria Dornelles Goulart.

— Jango era um estancieiro abastado que não pretendia ser político. Foi pela influência de Vargas, diz o historiador Hélio Silva.

Era mais ou menos inevitável, no entanto, que Jango acabasse na política. Seu pai, o coronel Vicente Goulart era partidário de Borges de Medeiros e várias vezes pegou em armas por questões políticas. Na revolução de 23 a fazenda da família em São Borja foi invadida e saqueada pelos inimigos. E um de seus amigos íntimos era Getúlio Vargas.

Quando Getúlio voltou para o exílio voluntário em São Borja, depois de derrubado em 45, já encontrou um embrião de político do *Janguinho,* que havia se formado em direito em Porto Alegre, mas retornara para São Borja e dedicando-se a cuidar dos negócios da família. Exímio cavaleiro, capaz de calcular à grande distância o número de reses de um rebanho, era normal que tivesse prestígio com a peonada. Mas ele ainda tinha outras qualidades que não passaram desapercebidas ao olho de Vargas: relacionava-se com naturalidade com as pessoas humildes, sabia ganhar rapidamente a confiança deles. Era popular na cidade. E além disso tinha umas idéias avançadas: falava em redistribuição de terras, em igualdade, etc.

Os dois eram bons amigos e, segundo depoimento das irmãs de Jango, ele passava tardes inteiras na fazenda do Itu conversando com Getúlio Vargas. Os eventuais ensinamentos de Vargas nunca fizeram de João Goulart um político excepcional. Mas não há dúvidas que ele soube tirar o melhor proveito dessa amizade.

Em 1945, ajudou Getúlio a fundar o Partido Trabalhista Brasileiro, tornando-se membro do diretório municipal em Porto Alegre e no ano seguinte depois de uma campanha *em lombo de cavalo* (montado a cavalo, ia aos povoados do interior em busca de votos), foi um dos dois deputados estaduais eleitos por São Borja (o outro seria Tarso Dutra pelo PSD). Jango teve 4.150 votos (Tarso alcançou 6.612) mas foi um deputado de atuação pouco destacada. "Era um homem simples, agradável, mas reservado", diz o advogado Antônio Pinheiro Machado Neto, um dos contemporâneos de Jango na Assembléia do Estado. Sua única atuação em plenário foi um discurso defendendo os interesses dos pequenos criadores de São Borja. Pouco tempo depois licenciava-se para assumir a Secretaria de Interior e Justiça do Estado.

Em 1950, na eleição que levou Getúlio de volta à presidência, ele elegeu-se deputado federal, buscando apoio dos operários e dos sindicatos junto aos quais revelava as mesmas habilidades que faziam seu prestígio junto aos camponeses, aos homens pobres da sua cidade. Tinha 32 anos, e três anos depois quando quis fortalecer a sua posição junto aos sindicatos, especialmente os sindicatos controlados pela esquerda como o dos metalúrgicos e dos portuários, e o operariado em geral, Vargas chamou Jango para o Ministério do Trabalho.

Getúlio temia estar perdendo o controle da situação no meio trabalhador, especialmente em face do crescente radicalismo de esquerda despertado pela campanha do *Petróleo é Nosso* e acha que Jango, que tinha a reputação de colaborar com os comunistas e outros líderes operários militantes, pode ganhar a confiança desses setores para o governo.

Para a classe média e os militares conservadores, no entanto, Jango constitui uma ameaça devido às suas idéias em defesa de um regime sindicalista semelhante ao implantado na Argentina por Perón. Essa desconfiança iria se agravar antes de completar um ano de gestão janguista no Ministério do Trabalho. No final de 1953, cresce a reivindicação por uma revisão salarial para repor a perda do poder aquisitivo dos assalariados devido ao forte crescimento da inflação. Empresários paulistas e economistas conservadores, sustentam que o aumento não deve ir além do índice do custo de vida, mas a proposta de Jango, apresentada em 22 de fevereiro de 1954, é de 100 por cento de aumento (de 1.200 para 2.400 cruzeiros mensais). Para justificar o aumento ele afirma: "Não são os salários que elevam o custo de vida. Ao contrário, a alta do custo de vida é que exige salários mais altos".

Era o que faltava: os militares que consideram a medida demagógica divulgam documento intitulado *manifesto dos coronéis* e, embora não citem nominalmente o Ministro do Trabalho, Vargas sente que precisa sacrificá-lo para contornar a crise. No dia seguinte Jango é destituído. Volta à sua atividade parlamentar, mas não se afasta de Getúlio.

No dia 22 de agosto de 54, quando sente que não conseguirá mais suportar as pressões contra o seu governo, Vargas chama Goulart e lhe entrega um envelope lacrado e diz:

— Tu vais para o Sul, se me acontecer alguma coisa divulga isso nos jornais de lá ou, se não der vai para a Argentina.

Jango não abre o envelope, não fica sabendo do que se trata. Demora-se uns dias no Rio e é surpreendido pelo suicídio de Getúlio na madrugada do dia 24. O envelope que recebera continha uma cópia da carta-testamento e que Getúlio temia fosse proibida de publicação nos jornais. Segundo Hélio Silva, Getúlio não pensava em suicídio, mas em resistir no governo até a morte e por isso escrevera a carta por volta do dia 20, momento em que a situação se agravava ao ponto máximo.

A morte de Vargas deixa Jango como o seu legítimo herdeiro político, o líder em cuja direção se orientam todas as forças do trabalhismo e também todos os seus inimigos. Ele vai se preparar então para chegar ao lugar do mestre, cujo posto na hierarquia do poder ainda não tem estatura para alcançar. O primeiro passo é conduzir o PTB a uma aliança com PSD, para as eleições de 55 na qual lhe fica reservada a vice-presidência ao lado de Juscelino. Recebeu mais votos que Juscelino (3.591.409 para 3.077.411) e pode sentir novamente que continuava a não inspirar confiança aos círculos militares mais conservadores. A campanha que, sob a ale-

Em 15 anos de locação, a Auto Locadora Gaúcha tem usado sempre a mesma receita: o cliente tem razão.

A maior empresa brasileira de locação de veículos tem uma estrutura sólida.
Uma frota de mais de 500 carros que aumenta proporcionalmente à solicitação do público.
E aprimoramento de todos os seus setores.
O cliente da Auto Locadora Gaúcha participa decisivamente desse aprimoramento.
Com críticas e sugestões que são sistematicamente buscadas e cuidadosamente consideradas.
Porque isso ajuda a formar a larga experiência que ela tem obtido nesses 15 anos. Sempre dando razão total ao cliente.
Afinal, é ele quem movimenta tudo.

escala

auto locadora gaúcha

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.

15 anos auto locadora gaúcha

Conceição, 364 - Fones: 24-5166 e 21-3333
Estande permanente no
Aeroporto Salgado Filho - Fone: 42-4510
Porto Alegre - RS.

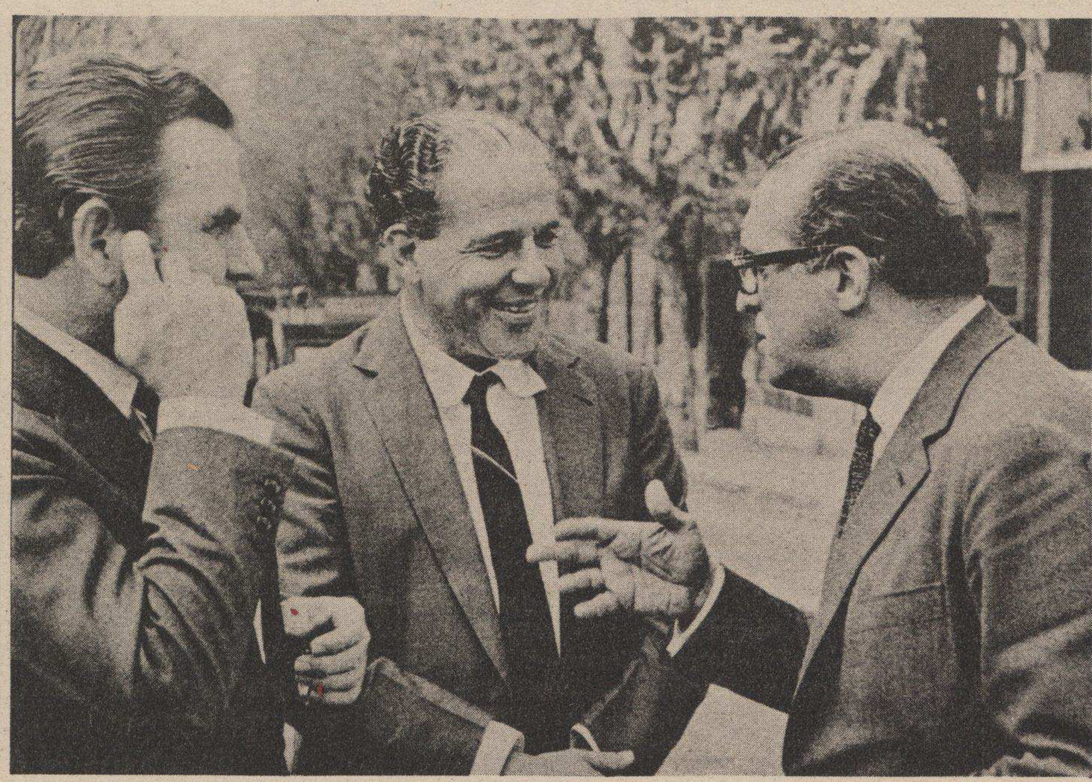
No dia 24 de agosto de 54, foi surpreendido pela notícia do suicídio de Getúlio Vargas com uma cópia da carta testamento no bolso

gação de que a chapa não tinha obtido maioria absoluta (1) e havia sido apoiada pelos comunistas, tentava impedir a posse de JK, tinha na verdade como alvo principal Jango.

No governo de Juscelino, cabe-lhe cuidar da área trabalhista, dos sindicatos, do Ministério do Trabalho, das autarquias e ele o faz com cuidado para desmanchar a imagem de que é o novo Perón e que se identifica com a ala mais radical do PTB. Certamente pensava no próximo passo.

Mas, nas eleições de 60 teve suas pretensões de ser o candidato à presidência cortadas dentro do próprio partido que escolheu o marechal Henrique Teixeira Lott. Lott foi derrotado por Jânio, mas Jango fez 4 milhões e 547 mil votos e se reelegeu para a vice-presidência. Com Jânio a convivência não foi fácil. Jânio representava o anti-trabalhismo, queria combater a corrupção, o peleguismo e Jango chegou a ser envolvido em inquéritos onde o acusavam de ser beneficiado com vultosos empréstimos para compra de terras no Banco do Brasil.

Quando Jânio renunciou a desconfiança dos militares voltaria à tona. No dia 27 de agosto o general Lott foi preso no Rio por acusar Odilo Dennys de planejar prender Jango quando entrasse no país e a polícia militar dissolveu com gás lacrimogêneo um comício do PTB apoiando a volta dele. "Chegou a hora de escolher entre o comunismo e o Brasil", afirmou o general Dennys. No dia seguinte Rainieri Mazzilli, presidente interino encaminhou ao congresso um comunicado dos ministros militares manifestando "absoluta inconveniência por motivos de segurança nacional o regresso de Jango", que estava na China chefiando uma delegação diplomática do Brasil. Afinal, apoiado por Brizola e pelo III Exército, Jango consegue negociar e aceita assumir com seu poder reduzido pela adoção de um regime parlamentarista. Seu governo vai durar 1.275 dias, talvez os dias mais conturbados da história brasileira recente.



Com Carlos Lacerda, o seu inimigo mais feroz antes de ser deposto

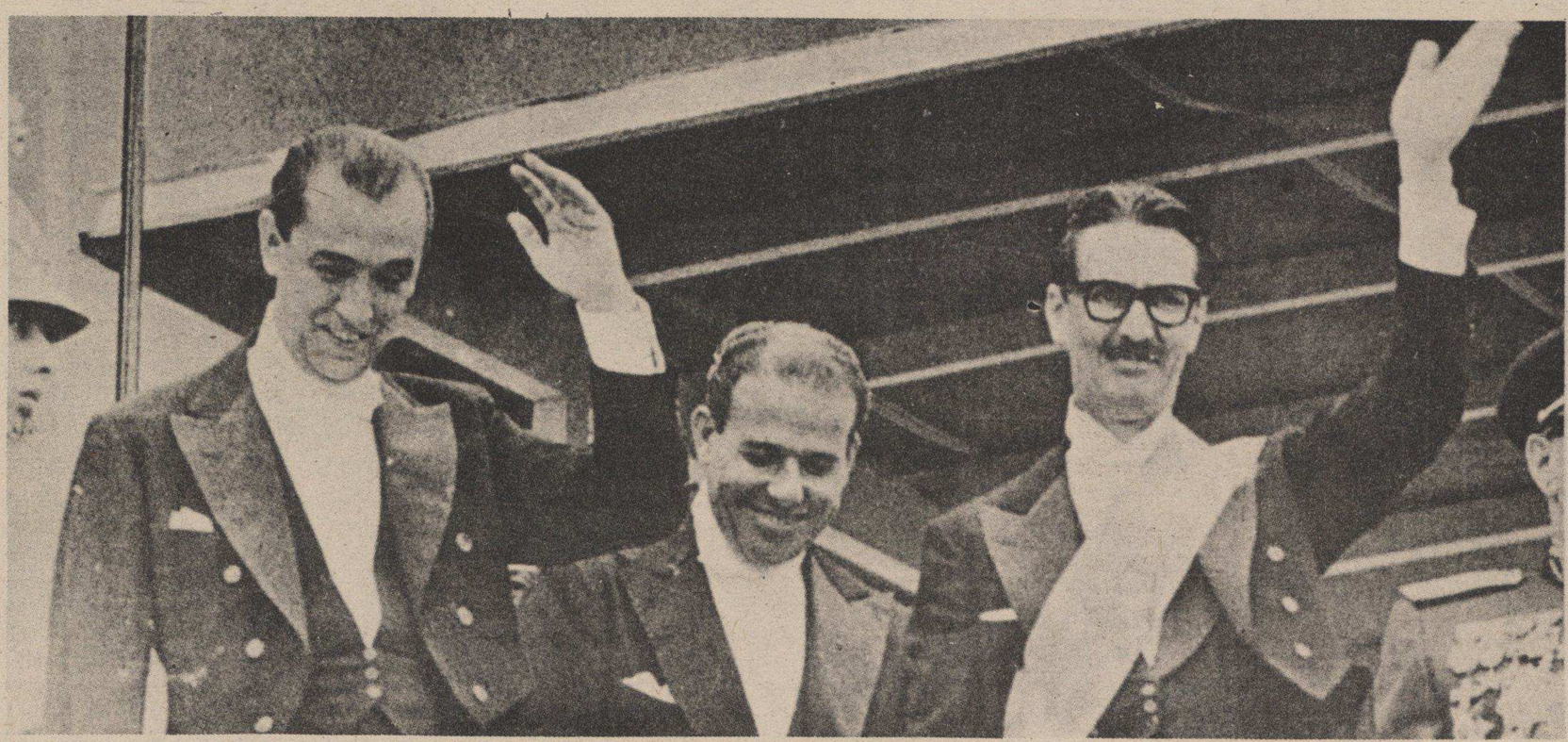
Com Mazzilli, recebendo a faixa de presidente em 61

Fotos do livro "1964: GOLPE OU Contragolpe?"

Primeira visita a Porto Alegre como presidente, 61

No exílio, em sua fazenda no Uruguai, ainda com esperança de retornar

Com Bob Kennedy e Lincoln Gordon



Com Juscelino e Jânio Quadros: a vice-presidência em duas eleições consecutivas

Quando ele chega em Brasília, o comandante militar da Capital Federal narra a Jango os problemas que houve para a sua posse e pede moderação. O nome do comandante: Ernesto Geisel. O quadro que ele herdou, no entanto, estava longe de ser equilibrado.

O país havia conhecido um ciclo de desenvolvimento a partir de 1956, baseado principalmente na entrada de capital e empresas estrangeiras que propiciaram um crescimento do setor industrial. Mas esse ciclo dava sinais de esgotamento. O país estava endividado, a inflação se acelerava e o ritmo da economia se reduzia de forma acentuada. E o setor agrícola, esquecido, está num impasse. O Produto Interno Bruto chegou a 7,3% em 1961, caiu para 5,3% em 1962. Em dezembro de 1961, três meses depois de Goulart ter, assumido a presidência, o custo de vida chegava aos 47,7%.

De outro lado, ele passou a estimular a mobilização de todas as tendências políticas para acabar com o parlamentarismo que o limitava e impedia de realizar as reformas que o país necessitava. Esse apelo, no entanto, depois o comprometeria com grupos de pressão que impediriam de pôr em prática algumas de suas medidas para contornar os problemas na área econômica. Por exemplo, o Plano Trienal elaborado para recuperar a economia a curto prazo exigia medidas de austeridade em salário, créditos, etc., para conter a inflação e equilibrar o orçamento federal. Mas foi severamente atacado e teve que ser abandonado na metade.

À medida que a situação econômica se agravava (em 63 cresceu 1,6%, ou seja, abaixo da taxa de crescimento da população, da ordem de 3% ao ano), aumentavam as pressões pelas reformas (reforma agrária, reforma tributária, universitária) e à medida que o governo inclinava-se para atender a essas pressões vindas das esquerdas, aumentava a oposição militar, reduziam-se os financiamentos estrangeiros, acirrava-se a luta política.

Em janeiro de 64, Jango assina a lei limitando a remessa de lucros das empresas estrangeiras. A 13 de março autoriza e, pressionado, participa do comício da Central do Brasil em frente ao Ministério da Guerra. A 19 de março, realiza-se a Marcha da Família, em São Paulo. No dia 30, Jango faz seu último discurso numa reunião de Sargentos, no Automóvel Clube do Brasil: "Se me perguntassem de onde surgem tantos recursos para campanha tão poderosa, para mobilização tão violenta contra meu governo, eu diria, simplesmente, sargentos brasileiros, que tudo isso vem do dinheiro dos profissionais da remessa ilícita de lucros que recentemente regulamentei através de uma lei".

Na sua casa em Juiz de Fora, o general Mourão Filho, comandante da 3ª Região Militar, não espera para ver o discurso transmitido pela televisão até o fim. Depois ele escreveria no seu diário: "Deixei Maria (a esposa) na sala e me retirei. Não me convinha, pois eu ia partir contra ele às 4 horas do dia 31 e já eram quase 22 horas do dia 30".

(1) — JK obteve 36% dos votos, Juarez Távora 30%, Ademar de Barros 26% e Plínio Salgado 8%

Depoimentos: o autor de um livro sobre a queda em 64 e o escritor que dirigiu a Agência Nacional no seu governo

Com amarguras no coração

Josué Guimarães, escritor e jornalista gaúcho, foi uma das pessoas com quem João Goulart manteve contato em outubro último quando esteve na Europa. Seu depoimento:

Eu ainda não posso dar o meu depoimento pessoal sobre Jango. Sabem, ele morreu proscrito, morreu de saudade de sua terra, saudades que apertaram de maneira impressionante nos últimos anos. Éramos amigos desde jovens, fizemos muitas campanhas políticas juntos, fui seu chefe de gabinete quando na Secretaria do Interior e Justiça, no governo Ernesto Dornelles. Participei, de armas na mão, da resistência no Palácio Piratini quando o governador Leonel Brizola jogou tudo para que a Constituição do país fosse cumprida. Quando Machado Lopes deu o apoio do III Exército ao movimento, viajei para o Rio onde fui obrigado a lutar contra a perseguição tenaz da polícia política de Lacerda, o qual se opunha à posse do então Vice-Presidente João Goulart. Quando por fim Jango assumiu, voltei para Porto Alegre e tentei retornar à minha vida privada. Mas fui chamado por ele a fim de assumir as direções da Agência Nacional e da Rádio Nacional. Não aceitei nenhum posto, mas ele me nomeou à revelia e fui obrigado a um sacrifício que culminou a 1º de abril de 1964.

Posso falar sobre Jango de cabeça erguida. Nada pedi a ele e ele nunca me deu nada, nem mesmo o financiamento de um apartamento que dependia só dele para que se efetivasse. Eu recusei o seu insistente oferecimento. Seu defeito maior foi o de ser, sempre e acima de tudo, amigo dos seus amigos. E muitos deles, abusaram disso.

Presenciei o desfile de todos os bajuladores do poder. Tenho anotado todos os nomes daqueles que bateram à sua porta com os bolsos entupidos de pedidos, os mais absurdos e abusivos. Industriais, comerciantes, políticos — todos os que prestaram vassalagem e que, depois de 64, deram as costas a ele e sobre ele jogaram toda a sorte de ignomínias, de acusações, de agressões.

É fácil, muito fácil, cuidar com carinho da amizade, ainda que distante, que se possa ter com um Presidente da República. O difícil, o quae impossível, se levarmos em conta a natureza humana, é estreitar essa amizade quando o homem está proscrito e amarga o exílio e a desgraça. Com bastante orgulho afirmo que foi isso exatamente o que fiz. Sempre que possível fui visitá-lo. Passava os meses de janeiro em Piriápolis, a 30 km de Punta del Este, onde podia estar com Jango seguidamente. Quando eu não ia à sua casa ele ia me buscar e ficávamos muitas horas rememorando fatos, comentando traições e deslealdades.

Em janeiro de 74 conversei com ele a respeito dos problemas cardíacos que no atigiam os dois. Queriam que eu fizesse a operação "safena". Ele me desaconselhou e quis que eu fosse a Lyon, na França, para fazer os mesmos exames que ele havia feito. Chegou a me oferecer dinheiro para a viagem. Não aceitei, mas fiquei pensando no assunto e em abril viajei para Paris e lá me submeti a exames no Hospital Charles De Gaulle, em Vincennes. Ele acompanhou o meu caso e se mostrou satisfeito com os resultados dos exames.

Em agosto último, chegando da Europa onde me encontrava havia cerca de dois anos, estive em missão jornalística em Montevidéu e, naturalmente, fui procurar os meus amigos exilados. Jango estava de partida para Londres e só pude conversar com ele durante poucas horas, ocasião em que fui testemunha do seu gesto de reconciliação pessoal e política com seu cunhado, ex-governador Leonel Brizola.

Jango me prometeu telefonar de Londres para Lisboa, pois pretendia avistar-se com Mário Soares, primeiro-ministro português, o que foi feito quando eu me encontrava, na ocasião, em Paris.

Seus filhos, João Vicente e Denise, estavam em Londres. Fora obrigado a separar-se dos filhos em virtude das constantes ameaças à vida dos dois, feitas por elementos da extrema direita argentina e uruguaia. Naquela noite em Montevidéu, Jango me disse que pretendia, de Londres, viajar direto para o Rio de Janeiro. Estava disposto a enfrentar qualquer problema, mas não conseguia mais viver e nem suportar a vida de exilado. Diante da notícia divulgada por vários jornais, de que seria preso assim que chegasse ao Brasil, desistiu, rumando mais uma vez para Buenos Aires. Era um homem semidestruído. Longe dos filhos, com a vida ameaçada no Uruguai e na Argentina, sem condições de regressar ao seu país do qual fora Presidente pela vontade popular, Jango só poderia ter agravados os seus problemas de coração. E foi o que aconteceu..

Imagino só as amarguras que minavam o coração de Jango. Mas quer queiram, quer não, a História termina por destapar sepulturas, por baixar a máscara de circunspectos cidadãos que se julgam paradigmas da Pátria.

Querem apontar defeitos do governo Goulart? Perfeito. Mas não vão conseguir, jamais, negar a realidade de que foi um governo amplamente democrático, onde os direitos humanos foram respeitados, onde não havia um preso político, onde a imprensa e o pensamento não sofreram a mais leve censura, onde qualquer um podia externar livremente o seu pensamento, onde os adversários do governo podiam se fazer ouvir através de qualquer meio de comunicação.

Como escritor — e não como político, que não o sou — lamento profundamente a morte de Jango como lamentei a morte de Juscelino: com eles no governo o pensamento nacional representava, de fato, a vida nacional. Quantos governantes poderão orgulhar-se dessa virtude?

Modéstia à parte, tenho muito o que contar sobre um bom pedaço da vida política brasileira. Se tiver condições decentes para sustentar a minha família, se o meu coração permitir — que é irmão do de Jango na doença — e se voltar ao país o direito dos cidadãos em escrever História, botarei no papel o meu depoimento sobre tantas páginas que de momento ainda não podem ser folheadas. Não se trata de uma ameaça, mas apenas de uma promessa para com a verdade.

Só me resta um adeus sentido ao velho amigo João Goulart. Ele agora já pode cruzar a fronteira do seu país e matar saudades da sua terra. O que os homens não permitiram — eles que se dizem justos — a morte lhe concedeu.

A mulher, Maria Tereza, e a filha, Denise, no enterro, em São Borja.

O menos janguista de todos

O historiador Hélio Silva, autor do *Ciclo de Vargas*, esteve no início de 75 uma semana com Jango em Buenos Aires, colhendo material para seu livro 1964 — Golpe ou Contragolpe, lançado há poucos dias. Ele escreveu este depoimento para o *Coojornal:*

Meu depoimento sobre Jango Goulart é feito na qualidade de pesquisador, já que acompanhei toda sua trajetória política e guardei documentos desta época que me valeram um livro, *1964 — Golpe ou Contragolpe,* e também do convívio pessoal. Depois de publicar este livro, cujos originais foram enviados a Jango, que os examinou e aprovou, mesmo nas partes em que o livro não lhe é favorável, eu fui convidado por ele e estive em Buenos Aires durante uma semana, quando mantivemos um contato diário, freqüente.

Nesta ocasião, pude ouvir o homem que tinha deixado a Presidência da República, e encontrei, como sempre, um homem bom, sem rancor, homem generoso, com acendrado amor pelo seu país. O grande desejo de Jango era voltar para o Brasil e aqui viver, afastado da política. A experiência política deve ter-lhe sido muito penosa. Referindo-se a seus filhos, que estavam ao lado dele, ele teve uma expressão que não esquecerei: "Hélio, eu perdi a Presidência da República, mas ganhei os meus filhos, pois se tivesse continuado envolvido pela política, talvez não poderia ter dado a meus filhos a asistência que dou agora e que faz com que eles sejam os meus melhores amigos".

O empenho dele em voltar para o Brasil era principalmente pelos filhos, que queria criados como brasileiros. Isto não foi possível — e ele levou esta mágoa. É por isso que, com a autoridade de um velho médico, um homem que exerceu a medicina durante 50 anos, eu afirmo: esta depressão, esta mágoa, é uma causa determinante da enfermidade que o matou. A gente morre de pesar. Se Jango tivesse voltado para o Brasil, talvez o tratamento a que se submetia tivesse dado um resultado melhor.

Encontrei o Jango atualizado com os problemas do Brasil, interessado em tudo que se referia à sua Pátria. Recebia brasileiros e era muito visitado por eles, independente de coloração política. Também a população de Beunos Aires tinha por Jango, o *doutor*, como era conhecido, um grande carinho. E a evocação de seu nome, e o fato de estar na companhia de Jango, era a melhor credencial que alguém podia apresentar em Buenos Aires.

Conversamos longamente sobre os acontecimentos que tinham determinado o movimento de março de 64. Jango, para usar uma expressão que reproduzi numa entrevista em jornal, era o menos janguista de todos os janguistas. Pude conversar com ele analisando o seu governo, as causas determinantes de sua queda, com uma liberdade que não consegui ter com nenhum de seus colaboradores. Jango mostrava-se homem tolerante. Ele analisava e reconhecia às vezes que a sua conduta não tinha sido a mais oportuna. E que certas providências que ele deixou de tomar, ou certas providências que ele tomou inoportunamente, concorreram para o final dramático de seu governo.

Outro ponto importante deste convívio que tive com Jango foi a concepção que ele tinha, de que era um homem a serviço de seu povo, e não para se servir de seu povo. Por duas vezes, em 1961, quando da renúncia de Jânio Quadros, ele poderia ter chegado à capital da República à frente de uma coluna revolucionária vitoriosa, como já tinham feito em 1930. Não há, no governo de Jango, uma só punição, de militares ou civis, que hajam se oposto à sua posse. É um traço marcante de seu caráter.

Também em 64, quando ele sai da antiga capital, Rio de Janeiro, onde tinham falhado dispositivos de segurança, mas somente em virtude de doença do ministro da Guerra, o general Jair Dantas Ribeiro, vai a Brasília e encontra lá um ambiente preparado para sua deposição. Vai então para o Rio Grande do Sul, onde encontra o povo a seu lado, e encontra seu cunhado, Leonel Brizola, pronto a mobilizar a Brigada e parte da população. E encontra, já no comando do III Exército, o general Ladário Telles, que se propõe a defender o governo legal. Jango reúne os comandantes de corpos, ouve, constata que haveria luta e declara que não quer derramamento de sangue brasileiro. Despede-se e vai para o exílio.

Nós tínhamos combinado uma série de entrevistas que seriam realizadas numa propriedade sua em Punta del Este, onde ficaríamos a sós com um gravador e eu consultaria o seu arquivo. Alguns documentos só poderiam ser divulgados após a sua morte. Este encontro infelizmente não se realizou. Dificuldades minhas para me ausentar de meu local de trabalho, a necessidade que Jango teve de viajar para tratamento de saúde, e finalmente a onda de terrorismo que se instalou na Argentina, retardaram indefinidamente e já agora inapelavelmente este encontro.

Mas ficou, desta oportunidade, a impressão de que a figura de Jango precisa ser reabilitada não em benefício dele, que já está morto, mas em benefício do Brasil e em benefício da História. Numa época conturbada, as lutas políticas são intensas; isto tudo deverá passar, e um dia nós constataremos que nos devíamos orgulhar-nos deste homem que foi presidente do Brasil, que teve uma grande votação, e que até hoje deixou uma obra de sentido nacionalista e popular, e deixou o esquema de reformas de base pelas quais o Brasil ainda anseia.

O tempo passará e fará justiça.

EDIÇÃO DE NATAL !!!

QUADRÃO — ANO II . Nova Série. Nº 3
Edição: Fraga e Edgar Vasques
Colaboradores: Beto, Canini, JC Pacheco, Juska, Hartur, Lilian, Ronaldo, Santiago, Veríssimo e Wilmarx. E aqueles que quiserem aumentar o rol.
Quadrão, suplemento de humor e quadrinhos, é propriedade da COOJORNAL.

JUSKA

AS VIAGENS DO PAPAI NOEL

NA ARGENTINA

NO BRASIL

NA ÁFRICA DO SUL

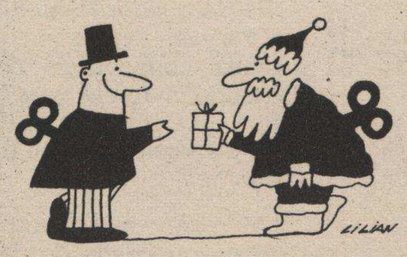
NO CHILE

PACHECO

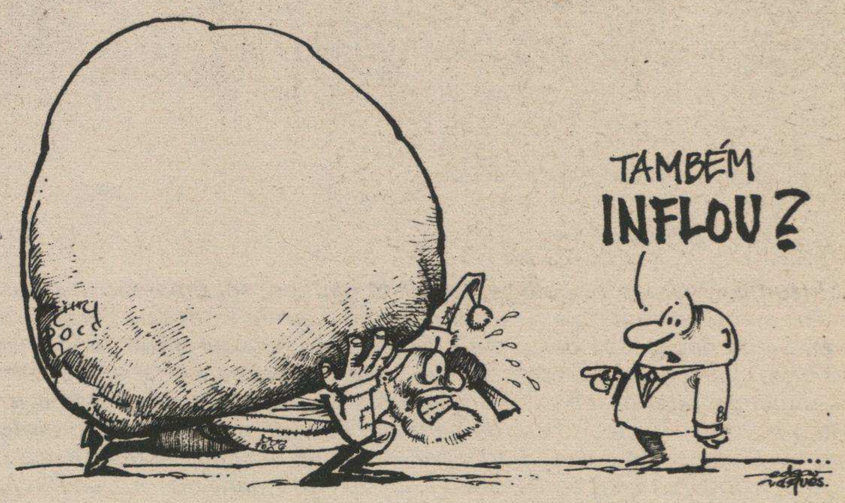
POEMINHA DE NATAL 76

Se, porventura no Natal
Tiveres em tua mesa
No lugar do peru com nozes,
Um prato de feijão
Oh, que beleza!
Um copo de vinho
Nacional
E pão,
Mesmo que seja um bico,
Para matar tua fome
Então, meu filho,
Não serás apenas um verdadeiro
E felizardo homem:
Serás um rico.

LILIAN

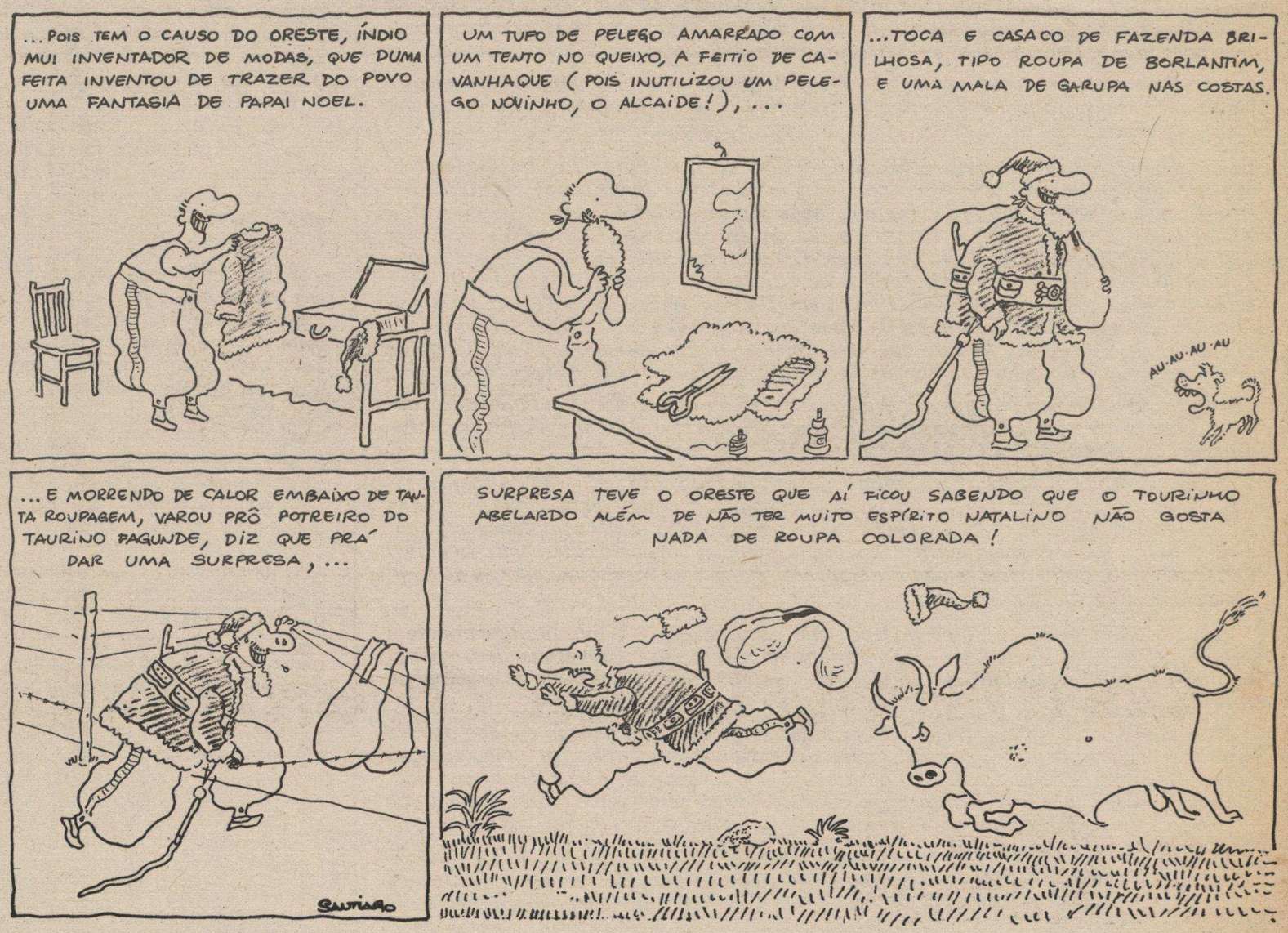


EDGAR VASQUES **Cândido, o perguntador**



RONALDO

OS CAUSOS DO SANTIAGO — III



POEMINHA BEM POSICIONADO

A respeito do controle da natalidade nós temos uma posição a tomar.

Quanto ao descontrole da natalidade aí as posições podem até variar.

DE HUMANISTAS

Humanista que ama os seus semelhantes na verdade ama muito poucos.

"Sujeito falando no Bem, defendendo a Justiça e com papo de igualdade entre os homens? Mata que é humanista!"

Humanistas do mundo, uni-vos: nada tendes a perder senão a manchete nos jornais — "Meia dúzia de malucos em convenção internacional".

FRAGA E AS GRANDES CURIOSIDADES

BuGigAnGaS

do Fraga

ASSIM É

Pobre nem sonha em dar palpite
na exportação de calçados.
Pobre tem os pés no chão.

●

Status, status: quantas dívidas
se cometem em teu nome!

●

Em certos países da
América do Sul, andar armado de
coragem é crime contra
a segurança nacional.

●

Eu tenho uma fé inabalável
no ser humano. No ser humano
de Neanderthal, bem entendido.

●

Não é nada fácil conservar
o ânimo. Em compensação,
o desânimo já vem pasteurizado.

●

No Brasil, cada um se defende
como pode. Isto é,
chorando, gritando
e esperneando como sabe.

DUAS ANTILEIS (À MANEIRA DE MILLÔR)

ANTILEI DA EBCT

• O Correio atrasa a nossa correspondência na razão direta da urgência do seu conteúdo.

ANTILEI DEMOGRÁFICA

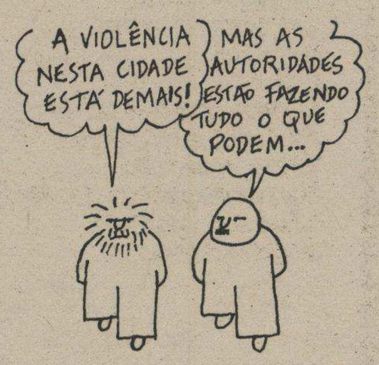
• A fertilidade de um casal e a probabilidade de ter filhos é inversamente proporcional à sua falta de recursos para criá-los

DESCONSELHO

Se você quer fazer valer a sua vontade, experimente fazer com que ela coincida exatamente com as ordens que lhe dão.

A MEU MODO DE VER...

...um dia o nosso país, com o esforço e a inteligência dos nossos líderes, ainda conseguirá a auto-suficiência no racionamento da gasolina.



METÁFORAS NO PAU-DE-ARARA

Acordar em maus lençóis
É quando você abre os olhos e nota que tanto o lençol de baixo quanto o de cima têm a inscrição "Penitenciária de Jacuí — propriedade do Estado" gravada na barra.

Dar o braço a torcer
É quando durante um interrogatório policial você acaba admitindo qualquer acusação para ter o rádio e o cúbito de volta à posição normal.

Estar com uma mão na frente e outra atrás
É quando, depois de um motim na cadeia prendem você nu na mesma cela em companhia de um sujeito cumprindo pena por curra e outro por atentado homossexual oral.

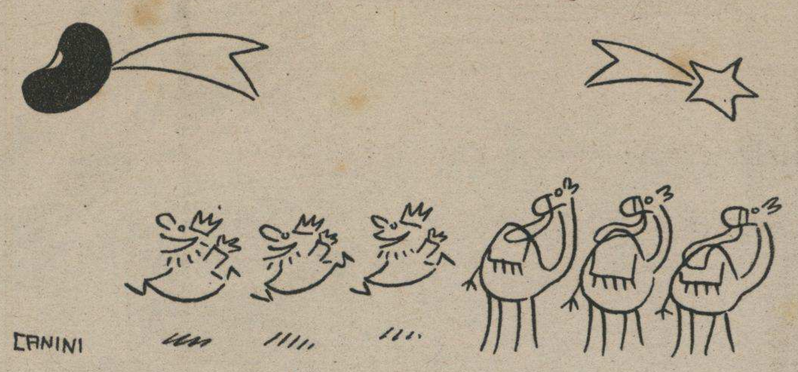
Matar cachorro a grito
É quando, uma semana após a fuga do presídio, você é encurralado faminto e cansado, pelos cães de caça da polícia e seus gritos de pavor rebentam os tímpanos de um animal, causando-lhe a morte.

Dar asas à imaginação
É quando o péssimo tratamento dado aos direitos humanos do detentos na casa de correção faz você delirar e pensar que um dia tudo isso vai ter fim.

Ter as costas quentes
É quando as figuras importantes que você conhece não têm influência nenhuma para evitar o atrito diário da sua região dorsal com a borracha ou o cassetete do carcereiro.

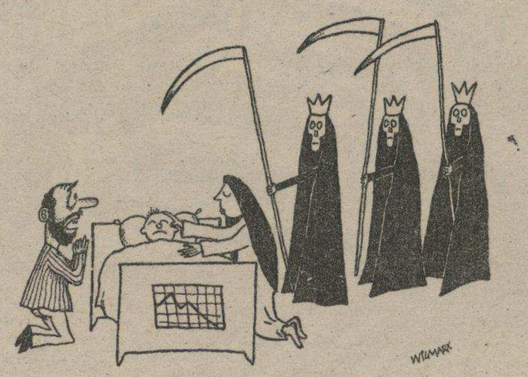
VERÍSSIMO **As Cobras**

CANINI



BETO

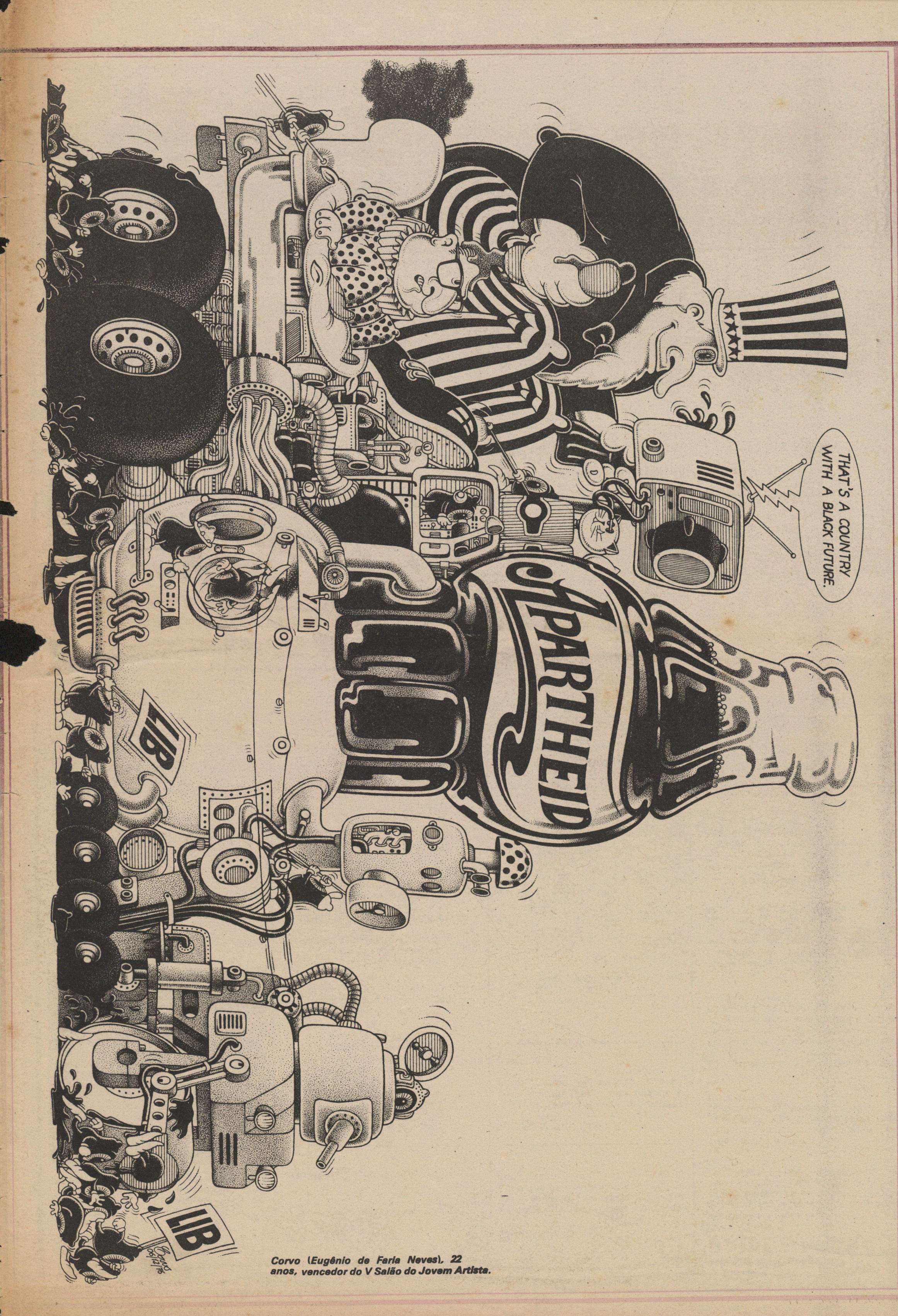
WILMARX



HARTUR

Continental. Som de uma orelha a outra.

Nos 1120, rádio à moda da casa.



Corvo (Eugênio de Faria Neves), 22 anos, vencedor do V Salão do Jovem Artista.